

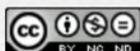
práxis de libertação

Perseguição a militantes que trabalham com o método Paulo Freire

Persecution of militants who work with the Paulo Freire method

insurgência

InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais, v. 8, n. 2, 2022
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.
Este trabajo es licenciada bajo una Licencia Creative Commons 4.0.
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.

ASV

ACE

3

6

6

6

/

8

2

CNF

|

/

|

Toda pessoa que tomar conhecimento
deste documento é responsável pela
manutenção de seu sigilo. (Art. 12 de
R\$AS - Dec. N.º 79.099/77)

CONFIDENCIAL



SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA DE SALVADOR

ENCAMINHAMENTO Nº 0011/740/ASV/82



DATA : 03 JUN 82
ASSUNTO : CAMPANHA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO - MÉTODO PAULO
FREIRE
ORIGEM : 28º BC
DIFUSÃO : ST-750/ASV
ANEXO : Relatório e Solução, com 08 Fls.

=====

Em 16 Jul 64, por determinação do Cmt do 28º BC foi
instaurado um Inquérito Policial Militar - IPM para apurar atos
de corrupção e subversão, ocorridos na Campanha Nacional de Al-
fabetização - Método Paulo Freire, em ARACAJU/SE.

* * * * *

CONFIDENCIAL

A T E N Ç Ã O

O original deste documento (com 06 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

1º Ten Fontes

2

CAMPAINHA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO
RELATÓRIO

EXPOSIÇÃO - Aos dezesseis dias do mês de julho do ano de um mil novecentos e sessenta e quatro, foi mandado em Boletim Interap / numero cento e trinta, pelo Comando do Vigésimo Oitavo Batalhão de Caçadores, que se processasse um Inquérito Policial Militar, / para apurar atos de Corrupção e Subversão, havidos na Campanha Nacional de Alfabetização - Método Paulo Freire, nesta Capital de Sergipe. Durante deztoite dias apenas foram tomadas medidas de ordem burocrática, estudos do Método Paulo Freire e fatos acontecidos. A documentação recebida foi a seguinte: Portaria de instauração do Inquérito, Provas de Seleção de Curso de Supervisores, / trabalhos de aula dos alunos de mesmo curso; provas dos entrevistados do Concurso de Coordenadores; um grande numero de fichas 7 pesquisas dos supervisores nos Bairros da cidade e o arrolamento de todos os bens pertencentes a Campanha Nacional de Alfabetização. Foi iniciada a elucidação dos fatos, ouvindo-se as testemunhas indicadas pelo Chefe das Investigações desta Guarnição. Primeira testemunha: Terceiro Sargento Fernando Caio Mendes Tavares; Segunda Testemunha: Terceiro Sargento Roberto Augusto de Carvalho Vasconcelos e como terceira testemunha o terceiro Sargento / Agnaldo José dos Santos (sendo este ouvido por último pois o mesmo se encontrava baixado ao HGES). Nos depoimentos das duas primeiras testemunhas, é de se observar que os mesmos acusam a CNA ser um meio de subversão, porém não apresentaram fatos concretos que possa fazer tal afirmação; mas deixaram bem nítido que nas / que assistiram, os assuntos políticos sobrepunham os de técnica de ensino. Na inquirição do indiciado JURGUTA BARRETO DE LIMA, / quase nenhuma pergunta pôde-se fazer a seu respeito; pois não existiam nem mesmo em sua prova de Seleção e trabalho de aula, / nada que o incriminas. Foi um sincero depoimento, que me parece / exprimir a realidade dos fatos, e inclusive durante todo o tempo se mostrou calmo e seguro de si. O que foi bem interessante em suas declarações, é o fato de que ao se inscrever no Curso de Supervisores por não ser indicado por nenhuma Entidade, o Sr Marcos Guerra da Equipe Técnica, achou de o indicar logo pela UUES, podendo este caso ter duas hipóteses: a primeira, por achar o Sr Marcos Guerra aquela organização, a ideal para as indicações; e a segunda, por ser o Sr Jurguta estudante Universitário. Com respeito a seus antecedentes, tem lá seus "Senões" (Ver cópia / autêntica de sua Ficha Informativa); porém isso não é assunto do presente inquérito. Na inquirição do indiciado ROSA HELENA CONCEIÇÃO, pôde-se observar que a depoente cursou a Campanha como / mera estudante e nela funcionou simplesmente como funcionária. / Provas contra ela não existe praticamente, pois sua prova de Seleção e o dever de aula, ela se sai muito bem, quando diz que "ex-primeza apenas conceitos apreendidos no Curso. Porém seu depoimento é um testemunho contra os que fizeram a preparação dos Supervisores. Durante o depoimento, ela se comportou bem, só demonstrando querer transparecer possuir cultura, o que define como pessoa facilmente influenciável. Sua vida progressa nada diz (pelo que se pode saber) de mal a seu respeito, exceto uma baderna estudantil, e que não é de valor suficiente para ser acusada. Indiciado JACKSON SÁ FIGUEIREDO - As provas existentes sobre as atitudes deste indiciado, não podem ser motivo de sua culpabilidade; pois, ele afirma categoricamente que os conceitos e os termos empregados em sua prova de Seleção e Trabalho de aula, foram assim exprimidos, e na qualidade de aluno não podia agir de outra maneira, tendo em vista a reprovação; e, também, não chegou

Continua...

2
13

- Relatório - Continuação:

a dar uma só aula. Durante o depoimento, mostrou-se calmo e seguro de suas respostas. Quanto ao que consta em sua ficha Informativa, nada diz respeito sobre seu comportamento na CNA, exceto uma viagem para compra de Slides e que não parece haver nenhuma anormalidade. No seu depoimento uma informação foi importante: a de haver na CNA uma Tesouraria, onde o Tesoureiro e seu 7 auxiliar, eram componentes da Equipe Técnica, e haver sido de outro Estado. Indiciada MARILZA DANTAS MAYNARD - sobre esta indiciada, não há sobre hipótese alguma, nada que a incrimine; // pois, as respostas as provas de Seleção e ao seu trabalho de aula, não possuem fundamento nem mesmo ideias, que venham contra a Ordem Pública. A depoente, portou-se de maneira calma e segura em suas declarações. Não existe nenhum antecedente que venha se poder duvidar de sua conduta ideológica. Este depoimento de certo modo, é um testemunho contra a Equipe Técnica, que parece ter sido quem praticou subversão. Testemunha LUIZ RABELO LEITE - Durante as investigações, se fez necessário o testemunho de Dr Luiz, vez que este fora Secretário de Educação e poderia prestar esclarecimentos sobre a organização da CNA em varios pontos que pareciam confusos. A presente testemunha defendesse muito a Campanha e o Método, e dado momento do depoimento reconhece o perigo da aplicação do Método, e, esclareceu um ponto em que se fazia certa confusão: houve em Sergipe, duas tentativas para sua aplicação; uma em convênio com o Governo do Estado, que deu origem a um curso de coordenadores (onde compareceu as três testemunhas anteriormente mencionadas) e a segunda, mais completa e operante, financiada e autorizada pelo Governo Federal (onde operou, digo, onde operaram os indiciados do presente inquérito). Indiciado - WALDIR BRUNO SOARES - Este depoente durante a inquirição apresentou um pouco inseguro, e com dificuldades em responder as perguntas feitas; porem, isto pode ser efeito de seus nervos, pois pareceu pessoa um tanto neurótico e frustrada. Da sua prova e trabalho de aula, e que se pôde explorar, justificou muito bem, vez que disse e que lhe foi ensinado e o trabalho foi copiado de livro, e mesmo estes fatos não constituiriam provas suficientes para incriminá-lo. Quanto aos seus antecedentes de caráter político-ideológico, nada foi constatado. Indiciada ZELITA RODRIGUES CORREIA - As provas existentes contra a pessoa dessa Senhora, são apenas: sua prova de Seleção e um trabalho feito em aula. Ora, juridicamente isto não é um testemunho suficiente para incriminá-la; pois, o que escreve um aluno em trabalhos para julgamento é unicamente o que lhe foi ensinado, sempre tendo em vista sua aprovação. Quanto ao que escreveu ser ou não ser o seu pensamento, o depoimento explica perfeitamente que suas ideias não são subversivas, e não tendo juridicamente meios de prova o contrário ao que esclareceu sobre o 7 que disse em provas, não se vê nenhum fundamento para enquadrá-la no presente inquérito. O que fez, digo, e que diz sua prova, digo, e que diz sua Ficha Informativa, não lhe dá bons antecedentes; porem em nada influenciam no que existe de concreto sobre suas atividades na CNA. Seu depoimento é de grande valia para as investigações; pois declara, serem perguntas do teste de Coordenadores (a entrevista), haver sido orientada pela Equipe Técnica, que a CNA era independente tecnicamente e administrativamente, e o tesoureiro da Campanha era um senhor chamado JORGE de Tal. Indiciada ARLY SILVA E LISBOA - Sobre esta Senhora, // temos sua prova de Seleção e trabalho de aula, onde podemos // observar em alguns tópicos, que inclusive foram abordados em // seu depoimento demonstrar uma possibilidade de tendências "Es-

Continua...

5
Spalte 104

- Relatório - Continuação:

querdistas"; pois, os exemplos que utilizou e a convicção com que defendeu os pontos de vista, estão bem caracterizados, e mesmo, quando em seu depoimento foi perguntada sobre quem considerava // "REAÇÃOÁRIO" no hoje Brasileiro, negou-se a responder. Porém, todos estes fatos são subjetivos, e Juridicamente não têm valor para acusação. Quanto ao seu depoimento é interessante observar que, afirmou ser os conceitos dados em provas do Curso de Supervisores expressão, em grande parte, de sua opinião pessoal e de tudo que foi ensinado pelos professores do Curso. Durante suas declarações, mostrou-se um tanto inquirido e inclusive portando-se de maneira // um tanto desatenciosa, pelo que foi devidamente advertido. Segundo informações do chefe das investigações do BC, 1º Tenente CANDIDO REBÊLIO LEITE, foi ouvida a Testemunha Sra LIGIA SALES DE CAMPOS LIMA, que se dizia reprovada pela depoente e não havendo motivo desde que fizera boas provas. No decorrer de sua depoimento // foi dito ser sabedora que o motivo da reprovação tenha sido o resultado em grau atribuído a sua Entrevista, pela Srta Arly, sua entrevistadora, por intermédio da Srta Maria José Santans, que // sendo indiciada neste inquérito, foi reinquirida, e confirmou o // que foi dito por Dona Lígia. Convem ressaltar aqui, que Dona Lígia pelo fato de haver sido reprovada no Curso é Juridicamente // uma Testemunha Duvidosa (Infricante) e a Srta Maria José, apenas confirma a causa da reprovação haver sido pelo resultado da Entrevista. Porém, a vista destas declarações, reinquiri a Srta ARLY, e esta se demonstrou mais uma vez um tanto agressiva, se negando a prestar qualquer esclarecimento sobre o assunto, vez que achava não ser da competência deste inquérito, digo, inquérito. A fim // de conseguir algum esclarecimento da depoente o que era importante para as investigações, tentou-se uma confrontação entre a Srta ARLY e D. LIGIA e uma outra entre a Srta ARLY e Srta MARIA JOSÉ, o que foi erradamente dado o nome de "ACARBAÇÃO", pelo que aqui refiro como sendo uma CONFRONTAÇÃO; e, mais uma vez a depoente se nega, em resumo, a prestar esclarecimentos. Ora, considerando pelo que foi exposto, que a acusação parte de uma INFORMANTE, que nos documentos recebidos pelo encarregado do Inquérito, faltou // como tantos outros a Entrevista de D. Lígia, e mesmo que tivesse nos essa Entrevista em mãos de nada serviria, pois as respostas // as perguntas feitas foram gerais, e ainda, considerando que o dito em provas pela depoente, não exprime que tenha tomado atitudes // Subversivas, não creio haver provas fundamentadas contra a depoente para enquadrá-la na Lei de Segurança Nacional, no entanto a sua recusa em responder perguntas feitas sobre certos fatos, deixa em dúvida qual a sua posição. Neste caso, como existe dúvida, não sendo o Encarregado do Inquérito um Deutor em Direito, acha // por bem, não incriminar a indiciada, salve melhor julgamento de // autoridade mais competente em assuntos de Direito. Neste depoimento a indiciada faz alusão ao automóvel Volkswagen ser de propriedade do Sr Paulo Pacheco. TESTEMUNHA - AGNALDO JOSÉ DOS SANTOS - // Este depoimento é o testemunho contra a primeira fase da aplicação do Método Paulo Freire em Sergipe; pois, faz sérias acusações sobre aulas ministradas, e diretamente ao professor Jgrbas de Tal, e inclusive teve comentários importantes sobre condições e os por // menagens de debates a respeito de certos assuntos. INDICIADA ARY SILVA E LISBÔA - Em seu depoimento se vê perfeitamente, o grau de doutrinação em que se encontra a depoente, pelos professores do // Curso de Supervisores. Defende ardorosamente o Método Paulo Freire, porém subjetivamente deixa claro que espécie de POLITIZAÇÃO // ensinava o Método, isto é foi ensinado o Método. Seus antecedentes não são muito bons, segundo se vê em sua Ficha Informativa, porém nada ter a ver com o presente inquérito. Concluindo, não // considero culpada vez que o que escreveu e pensa não constitui

Continua...

- Relatório - Continuação:

crine (como a própria depoente prova, quando cita a Constituição Brasileira em seus artigos que preem a liberdade de pensamento), e não existe nenhuma prova que nas suas atitudes, digo, atividades da CNA, tenha doutrinado a terceiros, como parece ter sido feito com ela. INDICIADA MARIA DE LOURDES RODRIGUES CORREIA - Seu depoimento é uma defeza aos professores do Curso de Supervisores; pois diz que estes alertavam para que não se confiasse, digo, confundisse agitação com politização. Porém confirma com todos os pontos duvidosos em materia de politica partidária e que demonstra haver sido inocentemente doutrinado, confiando assim nos bons propositos que encapa os fatos haviços na CNA. Demonstrou durante todo o tempo segurança e convicção no que declarou em seu depoimento. O termo de interpretação duvidosa que emprego em suas provas do curso, não comprovam nada, digo, nem mesmo ideias subversivas. Suas atividades na CNA, não se tem nenhuma prova de que nem ao menos pudesse realizar atos de subversão. Portanto, não há motivo para se acusada de subversão. INDICIADO JACKSON DA SILVA LIMA - No seu depoimento deixa bem clara a finalidade de Politização da Campanha e Método porém; es defende por não haver estado nada de subversão. O interessante de suas declarações, é o que diz respeito sobre a supremacia dos componentes da Equipe Técnica, sobre os supervisores, na formulação das questões de prova dos Coordenadores e centralização daquela Equipe nos assuntos administrativos. Contra a pessoa de indiciado, não foi encontrada nenhuma prova de ideias subversivas e muito menos de atitudes, o que o qualifica como inocente, e mesmo, em seu depoimento mostra-se claro, desembaraçado e muito seguro do que dizia. INDICIADA - TEREZINHA SILVA RIBEIRO - Suas declarações pouco tem de interessante, exceto a confirmação de o Sedan Volkswagen era utilizado unica e exclusivamente pelos da Equipe Técnica. Não encontra-se nenhuma prova de sua culpabilidade em atos de subversão, e durante todo o seu depoimento mostrou-se segura do que dizia. Defende muito a Campanha de Alfabetização e o Método, pois como todos os outros supervisores, não viram maldade, acreditando na boa fé dos homens. INDICIADA - MARIA JOSÉ DE SANTANA - As provas desta Srta, realizadas no curso, são verdadeiras testemunhas de sua inocencia; pois nada tem que a incrimina-la. Sobre seu depoimento é de se observar, que inclusive, não concordava com o Método de Paulo Freire, no ponto em que este ensinava a politização de adultos, e como prova disso, alegou não haver tomado interesse sobre as aulas que abordavam assuntos dessa natureza. Ainda assinalou, que o Sedan Volkswagen era constantemente utilizado pelo Sr Paulo Pachêco, e também que observava este possuir chapa particular. Durante toda a inquirição, demonstrou-se segura de si, e muito desembaraço em responder um fato, digo, em responder as perguntas. Houve uma reinquirição para esta depoente, porque se tornou necessario para esclarecer um fato no caso da Srta Arly Silva e Lisboa, como já foi tratado anteriormente. INDICIADO JOSÉ MARIA DO NASCIMENTO - Este individuo é um estudioso de filosofia, e por isso lê muito, inclusive Karl Max. quanto ao seu depoimento foi claro e preciso, não usou de nenhum subterfugio para contornar as perguntas feitas. Embora defenda o Método Paulo Freire, concorda no ponto em que de certo modo os pontos de vista politicos da Campanha, seguia as diretrizes politicas do Sr Joao Coulart. Não se portanto, prova alguma que o implique no crime de subversão. É interessante ressaltar o que diz a respeito do Sedan Volkswagen, que julgava ser de propriedade particular do Sr Paulo Pachêco; pois, este o usava constantemente em serviços particulares. INDICIADA MARIA AUXILIADORA DA SILVA - Para inicio, não vê nada que possa enquadrar esta Srta, como indiciada neste Inquirite, pois, nem mesmo as suas provas no curso de Supervisores, constam ideias que possam compromete-las. Seu depoimento é de grande valor pois faz serias acusações contra a CNA e a Equipe //

(continua...)

6
5
10/11/55

- Relatório - Continuação:

Técnica, tanto mesmo de subversiva, e comprovando a exploração dos assuntos políticos no campo partidário. Acusa ainda, o Sr. Paulo Pacheco de ter usado o Sedan Volkswagen, como propriedade particular. Portanto, a Srta em questão deveria estar neste inquérito como testemunha e não como indiciada. INDICIADA MARIA AUXILIADORA ROSAL CAMPOS - Como a anterior, contra esta Srta não se vê nenhuma prova que a acuse: pois, nem mesmo, seu exame escrito demonstraram possuir ideias subversiva. Em seu depoimento muito defendeu o Método Paulo Freire, porém não demonstrara possuir muita fé na CNA. Mostrou-se muito segura e sincera em suas declarações. Conclui portanto a depoente não ser e não haver subvertido a Ordem Pública, muito embora sua Ficha Informativa dizer ter havido ligações da depoente com entidades tidas / como subversivas, porém, isso não vem interessar ao julgamento / do presente inquérito. Convem ressaltar que, declarou sempre ter pensado ser o Sedan Volkswagen de propriedade particular do Sr. Paulo Pacheco. INDICIADO RENATO CHAGAS - Também sobre este senhor, não existem provas para uma acusação; exceto pelos seus antecedentes (Ver Ficha Informativa) o que não interessa ao presente inquérito. No tocante ao seu depoimento, mostrou-se seguro e calmo em todas as suas declarações, expõe uma defesa a CNA, porém é interessante observar, que constatou haver coincidência entre os assuntos políticos observados em aulas e os das diretrizes do Governo João Goulart, dizendo de certo modo que aquela se guira as orientações deste. INDICIADO - PAULO BARBOSA DE ARAUJO - Sobre este indiciado, temos informações de ser elemento comunista e agitador; porém, todos os informantes assim o dizem por conversa, sem desejar prestar denúncias a esse respeito. O próprio chefe das Investigações de BC, não possui fatos suficientes ou declarações para lhe fazer uma Ficha Informativa. // Sua prova de seleção e o trabalho de equipe (único documento que se possui a seu respeito na CNA), embora empregue certos termos utilizados pelos comunistas, não são fatos suficientes para uma acusação e mesmo em seu depoimento os defende muito bem, como / também justifica a CNA e o Método Paulo Freire. Durante suas declarações, mostrou-se seguro, desembaraçado e atencioso. Portanto, não vejo porque incriminá-lo no presente inquérito. Convem, observar que em seu depoimento confirma que também julgaria ser o Sedan Volkswagen, de propriedade particular do Sr Paulo Pacheco. INDICIADA - LUCIA VIANA RIBEIRO - Sobre esta indiciada, não se vê motivo para que ela fosse considerada como indiciada no / presente inquérito; pois, nem mesmo sua prova de Seleção e trabalho de aula, encerram conceitos que a comprometam, e não, se constata nenhuma ação, que venha incriminá-la. Seu depoimento foi claro e lógico, defendendo dentro de seus pontos de vista as finalidades da CNA e do Método Paulo Freire. INDICIADA - ELEONORA LEITE PEREIRA - Também não foi encontrado nenhum teste, documento ou informação que a compromettesse, inclusive não tomou parte na reunião da Campanha para formulação de questões de prova para / Coordenadores. Seu depoimento demonstra a sua boa fé na CNA e o Método Paulo Freire. INDICIADO - JUIZ EDUARDO COSTA - Os únicos documentos ou informações que se encontra sobre o aludido senhor são: a prova de Seleção de Curso de Supervisores e um trabalho / de equipe feito após uma das aulas. Ora, estas provas em si, já não são de valia jurídica, e mesmo não se encontra nas suas exposições de trabalho do curso, nada que o incrimine. Não existem informações do chefe das Investigações de BC sobre atitudes subversivas de indiciado. Ao meu ver não há motivo para haver entrada no presente inquérito como indiciado. Porém seu forçado a julgá-lo a Revelia, vez que por duas vezes não foi encontrado em

Continua...

6
107

- Relaterio - Continuação:

sua residência não sendo encontrado, e não sabendo os seus familiares dar notícias de seu paradeiro. Foi publicado um Edital, e // divulgado pela Imprensa Falada e Escrita deste Estado de Sergipe, intimando-o na forma da Lei e no prazo de 48 horas (Ver Edital) // a comparecer ao 28º BC, para prestar depoimento, o que não o fez até a presente data. Portanto a Revelia, o conservo como indiciado. INDICIADO - PAULO PACHECO - Este pelo que parece é o maior // responsável (entre os outros considerados indiciados), por toda a corrupção e subversão havidas na CNA. Como coordenador geral da // campanha, apoderou-se da sedan volkswagon, comprado com verbas // da campanha, como se fosse propriedade particular sua, inclusive usando chapa particular e, comprovando o que acaba de afirmar, // tendo a certidão da Inspeção de Veículos deste Estado e as declarações de alguns indiciados em seus depoimentos, quando dizer sem // pre ter julgado que o referido carro fosse do Sr Paulo. Para maior // comprovação, culminou o Sr Paulo Pacheco em apoderar-se, e // para não se dizer furtar o automóvel, para meio de locomoção de sua fuga. Segundo os depoimentos das Senhoritas Terezinha Silva Ribeiro, Maria Jose de Santana, Maria Auxiliadora Silva e Maria Auxiliadora Rosal Campos, havia na Campanha duas Rurais Wyllys de Cor vermelha e branca, e uma verde e branca, porém, pelo arrelamento do material Auto-móvel confiscado pelo BC, estas faltando a Rural de cor verde e branca e uma vermelha e branca. Deste se conclue que as referidas carros foram roubadas ao eclodir da Revolução, ignorando-se os gatunos, recaindo a responsabilidade ao Sr Paulo Pacheco; pois, como chefe da organização, deveria estar à testa // da para impedir fatos desta natureza e no entanto começou dando o mau exemplo, evadindo-se e com ele levando o Sedan Volkswagen. // As declarações da Mobiliária Chic sobre notas fiscais de compras // de móveis por parte do Sr Paulo Pacheco em nome da CNA, e o arrelamento feito pelo BC, dos móveis encontrados nas residências dos senhores Paulo Pacheco, Jorge Oliveira (o Tesoureiro da Campanha) e Marcos Guerra, comprovam perfeitamente a Improbidade Administrativa de princípio, com a conivência dos outros dois. Pesa-lhe também a acusação sobre subversão, pois, pelo que ficou claro pelos depoimentos, soube-se que e no curso ensinava-se mais politização do que mesmo metodologia de ensino, e ainda, nas próprias provas de seleção de curso de supervisores, quando se faz algumas, // se faz alguns lençotes para solução da prova, no item I diz: // "Trata-se de uma série de perguntas simples que você está apto a responder de vez que, se dirigem unicamente a pontes absurdas e debatidas durante o curso de treinamento, e que foi ensinado. Ora, sendo o Sr Paulo Pacheco, o coordenador geral, é responsável pelo desenrolar dos fatos. Para finalizar a sua fuga, o não atendimento ao Edital, intimando-o a prestar esclarecimentos no 28º BC, // comprovando a sua culpabilidade nas acusações que foram impostas.. CONCLUSÃO - Examinando atentamente todos os depoimentos, as provas existentes sobre o assunto do presente inquérito, e ainda tendo // em base a parte expositiva deste Relatório, dou o seguinte parecer: 1. Achar não haver culpabilidade nos seguintes indiciados: RENATO CHAGAS, ARLY SILVA E LISBÔA, ARY SILVA E LISBÔA, ELEONORA PEREIRA, JACKSON DE SÁ FIGUEIREDO, JACKSON LIMA, JUGURTA BARRETO, JOSÉ MARIA BARRETO, LUCIA VIANA, MARILZA MAYNARD, MARIA JOSÉ DE SANTANA, MARIA DE LOURDES RODRIGUES, MARIA AUXILIADORA SILVA, PAULO BARBOSA DE ARAUJO, ROSA HELENA, TEREZINHA RIBEIRO, WALMIR BRUNO SOARES, MARIA AUXILIADORA ROSAL e ZELITA RODRIGUES CORREA. Pois considerando uma simples resposta a questões de exame de concurso, sem valor Jurídico, se a liberdade de pensamento prevista na Constituição Brasileira e que não houve tempo para // que entrasse em pleno funcionamento na Campanha, e ainda, que //

Continua...

CONFERE COM O ORIGINAL
Em 02 / Junho / 1982
[Signature]
CHEFE DO SI - 750

7 03
Folha 2

- Relatório - Continuação:

a única probabilidade de agir subversivamente teria sido nas Entrevistas, e esta por ser uma prova oral sem testemunhas enter o digo, entre o indiciado e um examinador e mesmo por não se possuir que nenhuma das fichas em que os examinadores contavam respostas certas e erradas; é de se concluir pois, não haver nenhuma fundamentação jurídica para uma prometeria. 2. Conserve como indiciado / do presente inquerito, o Sr Luiz Eduardo Costa, não por haver // a sua responsabilidade, e sim por ter sido julgado a revelia. 3. Impute o Sr Paulo Pacheco a maior responsabilidade pelos atos de corrupção e subversão havidos na CNA; pois além da condição de chefe / fia que era possuidor, e de sua fuga que define sua consciência de responsável e culpado, ainda praticou os crimes previstos em / lei: a) FURTO - por haver subtraído para si, no momento de sua // fuga, o sedã Volkswagen, que era de propriedade da CNA, comprado de seu ex-diretor da Região; Art 155 do Código Penal e 190 do / CNA. b) APPROPRIACÃO INDÓLETA - por haver apropriado-se de um sedã Volkswagen, pertencente a CNA, e detendo a posse de mesmo, // inclusive registrando-o na Inspeção de Veículos, com chapa particular; Art 168 do Código Penal. c) FURTO - por haver se a- / propriado das verbas recebidas pela CNA, comprando móveis dos // mais luxuosos, para montagem de sua residência e no de mais dois de seus auxiliares; Art 312 do Código Penal e 229 do CNA. d) // SUBVERSÃO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA - por haver, como chefe da campanha, permitido e orientado a Equipe Técnica, a doutrinar em Supervi- / soras, deturpando a filosofia do Método Paulo Freire, politizando de mau sentido a Política Partidária, dentro das diretrizes de agitação própria da Política Governamental do ex-presidente Jene Coulart. 4. Indício os senhores JARBAS DE TAL, JAMES FOURENER, CARLOS LUIS, SISELDA SALES, NIDANAR DE TAL, e PAULO VIRENS. Por ha- / verem, como professores da CNA, em suas aulas, deturpado (pelo / que parece), a filosofia do Método Paulo Freire, entrando em um campo político partidário, dentro da agitação política em que o / País foi alvo, durante o governo de então. Fede-se portanto o con- / siderar, como atentado à ordem Política e Social do País. 5. In- / dício ainda os senhores MARCOS GUERRA e JORGE OLIVEIRA; pois po- / le que tudo indica, eram funcionários da Campanha, Auxiliares de Sr Paulo Pacheco, e são, portanto, coniventes com os crimes in- / putados a este, exceto o de furto. 6. Quanto a CNA, baseando-me / nos fatos apurados durante as investigações, sou de parecer ha- / ver sido esta Campanha, não uma Campanha Educacional, e sim uma / campanha para fazer propaganda e doutrinar o povo sobre as linhas / políticas do Sr Jene Coulart, que até a concepção e fins em práti- / ca, ao de sua gestão governamental. 7. Quanto ao Método Paulo // Freire, e considere eficiente e prática para o problema educaci- / onal de Brasil. Porém, a sua filosofia na parte de politização é / nociva, pois, pode ser deformada, como o foi. No entanto, se // for dada uma assistência e entregue e ~~entregue~~ sua aplicação a // homens que queiram fazer o progresso do País, baseando-se em seus / princípios democráticos, poderá surtir bons efeitos e se resol- / ver o grave problema da Educação.

Quartel em Aracaju, 4 de setembro de 1964

 JOSE MARIQUE LEITE FORTES - 1º Tenente
 Encarregado do IPH.

10

S O L U Ç Ã O

Examinando atentamente as peças que constituem o presente Inquérito Policial Militar, discordo em parte da conclusão do relatório apresentado pelo 1º Tenente JORGE HENRIQUE LEITE FONTES.

Considerando,

que também é crime, o incitamento à prática deste, desde que o seja feito em público, mesmo quando resultasse improficuo; que ainda o incitamento é crime, quando em jogo o interesse da ordem social-política (artigos 11, 12 e 15 da Lei 1.802/53; se esse incitamento é feito pela Imprensa, incorre-se no artigo 9º, letra c, da Lei 2083/53 (Lei de Imprensa); que se o crime cuja prática se instiga é lesivo de interesse militar, estar infringindo o artigo 134 do Código Penal Militar; que o incitamento pode ser realizado por meios de palavras, discursos ou exortações em reuniões públicas, pregões na praça pública, transmissões radiofônicas, ou escritos em boletins, circulares ou inscrições em lugares públicos ou acessível ao público, ainda que somente pela visão, ou ainda qualquer outro processo, representações teatrais, televisões, cinemas e etc.

Este Comando conclue, também pela responsabilidade da equipe de supervisores pois que, sua missão, não era sinão a de transmitir ao grupamento imediatamente subordinado, ou seja aos COORDENADORES, o mesmo ensinamento, as mesmas ideias, o mesmo incitamento no campo político-partidário à atentarem contra a ordem Política e Social do País, à conviência a subversão da ORDEM PÚBLICA e a deturpação da filosofia do Método Paulo Freire.

Desta forma, indicio também, JUGURTA BARRETO DE LIMA, ROSA HELENA CONCEIÇÃO, JACKSON SÁ FIGUEREDO, MARILZA DANTAS MAYNARD, WALMIR BRUNO SOARES, ZELITA RODRIGUES CORREIA, ARLY SILVA E LISBOA, ARY SILVA E LISBOA, MARIA DE LOURDES RODRIGUES CORREIA, JACKSON DA SILVA LIMA, TEREZINHA SILVA RIBEIRO, MARIA JOSÉ SANTANA, JOSÉ MARIA DO NASCIMENTO, MARIA AUXILIADORA DA SILVA, MARIA AUXILIADORA ROSAL CAMPOS, RENATO CHAGAS, PAULO BARBOSA DE ARAÚJO, LUCIA VIANA RIBEIRO, ELEONORA LEITE PEREIRA e LUIZ EDUARDO COSTA, como incursos nos artigos 11 e 17 da Lei nº 1.802/53 - LEI DE SEGURANÇA NACIONAL e artigo 25 do Código Penal Comun.

E, como os fatos constituem crime da competência da Justiça, sejam estes autos remetidos, com a possível urgência, ao Sr Dr Auditor da Sexta Região Militar, por intermedio do Sr Presidente da Comissão Geral de IPM/6.

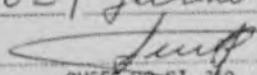
Publique-se a presente solução em boletim interno Reservado.

Quartel em Aracaju, de setembro de 1964.

FRANCISCO RODRIGUES DA SILVEIRA - Major
Comandante da Guarnição e do 28º Btl Caçadores

CONFERE COM O ORIGINAL

Em 02/ Junho 1964


CHEFE DO ST-350

REPRODUÇÃO DE
ORIGINAL ILEGÍVEL

S O L U Ç Ã O

Examinando atentamente as peças que constituem o presente Inquerito Policial Militar, discordo em parte da conclusão do relatório apresentado pelo 1º Tenente JORGE HENRIQUE LEITE FONTES.

Considerando,

que também é crime, o incitamento à prática deste, desde que o seja feito em público, mesmo quando resultasse infrutífero;

que ainda o incitamento é crime, quando em jogo o interesse da ordem social-política (artigos 11, 12 e 15 da Lei 1.802/53;

se esse incitamento é feito pela imprensa, incorre-se no artigo 9º, letra a, da Lei 2083/53 (Lei de Imprensa);

que se o crime cuja prática se instiga é lesivo de interesse militar, estar infringido o artigo 134 do Código Penal Militar;

que o incitamento pode ser realizado por meios de palavras, discursos ou exortações em reuniões públicas, pregões na praça pública, transmissões radiofônicas, ou escritos em boletins, circulares ou inscrições em lugares públicos ou acessível ao público, ainda que somente pela visão, ou ainda qualquer outro processo, representações teatrais, televisões, cinemas e etc.

Este Comando conclui, também pela responsabilidade de equipes de supervisores pois que, sua missão, não era sino a de transmitir ao grupamento imediatamente subordinado, ou seja aos COORDENADORES, o mesmo ensinamento, as mesmas ideias, o mesmo incitamento no campo político-partidário à atentar contra a ordem Política e Social do País, à conivência a subversão da ORDEM PÚBLICA e a deturpação da filosofia do Método Paulo Freire.

Desta forma, indico também, JUCURTA BARRETO DE LIMA, ROSA HELENA CONCEIÇÃO, JACKSON DA FIGUEIREDO, MARILZA DANTAS MAYNARD, WALMIR BRUNO SOARES, ZELITA RODRIGUES CORREIA, ARLY SILVA e LISBOA, ARY SILVA e LISBOA, MARIA DE LOURDES RODRIGUES CORREIA, JACKSON DA SILVA LIMA, TEREZINHA SILVA RIBEIRO, MARIA JOEL SANTANA, JOSÉ MARIA DO NASCIMENTO, MARIA AUXILIADORA DA SILVA, MARIA AUXILIADORA ROSAL CAMPOS, RENATO CHAGAS, PAULO BARBOSA DE ARAUJO, LUCIA VIANA RIBEIRO, ELEGORA LEITE PEREIRA e LUIZ EDUARDO COSTA, como incurso nos artigos 11 e 17 da Lei nº 1.802/53- LEI DE SEGURANÇA NACIONAL e artigo 25 do Código Penal Comun.

E, como os fatos constituem crime da competência da Justiça, sejam estes autos remetidos, com a possível urgência, ao sr Dr Auditor da Sexta região Militar, por intermédio do sr Presidente da Comissão Geral de IPM/6. Publique-se a presente solução em boletim interno Reservado.

Quartel em Aracaju, de setembro de 1964

Francisco Rodrigues da Silveira
FRANCISCO RODRIGUES DA SILVEIRA - Major
Comandante da Guarnição do 28º Btl Caçadores

F

I

M

A C

A C E

C N F

3 3 8 7 7 / 8 3

| / |

GUIA DE LOTE PARA DIFUSÃO
 Nº DA GUIA 000015716

ORIGEM
 Nº DA GUIA DE LOTE 00041340
 Nº DO ACE 0331817723
 AGENCIA AC
 DIFUSÃO

AGENCIA Nº DO ACE ANO

83	COJ00043	ART
84	E0153514	RSP
83	60073404	ARA
84	I0060422	ARE
84	K0044064	RSE
84	L0044787	AMA
84	M0045081	ACS
84	N0046760	ACT
84	O0093257	ASH
84	P0063472	ASV
84	Q0024703	ATZ
84	R0084487	AGO

REMARKS

CONFIDENCIAL

033877

83

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL

APRECIACÃO Nº 030/10/AC/83



DATA : 02 AGO 1988
ASSUNTO : APLICAÇÃO DO "MÉTODO PAULO FREIRE", POR TROTSKISTAS, EM MILITANTES DO PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT).
ORIGEM : PRG Nº 014088/83.
DIFUSÃO : CH/SNI-DSI/MEC-ABE-ABH-ACG-ACT-AFZ-AMA-APA-ARE ARJ-ASP-ASV-AGO.

A Organização Revolucionária Marxista-Democracia Socialista (ORM-DS), trotskista, vem distribuindo, em núcleos do Partido dos Trabalhadores (PT), um documento mimeografado, no qual propõe a aplicação progressiva do "Método Paulo Freire" de alfabetização, aos novos militantes daquele partido.

A argumentação inicial dos trotskistas se fundamenta em duas premissas:

1ª) Conquanto o método seja mais pedagógico que político, o próprio autor afirma que, para que aconteça a "verdadeira revolução", é necessária uma educação que leve as massas a "refletir na sua atividade revolucionária". Aí residiria, por conseguinte, a característica político-revolucionária do método.

2ª) O conteúdo da Plataforma Nacional do PT, no entender dos trotskistas, é marxista-leninista, de vez que propõe "uma sociedade sem exploradores nem explorados", uma "luta internacional dos trabalhadores", etc. Portanto, é também revolucionária.

Conclui a ORM-DS - falaciosamente, segundo a lógica - que o PT é revolucionário e, portanto, nada mais natural que seus militantes serem educados dentro de um método revolucionário - tarefa que os trotskistas chamam a si.

Prossegue o documento discorrendo sobre certos fundamentos filosóficos do método e, simultaneamente, transcrevendo citações de FRANCISCO WEFFORT, MARILENA CHAUI e outros

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA APRECIACÃO Nº 030/10/AC/83.....Fls. 02)

"filósofos" petistas, ora se reportando ao método, ora tecendo considerações sobre a educação no BRASIL e sobre o papel do PT no quadro político nacional, as quais "justificariam" a adoção daquela técnica subversiva de alfabetização.

Finalmente, procura demonstrar como o método se enquadra nas teorias de LENIN, citando este último: "*sem teoria revolucionária, não pode haver movimento revolucionário*", frase essa usada com o mesmo objetivo pelo próprio PAULO FREIRE, em seu livro "*Psicologia do Oprimido*".

A segunda parte do documento é profundamente teórica e procura, por meio de uma grande quantidade de citações (FRANCISCO WEFFORT, ERNEST MANDEL, GADOTTI, MICHEL THIOLENT, BERNARD CHALOT e outros), estabelecer um paralelo entre "*política*" e "*psicologia*", para concluir que são ações complementares: "*o educador não pode substituir o político revolucionário na transformação da sociedade, mas, se a educação não é a alavanca da revolução, todavia, sem ela, a transformação da sociedade não se efetivará*".

Em suma, pretendem os trotskistas minar a sociedade com idéias revolucionárias desde o início de sua alfabetização, pois assim será mais fácil "*conscientizá-la*" da "*necessidade da revolução*" do que tentar fazer o mesmo com adultos já formados.

Conclui-se, portanto, que a ORM-DS foi prolixa para definir algo simples: doutrinar a sociedade para as idéias marxistas-leninistas desde o início de seu processo de aculturação. Essa estratégia é bastante antiga, já foi aplicada no BRASIL em outras épocas e vem sendo usada em diferentes níveis educacionais.

Vale acrescentar que, para oferecer resistência eficaz a esse "*trabalho de massa*", a aplicação pura e simples de medidas repressivas não parece traduzir bons resultados.

Um caminho mais eficiente, sem dúvida, seria o estímulo constante e vigoroso à formação de correntes anticomunistas, verdadeiramente democráticas, em todos os níveis escolares, integradas por pessoas que efetivamente se opusessem à

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA APRECIACÃO Nº 030/10/AC/83.....Fls. 02)

doutrinação marxista nas salas de aula, bem como se utilizassem das mesmas armas - disputar a direção dos DCE, DA, CA e Grêmios e promover simpósios e debates sobre a democracia.

* * *

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

BRASÍLIA/DF

de 04 JUL 1983 de 19

INFORME N.º 1454 -S/102-A6-CIE

1. ASSUNTO: ATUAÇÃO DA ORM-DS - 3.1.1.
2. ORIGEM: CIE
3. AVALIAÇÃO: A-1
4. DIFUSÃO: AC/SNI - CI/DPF
5. DIFUSÃO ANTERIOR: .-
6. REFERÊNCIA: .-
7. ANEXO: 10 (dez) cópias xerox

S. N. 1
AGENCIA CENTRAL
014088 -5 JUL 83
PROTOCOLO

1. A ORGANIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA MARXISTA - DEMOCRACIA SOCIALISTA (ORM-DS) vem atuando dentro do PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT), através do processo de "entrismo", usando para desenvolver suas atividades, dentro do movimento de massas, mais precisamente em comunidades pobres (subúrbios, favelas, etc...), o método "PAULO FREIRE".

2. O método "PAULO FREIRE" acima citado visa politizar o adolescente, desde o período de sua alfabetização, visando com isso ajudar a massa a elevar o nível de conscientização, até atingir uma etapa revolucionária.

3. O documento em questão (anexo) está sendo distribuído em Diretórios do PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT). pela ORM-DS, quando da filiação de novos adeptos ao referido partido.

TODA PESSOA QUE TOME CO-
NHECIMENTO DESTE DOCUMENTO
FICA RESPONSÁVEL PELA MANU-
TENÇÃO DE SEU SIGILO (RSAS).



CONFIDENCIAL

REPRODUÇÃO DE
ORIGINAL ILEGÍVEL

O PT VEIO PARA MUDAR O BRASIL
COMECEMOS JÁ (PLAT. NACIONAL)

Como entendemos, que ...ilegível... , que sua desalienação, ...ilegível... a sua felicidade, só vai ser atingida por uma revolução na ...ilegível... campo entre os partidos de hoje, aquele que oferecesse em seu programa esta perspectiva revolucionária. Da mesma maneira para viabilizar a aplicação das ...ilegível... , fomos buscar uma tática, a mais ...ilegível... possível e que ...ilegível... unida nesta mesma óptica.

Foi ...ilegível... que ...ilegível..., aquilo que ...ilegível... de revolucionário, ...ilegível... dos trabalhos de Paulo Freire, foi também visando a possibilidade de um engajamento revolucionário e militante.

Considera-os o PT que temos e o PT que pretendemos e ainda mais que o Partido não é um ser abstrato, mas somos nós, não adianta fazermos críticas ao imobilismo, às indefinições e a desorganização do PT, se não dermos a ele a nossa alternativa e não contrapusermos às nossas reivindicações, nessa mobilização em cima de um trabalho.

Foi assim que optamos pela aplicação do método Paulo Freire no bairro, como uma forma de nossa penetração entre as massas, como uma forma de conseguirmos elevar o nível de conscientização dos trabalhadores na região.

Apesar da proposta de Paulo Freire ser fundamentalmente educativa, de seu campo de trabalho ser a pedagogia e não a política, ^{de} ~~mesmo sabendo~~ ^{SABE} que essa tarefa contém implicações políticas (Pedagogia do Oprimido pg. 15) Paulo Freire procura deixar claro que seu método não é UM QUE FAZER NEUTRO (educação e Sociedade nº 1), e coloca, para que aconteça a verdadeira revolução, a necessidade de algo que vai ajudar a massa a refletir na sua atividade revolucionária, algo que a conscientize, que organize seu pensar e a faça ter uma visão totalizadora da realidade. E o que é isso senão o partido revolucionário, com seu programa, que vai transformar o ativismo das massas em práxis revolucionária? (p. do O. pg. 152). E Paulo Freire reforça mais o tema dizendo que só através da revolução teremos uma educação de caráter libertário (P.do O pg.155), que a revolução vai ser feita pelos oprimidos, "esmagados", mas orientados por uma lúcida liderança (P.do O.151).

Mesmo o PT tendo sido o primeiro partido a colocar no programa político a questão da educação das classes trabalhadoras (E-uc.e Socied. nº8) seu projeto político apenas mostra-se esboçado na sua Plataforma Nacional, dizendo que só "uma mobilização nacional poderia erradicar o analfabetismo neste país em menos de 3 meses". (A resposta a este otimismo pode ser dada por Francisco Weffort no prófácio de Educação como praticada Liberdade, afirmando que, para as condições do Brasil, a alfabetização pelo método Paulo Freire se dá em menos de 30 dias). Também não há detalhes sobre como desenvolver a cultura popular. A Plataforma Nacional diz ser "fundamental a articulação nacional dos movimentos culturais populares; a criação de centros de cultura,...

CONFERE COM O ORIGINAL
Em 06 / F&U 84
S. Rudy
1984

pois cultura popular são as únicas ... ilegível ... que mereceram um destaque ... ilegível ... maiúsculas.

A Plataforma Estadual avança a um pouco mais, em seu ... ilegível ... na consulta a todos os alfabetizados e analfabetos para indicação dos Prefeitos das cidades e propõe "uma campanha massiva para eliminar o analfabetismo Estado de São Paulo," sob comando da Secretaria de Educação e da Secretaria Cultura, com a utilização do rádio e TV canal 2.

Continuando, "O PT utilizará o aparelho do Governo Estadual para ... ilegível... a organização dos trabalhadores em suas entidades de classe, sindicatos e associações, apoiará as iniciativas visando à Educação e a mobilização das massas trabalhadoras, criando canais de participação popular, reconhecendo plenamente a autonomia e a independência desses movimentos e organizações.

Vê-se desse modo, pela especificidade das propostas, o quanto trabalho o PT deixa em aberto para ser criado e desenvolvido por suas bases por seus militantes.

Uma coisa a objetividade do Programa, outra a desordem orgânica do Partido que abre brecha para algumas definições pouco precisas ou mesmo par contradições.

Partindo das afirmações da Plataforma Nacional, de que "a libertação só vai ser efetivamente concretizada com a construção do socialismo", que só o Socialismo resolverá de vez o nosso Problema" e com a construção "de uma sociedade sem explorados nem exploradores, dependente ainda da "luta internacional dos Trabalhadores", e que essa visão socialista vai mais longe, ela pretende "o poder para os trabalhadores e o povo" e "que todos os problemas de interesse público sejam submetidos ao controle popular", entendemos que a viabilidade destas propostas só serão possíveis através de uma revolução e supomos que desse modo, o PT assume uma linha marxista-leninista de partido.

Em vista disso, outra não poderia ser a nossa práxis (esta entendida também como Paulo Freire : Ação que sofre ao mesmo tempo um processo de reflexão (p.do O) e discussão. E das análises de trabalhos para a Bela Vista, a aplicação do Método Paulo Freire de alfabetização pareceu-nos um caminho possível para através dele, desenvolvemos nossa atividade política.

"Por uma questão de prática, o trabalho cultural pode ser mantido de maneira permanente... enquanto que as reivindicações, mobilizações, acontecimentos políticos, só ocorrem esporadicamente... e não podem manter as pessoas mobilizadas eternamente". E mais "além disso, é um trabalho que serve de alternativa à ideologia das classes dominantes" (F.Macedo - R. Araújo - Plural nº6 pg.91)

Por que o método Paulo Freire?

Porque P.F. é um método proposto para ser aplicado por "homens radicais, cristãos ou marxistas" (P.do O.pg.21). E entre Cristo ou Marx, P.F. opta pelo 2º, já que não quer libertar o homem para Deus, resolvendo as contradições no sentido hegeliano, mas combate a alienação no sentido de que "transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens" (P.do O.pg.39 e 152).

para cultura popular: são as únicas que merecem ser chamadas de
trabalhos.

A Plataforma Estadual do PT para o Estado de São Paulo, em seu 1º ponto, pre-
ve a consulta a todos os alfabetizados e alfabetandos para indicação dos Fre-
tes das cidades e propõe "uma campanha massiva para eliminar o analfabetismo
Estado de São Paulo, "sob comando da Secretaria de Educação e da Secretaria
Cultural, com a utilização do rádio e TV canal 2.

Continuando, "O PT utilizará o trabalho do Governo Estadual para
organizar a organização do trabalho entre as duas entidades de classe, sindicatos
e associações, apoiará as iniciativas visando à educação e a estabilização
das vendas trabalhistas, criando canais de participação popular, reconhecendo to-
talmente a autonomia e a independência desses movimentos e organizações.

Vê-se desse modo, pela especificidade das propostas, o quanto
trabalho o PT deixa em aberto para ser criado e desenvolvido por suas bases
por seus militantes.

Uma coisa a objetividade do Programa, outra a desordem orgânica
do Partido que abre brecha para algumas definições pouco precisas ou mesmo por
contradições.

Partindo das afirmações da Plataforma Nacional, de que "a liberta-
ção só vai ser efetivamente concretizada com a construção do socialismo", que só
o "socialismo resolverá de vez o nosso Problema" e com a construção "de uma socie-
dade sem explorados nem exploradores", dependente ainda da "luta internacional
dos Trabalhadores", e que essa visão socialista vai mais longe, ela pretende "o
poder para os trabalhadores e o povo" e "que todos os ~~problemas~~ problemas de in-
teresse público sejam submetidos ao controle popular", entendemos que a viabili-
dade destas propostas só serão possíveis através de uma revolução e supomos que
desse modo, o PT assume uma linha marxista-leninista de partido.

Em vista disso, outra não poderia ser a nossa práxis (esta entendi-
da também como Paulo Freire: Ação que sofre ao mesmo tempo um processo de refle-
xão (p.do D) e discussão. E das análises de trabalhos para a Bela Vista, a apli-
cação do Método Paulo Freire de alfabetização pareceu-nos um caminho possível pa-
ra através dele, desenvolvermos nossa atividade política.

"Por uma questão de prática, o trabalho cultural pode ser mantido
de maneira permanente... enquanto que as reivindicações, mobilizações, aconteci-
mentos políticos, só ocorrem esporadicamente... e não podem manter as pessoas /
mobilizadas eternamente". E mais "além disso, é um trabalho que serve de alterna-
tiva à ideologia das classes dominantes" (F. Macedo - R. Araújo - Plural nº 6 pg. 91)

Por que o método Paulo Freire?

Porque P.F. é um método proposto para ser aplicado por "homens ra-
cionais, cristãos ou marxistas" (P.do D. pg. 21). E entre Cristo ou Marx, P.F. opta/
pelo 2º, já que não quer libertar o homem para Deus, resolvendo as contradições/
no sentido hegeliano, mas combate a alienação no sentido de que "transformar a re-
alidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens" (P.do D. pg. 39 e 152).

CONFIDENCIAL

(39 e 119 teses sobre ... ilegível ...). Por isso não ... ilegível ... reforçar o que tem de fazer e liderança revolucionária é problematizar aos oprimidos não só o mito da absolutização de ignorância das massas, mas todos os mitos que servem as elites opressoras para oprimir (P.do O.157). A tendência é ... ilegível ... se caia numa degradação populista numa "política de manipulação das massas, às quais são imputadas passividade, imaturidade, desorganização e conseqüentemente, um misto de inocência e de violência a que justificam a necessidade de educá-las e controlá-las para que subam "corretamente" ao palco da história(cultura e democracia - Marilena Chauí - pg.61).

Considerando que um dos grandes problemas da vanguarda é a sua origem pequeno-burguesa e que nosso trabalho vai se dar através do diálogo, incompatível com a autosuficiência(P.do O.95), convém pensar um problema bem mais geral que também toca a nossa especificidade em que é o discurso ideológico, o discurso de quem tem o poder numa sociedade de classes, o discurso carregado de ideologia que elaboramos em nosso cotidiano.

Nós, educadores, devemos ter bem claro a problemática bastante enfatizada nas colocações de M.Chauí, de que, na medida em que a sociedade cria a competência de alguns, estabelece que aqueles que não estão de posse do saber sejam incompetentes, os dominados pelas ciências, pelo trabalho, pelas instituições, pelos partidos políticos. Mas a liderança revolucionária, pelo contrário, científico-humanista, não pode absolutizar a ignorância das massas. Não pode crer neste mito. Não tem sequer o direito de duvidar, por um momento de que isto é um mito"(P.do O. 156).

E na tarefa mais específica de investigar o universo dos educandos, para pensar a elaboração de uma cartilha que lhes seja compatível, não devemos esquecer que "queremos investigar não os homens, mas se pensamento-linguagem (P.do.O.pg.103). "assim como não é possível elaborar um programa a ser doado ao povo, também não o é elaborar roteiros de pesquisa do universo temático a partir de pontos pré-fixados pelos investigadores que se julgam a si mesmos os sujeitos exclusivos da investigação" (P.do O.118).

Daí porque, vencendo a dificuldade de realmente ensinar dialogando, evitamos toda e qualquer "prescrição", buscando a igualdade das partes do diálogo e saibamos aprender com os educandos, de forma que todos aprendamos e aumentemos o nível de nossa consciência e nosso saber. "Temer essa liberdade é temer o próprio povo ou não crer nele" (P.do O. 150).

"Todo o testemunho autêntico, por isso crítico, implica na ousadia de criar riscos" (p.do. O.208). Ex a prática vem do próprio P.F. que recusa o uso de cartilha. Prefere trabalhar só com "as palavras geradoras e o chamamento é o convite para o povo criar no próprio caderno, escrevendo suas palavras"(Encontros com a Civilização Brasileira PE.63 nº13).

20 e 114 vezes sobre a importância do diálogo no processo de ensino e aprendizagem. Mas o que nos tem de fazer é ler com atenção o que ele escreve, não é apenas ler, mas ler para entender. Não é o mito da absolutização da ciência das massas, mas tentar os meios de salvar as elites intelectuais para servir (P.do D.157). A tendência é de se cair numa degradação populista numa "política de manipulação das massas, as quais são imputadas passividade, imaturidade, desorganização e consequentemente, um misto de incúrcia e de violência a que justificam a necessidade de educá-las e controlá-las para que não se "desorientem" ao longo da história (cultura e política - Perileza Chauí - pg.61).

Considerando que um dos grandes problemas da linguagem é a linguagem pequeno-burguesa e que nosso trabalho vai de dar através do diálogo, não é compatível com a autosuficiência (P.do D.95), convém pensar um problema mais geral que também toca a nossa especificidade em que é o discurso ideológico, o discurso de quem tem o poder numa sociedade de classes, o discurso carregado de ideologia que elaboramos em nosso cotidiano.

Nós, educadores, devemos ter bem claro a problemática bastante enfatizada nas colocações de M. Chauí, de que, na medida em que a sociedade cria a competência de alguns, estabelece que aqueles que não estão de posse do saber sejam incompetentes, os dominados pelas ciências, pelo trabalho, pelas instituições, pelos partidos políticos. Mas a liderança revolucionária, pelo contrário, científico-humanista, não pode absolutizar a ignorância das massas. Não pode crer neste mito. Não tem sequer o direito de duvidar, por um momento de que isto é um mito" (P.do D. 156).

E na tarefa mais específica de investigar o universo dos educandos, para pensar a elaboração de uma cartilha que lhes seja compatível, não devemos esquecer que "queremos investigar não os homens, mas o pensamento-linguagem (P.do D.pg.103). "assim como não é possível elaborar um programa a ser dado ao povo, também não o é elaborar roteiros de pesquisa do universo temático a partir de pontos pré-fixados pelos investigadores que se julgam a si / mesmos os sujeitos exclusivos da investigação" (P.do D.118).

Daí porque, vencendo a dificuldade de realmente ensinar dialogando, evitamos toda e qualquer "preparação", buscando a igualdade das partes (a possibilidade de verdadeira comunicação só se dá quando as partes se encontram, numa do diálogo e sabemos aprender com os educandos, de forma que todos aprendamos e aumentemos o nível de nossa consciência e nosso saber. "Temer essa liberdade é temer o próprio povo ou não crer nele" (P.do D. 150).

"Todo o testemunho autêntico, por isso crítico, implica na ousadia de criar riscos" (p.do. D.208). É a prática vem do próprio P.F. que recusa o uso de cartilha. Prefere trabalhar só com "as palavras geradoras e o elemento é o convite para o povo criar no próprio caderno, escrevendo suas palavras" (Encontros com a Civilização Brasileira pg.60 e 61).

Quem é M. Chauí (pg 104) em Política da Consciência C. A. Bette

CONFIDENCIAL

...ilegível..., estabelecemos uma ...ilegível... cortiçados como um grupo organizado, trabalhando dentro de um partido, ...ilegível... a nossa ética tem que ser a moral do partido, na mesma proporção em que se dá o diálogo Direção-Bases, em que não cansamos de cobrar uma participação democrática, os princípios do Partido. E como dizia Lênin, os membros do partido não devem ter nenhuma vantagem nem privilégios frente aos demais trabalhadores; devam ter sim, maiores obrigações. E exigia uma estreita responsabilidade individual pelas tarefas encomendadas, lembrando que o povo julgará o partido, baseado na conduta de seus militantes (Lênin - Breve Esboço biográfico pp.169).

É necessário preparar homens que não dediquem à revolução suas tardes livres, mas toda a sua vida (O trabalho do partido entre as massas -Lênin pg.13).

Como educadores revolucio -ários, não podemos esquecer que não viemos para conquistar o povo " em nome da necessidade de organizá-lo (P.do O- pg.150), mas lutar com ele pela "recuperação da humanidade roubada" (P.do O pg 100), pela conscientização da sua situação, para juntos desenvolvermos, também a nossa própria consciência histórica (P.do O. pg.119).

Como consequência de nosso trabalho, os educandos devem descobrir "que como homens, já não podem continuar sendo quase - coisa possuídas e, da consciência de si, como homens oprimidos, não à consciência de classe oprimida" (P.do O. 206).

Convém ainda que reforçemos posição, para que não haja dúvidas quanto o que sejam para P.F. esses indivíduos oprimidos dentro da história: a união dos oprimidos implica numa consciência de classe (P. do O.205).

Resumindo, para evitar uma sectarização mórbida e anti-revolucionária, P.F. pede, a todos que "realmente se comprometam com os oprimidos, c/a causa de sua libertação, uma permanente e corajosa reflexão", para que não tenha "na liderança, homensdo que fazer, e, nas massas oprimidas, homens reduzidos ao puro fazer" (pdo O. 146-147).

E reforça essa noção de práxis citando a tão conhecida afirmação de Lênin, "Sem teoria revolucionária, não pode haver movimento revolucionário" (P.O.145), sendo essa também uma maneira de resumir a abrangência do tema da dialogicidade em que propõe a igualdade, o mesmo nivelamento das partes no diálogo, para que consigamos "uma verdadeira prática da liberdade" (Plat.Estadual pg- 9).

Mesmo que a Plataforma Nacional não toque no problema do analfabetismo, vemos aí um dos pontos de contato dos projetos do PT e o método de alfabetização que queremos aplicar.

Aproveitamos a citação do "QUE FAZER", não para polemizar, mas para referenciar a polêmica que se faz em relação à "contradição" que envolve a ideologia em P.F., a imbricação de sua formação cristã e sua descoberta do marxismo.

Francisco Weffort, no prefácio da Educação como Prática da Liberdade pg.6, o isenta do liberalismo quer na teoria, e principalmente, em

13

desta, estabelecendo...
destigados como um grupo organizado, tendo por objeto de...
a noção ética ter que ser a moral do partido, na mesma direção de que...
o diálogo Direção-Séculos, em que não devemos de entrar uma participação de...
crítica, os princípios do partido. É como dizia Lênin, os membros do partido
não devem ter nenhuma vantagem nem privilégios frente aos demais trabalhadores
devem ter sim, maiores obrigações. E exigia uma estrita responsabilidade in-
dividual por as tarefas encomendadas, lembrando que o povo julgará o partido, de
acordo na conduta de seus militantes (Lênin - Sobre o programa biográfico pg.168).
É necessário preparar homens que não cedam à revolução...
tardar livres, mas toda a sua vida (O trabalho do partido e tre as massas -
Lênin pg.13).

Como educadores revolucionários, não podemos esquecer que não /
vimos para conquistar o povo " em nome da necessidade de organizá-lo (P.do C-
pg.150), mas lutar com ele pela "recuperação da humanidade roubada" (P.do D pg
100), pela conscientização da sua situação, para juntos desenvolvermos, tam-
bém a nossa própria consciência histórica (P.do D. pg.119).

Como consequência de nosso trabalho, os educandos devem desco-
brir que como homens, já não podem continuar sendo quase - coisa possuídas e,
da consciência de si, como homens oprimidos, não à consciência de classe oprimi-
da" (P.do D. 206).

Convém ainda que reforçemos a posição, para que não haja dúvidas
quanto o que sejam para P.F. esses indivíduos oprimidos dentro da história: a
união dos oprimidos implica numa consciência de classe (P.do D.205).

Resumindo, para evitar uma sectarização mórvida e anti-revolu-
cionária, P.F. pede, a todos que "realmente se comprometam com os oprimidos,
c' a causa de sua libertação, uma permanente e corajosa reflexão", para que /
não tenha "na liderança, homens que fazem; e, nas massas oprimidas, homens
reduzidos ao puro fazer" (pdo D. 145-147).

E reforça essa noção de práxis citando a tão conhecida afirma-
ção de Lênin, "Sem teoria revolucionária, não pode haver movimento revolucio-
nário" (P.D.145), sendo essa também uma maneira de resumir a abrangência do te-
ma da dialogicidade em que propõe a igualdade, o mesmo nivelamento das partes
no diálogo, para que consigamos "uma verdadeira prática da liberdade" (Plat. Es-
tadual pg- 9).

Mesmo que a Plataforma Nacional não toque no problema do analfabetismo, vemos aí um dos pontos de contato dos projetos do PT e o método de alfabetização que queremos aplicar.

Aproveitamos a citação do "QUE FAZER", não para polemizar, mas para refletir a polémica que se faz em relação à "contradição" que envolve a ideologia em P.F., a imbricação de sua formação cristã e sua descoberta do marxismo.

Francisco de Assis, no prefácio da Educação como Prática da Liberdade pg.6, o isenta do liberalismo quer na teoria, e principalmente, em /

CONFIDENCIAL

...ilegível ... a ...ilegível... .

Marilena Chauí, ...ilegível... ideológica ...ilegível... cientização, nos deixa ver que seu método não corre o risco do ...ilegível... e Sociedade nº 5 pp.37).

Paulo Freire sabe que "a prática educativa é uma atividade política-pedagógica" (Plural nº 6 pg.58 P.F.) e que a "revolução tem, indubitavelmente, um caráter pedagógico que não pode ser esquecido" (P. do O.159). Cabe também que somente com o poder político na mão das classes oprimidas seu método encontrará sua plena realização. Desculpa-se por não ter tido uma experiência revolucionária (P.do O.218), não ...ilegível... que a revolução faça parte de seu próprio projeto (P.do O.43) e que a revolução que ele supõe tenha os moldes marxistas-leninista (Luta de classes - Partido). Por isso, mesmo que ele diz que está procurando tornar-se cristão, que Marx ensinou-o a ler os evangelhos (Educ. e S. cied. nº 3 pg.74), supomos secundária e crítica que se faz a toda a sua postura existencialista, ou ao seu humanismo que fala de educação como ato de amor, ou a busca "indefinida" do homem por "ser-mais". Lênin também não nos recomendou de que "precisamos sonhar"? Afinal ele também afirma: "não quero dizer que eu sou hoje um "expert" em Marx, ou que eu sou marxista. Por uma questão até de humildade. Eu acho que é muito sério dizer alguém ser marxista. É preferível dizer que eu estou tentando tornar-me". "Fui a Marx por causa delas (as classes oprimidas). O meu encontro com elas é que me fez encontrar Marx e não o contrário", "por isso mesmo é que os críticos que se fundam no conhecimento de um outro de meus trabalhos, não me parecem justos. Afinal não morri ainda.... (educ. & Socied. nº3 -pgs, 74-75-62).

Antes de pensarmos a nossa práxis mais imediata, gostaríamos de relembrar a concepção de alfabetização formulada em nossa Carta-Programa:

"A alfabetização não pode ser apenas uma tarefa pedagógica com implicações políticas. Bem ao contrário, deverá ela ser uma tarefa política com implicações pedagógicas".

Cabe então, para esquematizar o raciocínio, referir um esquema de Fernard Charlot, citado por M. Godotti em "Educação & Sociedade nº8 pg.15=e que mostra que a educação é política em 4 sentidos porque:

- a) transmite modelos sociais
- b) forma a personalidade;
- c) difunde idéias políticas;
- d) é encargo da escola, instituição social;

Para analisarmos melhor a relação entre esses dois conceitos, política e pedagogia, procuraremos dar a opinião de alguns autores sobre o tema.

Já "Sócrates considerava uma missão política a educação na arete que ele preconizava, pois aquilo com que ele se preocupava era com a "virtude cívica" (Pai eia pg.564. J.Jaeger). E ...ilegível... P.Jr., analisando o otimismo com que os pedagogos fazem a leitura do "Emília..." (Leia Livros pg.16), quer lembrar que Rousseau "de algum modo, sugere que a pedagogia só emerge como disciplina quando a educação já se tornou impossível", quando a criança se rebela e con-

Paulo Freire sabe que "a prática educativa é uma atividade política-pedagógica" (Plural nº 6 pg. 58 F.F.), e que a "revolução tem, indubitavelmente, um caráter pedagógico que não pode ser esquecido" (P. do D. 115). Sabe também que concorda com o poder político na não concessões sociais seu método, e que terá sua plena realização, dependendo-se por não ter tido uma experiência revolucionária (P. do D. 118); não entende que a revolução faça parte de seu próprio projeto (P. do D. 43) e que a revolução que ele quer seja feita os moldes marxista-leninista (luta de classes - Partido). Por isso, sabe que ele diz que está procurando torná-se cristão, que se esforçou a ler os evangelhos (Educ. e Socied. nº 3 pg. 74), supõe os secundária e crítica que se faz a toda a sua postura existencialista, ou ao seu humanismo que fala da educação como ato de amor, ou a busca "indefinida" do homem por "ser-mais". Lênin também não nos recomendou de que "precisamos sonhar"? Afinal ele também afirma: "não quero dizer que eu sou hoje um "expert" em Marx, ou que eu sou marxista. Por uma questão até de humildade. Eu acho que é muito sério dizer alguém ser marxista. É preferível dizer que eu estou tentando torná-me". "Fui a Marx por causa delas (as classes oprimidas). O meu encontro com elas é que me fez encontrar / Marx e não o contrário", "Por isso mesmo é que os críticos que se fundam no conhecimento de um outro de meus trabalhos, não me parecem justos. Afinal não morri ainda.... (educ. & Socied. nº 3 -pgs, 74-75-52).

Antes de pensarmos a nossa práxis mais imediata, gostaríamos de relembrar a concepção de alfabetização formulada em nossa Carta-Programa: "A alfabetização não pode ser apenas uma tarefa pedagógica com implicações políticas. Bem ao contrário, deverá ela ser uma tarefa política com implicações pedagógicas".

Cabe então, para esquematizar o raciocínio, referir um esquema de Bernard Charlot, citado por M. Godotti em "Educação & Sociedade nº 8 pg. 13-e que mostra que a educação é política em 4 sentidos porque:

- a) transmite modelos sociais
- b) forma a personalidade;
- c) difunde idéias políticas;
- d) é encargo da escola, instituição social;

Para analisarmos melhor a relação entre esses dois conceitos, política e pedagogia, procuraremos dar a opinião de alguns autores sobre o tema.

Já Sócrates considerava uma missão política a educação na arte que ele praticava, pois aquilo com que ele se ocupava era com a "virtude cívica" (Falésia pg. 564. J. Dauger). E Paulo Freire, analisando o otimismo com que os pedagogos fazem a leitura do "1844" (Luta Livros pg. 16), quer lembrar que Rousseau "de algum modo, sugere que a pedagogia só emerge como disciplina quando a educação já se tornou impossível", quando a criança se rebela e con-

...ilegível... ...ilegível... ...ilegível... ...ilegível... ...ilegível...
 que sucede a cada corrida ...ilegível... continua" ...ilegível... ...ilegível...
 que a autocrítica é ...ilegível... necessária para todo partido ...ilegível... cheio
 de vitalidade. Não há ...ilegível... mais ...ilegível... que um ...ilegível...
 ilegível... . Não há nada mais legítimo que assinalar a necessidade permanente e absolu-
 ta de aprofundar e ampliar, e ampliar e aprofundar nossa influência sobre as massas, nossa
 propaganda e agitação rigorosamente marxista, nossa aproximação da luta econômica da clas-
 se operária, etc. Mas precisamente porque é legítimo assinalar isto de imediato, em qual-
 quer circunstância e situação, essas indicações não podem converter-se em palavras de
 ordem especiais, não podem justificar os desejos, de basear nelas uma tendência particu-
 lar de social democracia. Aqui há um limite, ultrapassado o qual converteis estas indica-
 ções, sem dúvida necessárias, numa limitação das tarefas e do objetivo do movimento, num
 doutrinarismo que relega ao esquecimento as tarefas políticas essenciais e de primeira or-
 dem do momento.

É preciso aprofundar e ampliar continuamente o trabalho e a influência entre as
 massas. Sem isto, deixa-se de ser social democrata. Nenhuma organização, grupo ou círcu-
 lo pode considerar-se social democrata se não realiza este trabalho de maneira constante
 e regular. Em grau considerável, a razão de nossa rigorosa separação em um partido prole-
 tário independente consiste em que sempre realizamos com toda a firmeza este trabalho
 marxista, elevando na medida do possível toda a classe operária ao nível da consciência
 social democrata, não permitindo que as tormentas políticas, quaisquer que fossem - e
 muito menos as mudanças políticas de fachada - nos afastassem desse trabalho urgente. Sem
 este trabalho, a atividade política degeneraria infalivelmente em um passatempo, uma vez
 que esta atividade só adquire uma importância real para o proletariado quando na medida
 em que mobiliza as massas de uma determinada classe, desperta nela o interesse e a leva a
 participar dos acontecimentos como uma força ativa e avançada. Como já dissemos, este tra-
 balho é sempre necessário: depois de cada derrota pode-se e deve-se lembrar este traba-
 lho e determiná-lo mais uma vez, pois a debilidade neste terreno é sempre uma das causas
 da derrota do proletariado. Depois de cada vitória, também sempre é preciso recordá-lo e
 ressaltar uma importância, pois de outro modo a vitória, será aparente, seus resultados
 não serão consistentes, seu significado real, do ponto de vista de toda a nossa grande
 luta por nosso objetivo final, será insignificante e até poderia resultar negativo (ex-
 caso de uma vitória parcial que debilite nosso espírito de vigilância, diminua a descon-
 fiança para com os aliados inseguros e permite deixar passar o momento de assu-
 tar novos e mais fortes golpes no inimigo).

que autêntica e viva obra, e a qual, portanto, se torna, em si mesma, uma obra autocrítica e capaz de avaliar a importância para todo o movimento e o efeito da vitalidade. Não há nada de irregular nos dois casos, mas há uma diferença de surgimento. Não há nada mais legítimo ou regular e necessário para a unidade e absoluta de aprofundar e ampliar, e ampliar e aprofundar nossa influência, sobre as massas, nossa propaganda e agitação rigorosamente teórica, nossa ação política de luta econômica da classe operária, etc. A obra de uma página é legítima assim, tanto no âmbito da consciência e da ação, quanto no âmbito da organização. Não há nada de irregular em pedir que os partidos, não podem justificar as suas ações, de qualquer modo, a título de defesa particular da social-democracia. Aqui há um limite, ultrapassado o qual convertemos estas indicações, sem dúvida necessárias, numa limitação das tarefas e do objetivo do movimento, num doutrinarismo que relega ao esquecimento as tarefas políticas essenciais e de primeira ordem do movimento.

É preciso aprofundar e ampliar continuamente o trabalho e a influência entre as massas. Sem isto, deixa-se de ser social-democrata. Nenhuma organização, grupo ou círculo pode considerar-se social-democrata se não realiza este trabalho de maneira constante e regular. Em grau considerável, a razão de nossa rigorosa separação em um partido proletário independente consiste em que sempre realizamos com toda a firmeza esse trabalho marxista, elevando na medida do possível toda a classe operária ao nível da consciência social democrata, não permitindo que as tormentas políticas, quaisquer que fossem - e muito menos as mudanças políticas de fachada - nos afastassem desse trabalho urgente. Sem este trabalho, a atividade política degeneraria infalivelmente em um passatempo, uma vez que esta atividade só adquire uma importância real para o proletariado quando se realiza em que mobiliza as massas de uma determinada classe, desperta nela o interesse e a leva a participar dos acontecimentos com uma força ativa e avengada. Como já dissemos, este trabalho é sempre necessário: depois de cada derrota pode-se e deve-se lembrar este trabalho e determiná-lo mais uma vez, pois a debilidade neste terreno é sempre uma das causas da derrota do proletariado. Depois de cada vitória, também sempre é preciso recordá-lo e ressaltar uma importância, pois de outro modo a vitória, será aparente, seus resultados não serão consistentes, seu significado real, do ponto de vista de toda a nossa grande luta por nosso objetivo final, será insignificante e até poderia resultar negativa (já no caso de uma vitória parcial que debilite nosso espírito de vigilância, dê origem a desconfiança para com os aliados inseguros e permita deixar pesquisar o assunto de assustar novos e mais fortes golpes do imperialismo).

CONFIDENCIAL

.....ilegível.....

tória como depois de ...ilegível... ...ilegível... ...ilegível... ...ilegível... dos revolucionários mais tormentosos, precisamente por isso não se deve dizer uma palavra de ordem especial da ...ilegível... para se realizar este trabalho, não se pode fundamentar nela uma tendência especial sem risco de cair em demagogia e menosprezar as tarefas da classe de vanguarda, a única verdadeiramente revolucionária. Na atividade política do partido social-democrata há e haverá sempre certos elementos de pedagogia; é preciso educar toda a classe dos trabalhadores assalariados a fim de que desempenhem o papel de combatentes para libertar toda a humanidade de qualquer opressão, é preciso educar constantemente novos e novas camadas desta classe, saber aproximar-se dos elementos menos desenvolvidos, menos influenciados por essa ciência e pela ciência da vida, e para poder falar e estabelecer contato com eles e elevá-los paciente e firmemente ao nível da consciência social-democrata, sem converter nossa doutrina em um dogma sem vida, ensinando-a não apenas c/livros, mas também por meio de participação das camadas mais atrasadas menos desonvildas do proletariado na luta diária e prática. Nesta atividade diária repetimos, há certos elementos de pedagogia. Deixaria de ser social democrata aquele que esquecesse esta atividade. Isso é certo. Mas entre nós, presentemente, se esquece com frequência que um social democrata que reduzisse as tarefas políticas a um simples trabalho pedagógico, também - ainda que por outro motivo - deixaria de ser social democrata. Quem tivesse a lembrança de fazer desta "pedagogia" uma palavra de ordem especial, de contrapô-la à "política", de basear nesta contraposição uma tendência especial e de apelar às massas em nome dessa palavra de ordem contra os "políticos" da social democracia, cairia imediatamente e de maneira irremediável na demagogia" (O trabalho do partido entre as massas pg.33 e 35 Lênin).

Para mostrar os cuidados que Lênin tinha com os riscos da confusão política-pedagógica, vamos contrapor agora a citação que Michel Thiollent faz de um trecho do "QUE FAZER" de Lênin, em que este se irrita com os intelectuais que menosprezaram a capacidade das massas e tomavam atitudes artesanais, descuidando de nivelar os operários aos revolucionários e escreve: "o que me revolta é essa tendência de se unir pedagogia às questões da política, as questões de organização.", pois Lênin dava prioridade à direção política e à formação de uma organização rígida (Educação & Sociedade nº 9 pg.57).

Voltando para as posições de Gadotti (Educ. & Socied. nº1 pg.9 e 13). lembremos que "em si mesmos, por si, nenhuma pedagogia é revolucionária... atingem quando muito, o objetivo de uma prática da democracia na sala de aula, procurando convocar alunos e professores para assumir seu trabalho com autonomia e participação. Uma pedagogia é revolucionária pelo seu conteúdo (conservador ou revolucionário), pelo que ele ensina" transmite, faz aprender na escola ou fora dela". "Desta forma, o pedagogo, o educador, ao repensar a educação, está também repensando a sociedade. Não existe uma igualdade entre política e educação: existe uma identidade. O

REPRODUÇÃO DE
ORIGINAL ILEGÍVEL

...ilegível... ...ilegível... ...ilegível... ...ilegível... ...ilegível...
política do mais forte, a política ...ilegível... . Não acredito numa.....ilegível...
tra: ou fazemos uma pedagogia do oprimido ou fazemos uma pedagogia contra.

Volto a minha colocação inicial; a pedagogia do diálogo pode um mito (não digo que sempre o seja) em nome do qual se pratica o anti-diálogo, a mentira, a ocultação, a manipulação".

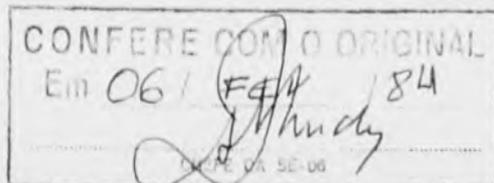
Antes, de tudo, somos políticos, militantes de um partido que resolvemos assumir a tarefa específica de pedagogos, devido ao espaço político que a aplicação do método abre. (A própria decisão de se fazer alfabetização é um ato político ("A questão política de Educação Popular pg.137 P.F). Teremos que "complementar o trabalho do educador com um trabalho propriamente político de organização de massa e esta parte não foi cumprida a sério por ninguém, nem mesmo pelas organizações de esquerda" (F.Weffort -Educ.como prática da Liberdade - Pref.P.F.).

Acreditamos que "as grandes massas aprendem só através de ação" e que a "a história é o único laboratório para as ciências Sociais"(Teoria Leninista de Organização - Mandel pg.62 e 66). Portanto, "nossa missão principal e fundamental, consiste em promover o desenvolvimento político e a organização política da classe operária" (O trabalho do partido entre as massas) Lênin pg.11).

Como educadores, somos aquele que "sabe que sua tarefa contém implicações políticas e sabe ademais que estas implicações interessam ao povo e não as elites. Mas sabe também que seu campo é a pedagogia e não a política, e que não pode, como educador, substituir o político revolucionário interessado no conhecimento e na transformação das estruturas" (Weffort- Pref.Educação como prática da Liberdade).

E Weffort insiste mais em evidenciar as diferenças, dizendo que "apesar de que ninguém possa aceitar a idéia ingênua da educação como a "alavanca da revolução", caberia considerar a possibilidade de que, neste caso, a educação se antecipa a uma verdadeira política popular e que lhe sugere novos horizontes"(idem pg.26). Porém, "se ela não pode fazer sozinha a transformação, essa transformação não se efetivará, não se consolidará sem ela (M.Gadotti em Educ. & Socied. nº1 pg.15). "Mas cabe aos políticos, não ao educador, a tarefa de orientar esta tomada de consciência numa direção especificamente política"(Weffort - Educação como Prática da Liberdade - pg.16).

Para que não sejamos um Partido de intelectuais, sem experiência real de participação política, acreditamos que nossa prática deve abrir dessa "rede" que se trama entre a política e a pedagogia, visando a participação e o exercício democrático dos educandos, para fazer emergir seus interesses. Devemos ter "um método correto de aproximação do concreto, para desvelá-lo. E isto não se impõe."(P.do O.118). Assim seremos criativos e críticos, sem incorporarmos a guinada do caudilhismo.



...finais do texto, a política...
...fazendo uma...
...colocação...
...a não digo que sempre o seja, a...
...a mentira, a ocultação, a manipulação.

Antes, de tudo, somos políticos, militantes de um partido que resolve, dentro da tarefa específica de pedagogia, devido ao espaço político que a aplicação do método exige. (A importância da educação de se fazer alfabetização é um ato político? A educação política da Educação Popular pg.137 P.F.). Tarefa que "complementar o trabalho do educador com um trabalho especificamente político de organização da massa e este parte não foi cumprida a sério por ninguém, nem mesmo pelas organizações de "esquerda" (F. Jefferot - Educ. como prática da Liberdade - Pref.P.F.).

Acreditamos que "as grandes massas aprendem só através de ação" e que a "a história é o único laboratório para as ciências Sociais" (Teoria da História de Organização - Mandel pg.62 e 66). Portanto, "nossa missão principal e fundamental, consiste em promover o desenvolvimento político e a organização política da classe operária" (O trabalho do partido entre as massas/Lênin pg.11).

Como educadores, somos aquele que "sabe que sua tarefa contém implicações políticas e sabe ademais que estas implicações interessam ao povo e não as elites. Mas sabe também que seu campo é a pedagogia e não a política, e que não pode, como educador, substituir o político revolucionário interessado no conhecimento e na transformação das estruturas" (Jefferot - Pref. Educação como prática da Liberdade).

E Jefferot insiste mais em evidenciar as diferenças, dizendo que apesar de que ninguém possa aceitar a idéia ingênua da educação como a "alavanca da revolução", caberia considerar a possibilidade de que, neste caso, a educação se antecipa a uma verdadeira política popular e que lhe sugere novos horizontes" (idem pg.26). Porém, "se ela não pode fazer sozinha a transformação, essa transformação não se efetivará, não se consolidará sem ela (M. Sadotti em Educ. & Sociad. nº1 pg.15). "Mas cabe aos políticos, não ao educador, a tarefa de orientar esta tomada de consciência numa direção especificamente política" (Jefferot - Educação como prática da Liberdade - pg.16).

Para que não sejamos um partido de intelectuais, sem experiência real de participação política, acreditamos que nossa prática deve abrir / dar a "rede" que se trama entre a política e a pedagogia, visando a participação e o exercício democrático dos educandos, para fazer emergir seus interesses. Deverá ter "um método correto de aproximação do concreto, para desvelá-lo. E isto não se impõe." (P. do C.118). Assim seremos criativos e críticos, sem incorpormos a guinada do caudilhismo.

CONFIDENCIAL

.....ilegível.....ilegível.....ilegível.....
.....ilegível.....ilegível.....ilegível.....
...ilegível... do O. 178) ...ilegível... , ...ilegível... a unidade, a liderança já busca igualmente, a organização das massas populares , o que implica no testemunho que deve dar a elas de que o esforço de libertação é uma tarefa comum a ambas" (P.do O.pg.

207). "Porisso é que afirmamos: ao buscar a união, a liderança já busca, igualmente, a organização das massas populares" (P.do O.209).

Sabemos que isso não é tarefa fácil, possibilitada apenas por leitura e discussões. Na prática, vamos esbarrar com toda a ideologia e a tradição que nos esmaga. Nós propomos uma tarefa nova, que extrapola inclusive o nosso próprio tempo. Queremos viabilizar o melhor funcionamento do motor da história e vamos pisar no desconhecido- É falanda de nós educadores que P.F. diz "o medo de liberdade", então neles se instala. Durante todo o processo traumático, sua tendência é, naturalmente, racionalizar o medo, com uma série de evasivas" (p.do O, 183).

A hora então é de saber que temos, cada vez mais, que nos assumimos como revolucionários. É ter em conta que "o comunismo não é um "estado que deve ser implantado, um "ideal" ao qual tenha que sujeitar-se a realidade. Nós chamamos comunismo ao movimento real que anula e supera o estado de coisa atual"(Marx Ideologia Alemã pg37), pois "o povo enquanto esmagado e oprimido não pode constituir a teoria de sua ação libertadora. Somente no encontro dele com a liderança revolucionária, na comunhão de ambos, na práxis de ambos, é que esta teoria se faz e se re-faz"(P.do O.217).

Ainda não somos um Partido no poder, mas podemos preparar a "revolução cultural" que é a "continuação necessária da ação cultural dialógica que deve ser realizada no processo anterior à chegada ao poder (P.do O pg.185).

Essa ação cultural dialógica, que desenvolveremos em nossos círculos de cultura, através da alfabetização, da problematização com os educandos, da conscientização, da discussão e distribuição de nossos boletins com a participação também deles, com o objetivo de uma atuação maior deles dentro do diretório; a programação de atividades recreativas (como filmes) e mesmo as discussões políticas do diretório, deverão fazer parte da nossa maneira de preparar a "revolução cultural" que a revolução no poder terá que desenvolver.

"Como a entendemos, a "revolução cultural é o máximo do esforço de conscientização possível que deve desenvolver o poder revolucionário, com o qual atinja a todos, não importa qual seja a sua tarefa a cumprir"(p. do O. 186).

"Na revolução cultural, finalmente, a rev., desenvolvendo e praticando o diálogo permanente entre a liderança e povo, consolida a participação deste no poder"(P.do O.187).

... (P.do D. pg. 207). "Porisso é que afirmamos: ao buscar a união, a liderança já busca, igualmente, a organização das massas populares" (P.do D. 209).

Debemos que isso não é tarefa fácil, possibilitada apenas por leitura e discussões. Na prática, vamos esbarrar com toda a ideologia e a tradição que nos amega. Não propomos uma tarefa nova. Que a tradição incutida o nosso próprio tempo. Querem a liberdade e não a confinação do poder da história e vamos pisar no de concreto. É falso de nós educadores que P.F. diz "o medo da liberdade", então neles se instala. Durante todo o processo traumático, sua tendência é, naturalmente, racionalizar o medo, com uma série de evasivos" (p.do D, 183).

A hora então é de saber que temos, cada vez mais, que nos assumirmos como revolucionários. É ter em conta que "o comunismo não é um "estado que deve ser implantado, um "ideal" ao qual tenha que sujeitar-se a realidade. Nós chamamos comunismo ao movimento real que anula e supera o estado de coisa atual" (Marx Ideologia Alemã pg57), pois "o povo enquanto esmagado e oprimido não pode constituir a terra de sua ação libertadora. Somente no encontro dele com a liderança revolucionária, na comunhão de ambos, na práxis de ambos, é que esta teoria se faz e se re-faz" (P.do D. 217).

Ainda não somos um Partido no poder, mas podemos preparar a "revolução cultural" que é a "continuação necessária da ação cultural dialógica que deve ser realizada no processo anterior à chegada ao poder (P.do D pg. 185).

Essa ação cultural dialógica, que desenvolvermos em nossos / círculos de cultura, através da alfabetização, da problematização com os educandos, da conscientização, da discussão e distribuição de nossos boletins com a participação também deles, com o objetivo de uma atuação maior deles, dentro do diretório; a programação de atividades recreativas (como filmes) e mesmo as discussões políticas do diretório, deverão fazer parte da nossa maneira de preparar ~~da nossa~~ a "revolução cultural" que a revolução no poder terá que desenvolver.

"Como a entendemos, a "revolução cultural é o máximo do esforço de conscientização possível que deve desenvolver o poder revolucionário, com o qual atinja a todos, não importa qual seja a sua tarefa a cumprir" (P. do D. 186).

"Na revolução cultural, finalmente, a rev., desenvolvendo e / praticando o diálogo permanente entre a liderança e povo, consolida a participação deste no poder" (P.do D. 187).

CONFIDENCIAL

...ilegível... ...ilegível... ...ilegível... ...ilegível... ...ilegível...
tração de serviço ...ilegível... ...ilegível... ...ilegível... ...ilegível...
...ilegível... ...ilegível... ...ilegível... ...ilegível... ...ilegível...
nos".

...ilegível... ...ilegível... ...ilegível... ...ilegível... ...ilegível...
das na primeira ...ilegível... ...ilegível... várias experiências em educação ...ilegível...
levadas a ...ilegível... ...ilegível... países da América Latina ao longo dos
últimos 15 anos", tiradas ...ilegível... ...ilegível... que analisa a educação
popular no contexto da ...ilegível... ...ilegível... ...ilegível... em ...ilegível...
a Socied.) (Setembro de 1981).

Foi quando P.F. introduziu em seu método o problema da luta de classes, que se tornou mais dinâmica e prática educativa de educação popular pois ficou mais claro a associação da prática pedagógica com a ação política. Da ação das massas, se desenvolvia a consciência sobre essa ação e voltava-se novamente à ação para transformá-la conscientemente. "Era a dimensão educativa da ação política".

"Na Nicarágua de hoje, todo o processo revolucionário, em todos os níveis da sociedade, é essencialmente educador". A revolução sandinista colocou a "educação popular como opção oficial" que deixou de ser atividade restrita a alguns especialistas, para dar lugar ao povo educando, povo num processo dialético de "ação-reflexão-ação, prática-teoria-prática", onde a vanguarda política desempenha o importante papel de impulsionar o processo.

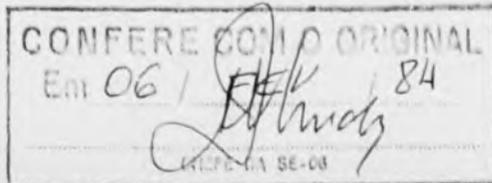
"Assim como na guerra, para conseguir o objetivo de derrubar a tirania foi preciso ter: a) uma estratégia que produzisse todo o processo da luta do princípio ao fim; b) diversas táticas que se adaptaram a situações concretas de cada momento e lugar; c) diversas armas que todo o povo pudesse utilizar para o combate; algo semelhante ocorre com a educação popular.

A conclusão a que lá se chegou é que a elaboração de materiais didáticos de apoio é uma tarefa especificamente técnica, mas o problema central de como elaborá-las é fundamentalmente metodológico, isto é, essa elaboração é feita desde as bases e com as bases.

Resumindo:

- 1) O material didático não é educativo em si mesmo;
- 2) O material educativo surge da base e regressa à ela;
- 3) Todo o material didático deve ter um eixo condutor, uma coência temática global, a qual será definida pelos objetivos políticos que orientam a ação educativa;
- 4) O material didático deve permitir apoiar um processo de formação teórica
- 5) Os materiais didáticos podem ser códigos muito diversos e variados.

O projeto está aí e o trabalho não é pouco...



F

I

M

ASV

ACE

SEC

3085 / 82

||/||

01/29

PROTOCOLO Nº

ASVISNI
PROTOCOLO Nº 1442
EM 09 / 07 73

TELEX Nº 8990/72, 8996/72, de 06 Jul 73 - AC LDB

Sobre JOSÉ FRANCISCO DA ROCHA e outro

DATA	CHEFIA		DESPACHO	RUBRICA					
	DE	PARA							
10.7.73		Sec.	Verificar para o Rep/te J... e informar						
10.7.73	Sec	-	Tx 8996/72 - Foi respondido pelo telex nº 561/22/ANV/73.						
<table border="1"> <tr><td>TX 8990/72</td></tr> <tr><td>RESPONDIDO COM Telex</td></tr> <tr><td>Nº 568/22 DE 16 / 19 / 73</td></tr> <tr><td>INFORMANDO QUE N/C.</td></tr> <tr><td>ANEXO AO DS Nº</td></tr> </table>					TX 8990/72	RESPONDIDO COM Telex	Nº 568/22 DE 16 / 19 / 73	INFORMANDO QUE N/C.	ANEXO AO DS Nº
TX 8990/72									
RESPONDIDO COM Telex									
Nº 568/22 DE 16 / 19 / 73									
INFORMANDO QUE N/C.									
ANEXO AO DS Nº									
16.7.73	Sec	→	Arquivar						
28-09-81		-----	O Telex nº 8996/72/AC/73 foi destruído ficando apenas o telex que respondeu a referida solicitação.						
<table border="1"> <tr><td>SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES</td></tr> <tr><td>AGÊNCIA DE SALVADOR</td></tr> <tr><td>ACE Nº 03085/82</td></tr> </table>					SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES	AGÊNCIA DE SALVADOR	ACE Nº 03085/82		
SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES									
AGÊNCIA DE SALVADOR									
ACE Nº 03085/82									

✚

SNI AC II BSB

SNI SDR

ASV/AC NR 561/22 UG 07 12 1045 (73)

ASV
EXPEDIDO

02

RETEX 8996/72/AC/73, LDB 4310/73, INFO: 1965 FOI INDICIADO PROCESSO
INSTAURADO DELEGACIA POLICIA DE FRANCA/SP. REF PROC. FOI REMETIDO =
20 DEZ 65 PARA AUDITORIA SEGUNDA R.M. 1ª DISTRITO - 4A ZONA AREA AEREA/
S. PAULO. - ESTA AR NAO TEM CONHECIMENTO RESULTADO.//////////

□.::::: 4A ZONA AEREA...

=====

TR POR ZPG AAS 1718 DE 12:07:73

REC POR ~~ZPG~~ X J A

E
C
T

E
X
8

OK 93

ASV/SNI	T A L A B R A N C A	Protocolo Tu Com n.º 196
---------	----------------------------	-----------------------------

Mensagem: n.º 01254/72/AC/75	Data 29 / 01 / 75	Referência:
------------------------------	-------------------	-------------

Assunto: STEFANIO ALVES.	<u>Tu Com 594/75</u>
--------------------------	----------------------

Origem	AC/LDB	AC/SC 6	AC	SNI
--------	--------	---------	----	-----

Distribuição	S C - 1			C H G A B					S S A A		Data
	SS	SS	SS	SSCI	SS ARQ	Tu Com	Sec	SC - 3	Tes	Serv	30 Jan 75 <i>[Signature]</i> Chefe ASV
	15/17	16/19	18						Almx	Gerais	

1) 30 Jan 75 - Ao ACO, P e informas
 de 31 Jan 75. APQ. + SS/CI consta 25470. ^{2153/2} *[Signature]*

3) 11 Mar 75 - Expedida a Infão n.º 0086/06/ASV/75 - P/AC.

4) 12 Mar 75 - Rec. TX 3519/72/AC/75 - (Tu Com 0594/75) existem
restrições quanto ao abreviamento. *[Signature]*

5) Em 19 FEV 75, recebido RPB nr 026/4-2/COBRAS/75. informado: sobre
 o nominado constam mesmos registros do ENC. 06021/72, da 451.
[Signature] 23/01/75

~~_____~~

~~_____~~

6) Dados levantados em Aracaju/PE, entre 17 e 20 FEV 75:

a. OI SERGIPE - 28-BC e CP/PE tem registros.

b. Pessoas idênticas - Classificam-no como comunista agressivo. *[Signature]*
 12306/75.

Providência Final	Infão 0086 1061 ASV, de 11/3/75 a AC.						DATA: 31 / 03 / 75					
	Telex	n.º	/	/	ASV, de	/	/	a	ARQ. FINAL <i>[Signature]</i>			
	Ofício	n.º	/	/	ASV, de	/	/	a	ARQ	S	GAB	SSAA

ASV
RECEBIDO

BR1608 UU ASV 01254/72/AC/75 29JAN1730

LDB/B

4310/73. SOLINCO, INCLUSIVE DADOS DE QUALIFICACAO DE STEFANIO ALVES, ASSESSOR JURIDICO DA REITORIA DA UNIV FED DE SERGIPE. COGITA DO PARA CARGO NA ADMINISTRACAO DO GOV/SE. FACE REGISTROS EXISTENTES AC ATIVIDADES SUBVERSIVAS, ANTES DE 1964, SINFO ATUACAO NOMINADO, PARTICULARMENTE, CAMPOS IDEOLOGICOS ET SUBVERSIVO. TCUU.

CONFIDENCIAL



SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA DE SALVADOR

INFORMAÇÃO Nº 0086/06-ASV/75

Data :- 11 Mar 75
Assunto :- STEFANIO DE FARIA ALVES - 7.
- COGITADO PARA CARGO NO FUTURO GOVERNO DE SERGIPE - 7.
Origem :- Tu Com 0196/ASV/75
Referência:- Telex nº 01254/72/AC, de 29 Jan 75 - LDB 4310/73.
Difusão :- AC/SNI
Anexos :- A- Cópia de Ficha Pessoal elaborada pelo 28^oBC
B- Cópia de Prontuário existente na 6^aRM
C- Cópia de recorte da GAZETA DE SERGIPE, de 11 Fev 73
D- Ficha-Sintética elaborada pela ASV/SNI.

1. Em resposta ao Telex referenciado, informa-se que sobre o nome do foi levantado o seguinte:

- a. "DADOS DE QUALIFICAÇÃO": STEFANIO DE FARIA ALVES, filho de José Alves dos Santos e Otacília Faria Alves, nascido a 22 Fev 31, em RIACHÃO DO DANTAS/SE, Bel. em Direito.
- b. "ATUAÇÃO NOMINADO, CAMPOS IDEOLÓGICOS ET SUBVERSIVO". Foi indiciado em Inquérito por atividades subversivas em 1965, na Cidade de FRANCA/SP, o qual foi remetido para a 2^a Auditoria Militar, e posteriormente arquivado - segundo registro existente no 28^oBC -. (Anexo - A). Em prontuário existente na 2^a Sec. da 6^aRM há registro de ser elemento esquerdista, tendo sido líder de dirigentes do curso "PAULO FREIRE" em FRANCA/SP no ano de 1963, bem como ser companheiro de ALFREDO HENRIQUE COSTA - Jornalista, dono do Jornal "COMÉRCIO DE FRANCA", órgão promocional de elementos esquerdistas -. (Anexo - B).
- c. "OUTROS DADOS". A atuação do nominado em SERGIPE, tem sido marcada pelas tendências já demonstradas anteriormente, de vez que nos artigos que escrevia para a imprensa de ARACAJU/SE, eram sem

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL
PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO D'ESTE
DOCUMENTO. (Art. 62 . Dec. n.º 60.417/67
Regulamento para Salvaguarda de Assuntos
Sigilosos).

~~-continua-~~
CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

06



SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

(continuação da INFORMAÇÃO nº 0086/06-ASV/75). (2)

pre de tendência esquerdista. (Anexo - A).

d. Segue anexo cópia de artigo, de autoria do nominado, publicado pela GAZETA DE SERGIPE, de 11 Fev 73, criticando o Governo / Uruguaio. (Anexo C).

e. Ouvidas pessoas idôneas, esta AR obteve informação que o nominado além das suas tendências, é agressivo. Foi elaborada Ficha-Sintética sobre o nominado. (Anexo - D).

* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *

CONFIDENCIAL

07

CONFIDENCIAL

COGITADO PARA AUXILIAR DO FUTURO GOVERNO DO ESTADO

13. STEFÂNIO DE FARIAS ALVES

Assessor Jurídico da Reitoria da Universidade Federal de Sergipe

FILIAÇÃO: José Alves dos Santos e Otacília de Farias Alves

DATA DE NASCIMENTO: 22 de fevereiro de 1931

NATURALIDADE: Brasileiro (Riachão do Dantas-SE)

ESTADO CIVIL: Casado

DADOS PESSOAIS

- Antes da Revolução, residia e estudava na Cidade de Franca-SP, tendo ali desenvolvido intensa atividade subversiva. Foi inclusive Delegado de Polícia daquele município.
- Indiciado em processo instaurado na Delegacia de Franca-SP, remetido à 2ª Auditoria Militar, sendo posteriormente arquivado.
- Foi processado por ser o organizador e orientador do Método // Paulo Freire e do Teatro de Cultura Popular.
- Em 1965 já formado em Direito, mudou-se para esta Cidade.
- Em 1968 foi nomeado Diretor Regional do SENAI-Arcaaju, função/que desempenhou até 1971.
- Em 1969 foi nomeado Assessor de Relações Públicas da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente não mais desempenha esta função.
- Escrevia esporadicamente para a imprensa de Arcaaju e seus artigos eram sempre de tendências esquerdistas.
- Em 1969, por causa de seus artigos, jogando o Poder Judiciário contra o Poder Executivo, causou protestos na imprensa por parte do Procurador Geral do Estado.



CONFIDENCIAL

08

— S E C R E T O —

SEXTA REGIÃO MILITAR
2.ª SEÇÃO

STEFANIO FARIA ALVES
NOME



PROFISSÃO: Bacharel em Direito
FILIAÇÃO: José Alva dos Santos e Otacília Faria Alves
ESTADO CIVIL:
NATURALIDADE: Sergipe Riachão do Dantas
Est. Mun.
DATA NASCIMENTO: 22 de fevereiro de 1931

SINAIS CARACTERÍSTICOS:

Altura: Cutis: Cabelos: Olhos:

IDENTIDADE:

- Número da carteira:
- Número do registro:
- Local de fornecimento:

INSTRUÇÃO:

LOCAL DE TRABALHO:

RESIDÊNCIA:

Doc Origem Pasta e Arq	Data Fonte - Classificação	HISTÓRICO
Informação nº 1861 -S-102-CIE, de 19 Jul 72, do CIE.	19 Jul 72 -	Em relatório da CGI/MF, é citado como elemento esquerdista, tendo inclusive, liderado um dos grupos disidentes do curso "PAULO FREIRE", criado na cidade de FRANÇA-SÃO PAULO, em fins de 1963. - Citado como um dos companheiros de ALFREDO HENRIQUE COSTA, jornalista, dono do jornal "COMÉRCIO DA FRANÇA", de posição inequívoca como órgão promocional de elementos de esquerda.
		

AT E N Ç Ã O:

O original deste documento (com 03 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

— S E C R E T O —

GS - Aracaju, 11.2.73 Sexta Página

Através do Mundo

Stefano de Faria Alves

Crise no Uruguai

Há quase dez anos o Uruguai vive congestionado por uma crise política, militar que tem debilitado esse país de tal forma que está irreconhecível. O Uruguai sempre foi um vigoroso exemplo de estabilidade política e tradição democrática em toda a América Latina. Outrora foi cognominado de a "Suíça da América".

A falta de um líder autêntico que promovesse a unificação das forças políticas em defesa dos reais interesses da nação concorreu para a radicalização de posições que envolveu o país no entrecrucho extremista. Em condições para solucionar a crise, o Governo uruguiano viu a abertura do processo revolucionário com a ação terrorista liderada pelos tupamaros. Uma onda de violência cobriu o país ao ponto de se colocar a prêmio a segurança dos cidadãos, sujeitos aos sequestros e assaltos.

Um esquema de represão foi montado pelo Governo com o apoio das Forças Militares. Mas a audácia dos tupamaros com suas ações espetaculares começou a intrigar a todos na admissão de que forças poderosas

estavam dando a cobertura necessária aos terroristas. Um mal estar começou a se difundir entre os setores responsáveis diretos no combate à guerrilha urbana. E a coisa foi se agravando com a morte de muita gente.

As principais cidades uruguayas principalmente, Montívídeu, passaram a sofrer quase que um colapso nas suas atividades normais, com greves, assaltos, atos terroristas, fechamento do comércio. A economia do país foi atingida consideravelmente.

Para desencanto de importantes líderes militares os políticos começaram a se aproveitar da situação para desenvolverem o processo de corrupção, ao invés de marcharem ao lado dos que estavam empenhados para reerguer o país. E esses líderes militares, ficaram ainda mais contrariados, quando não constatavam nenhum esforço objetivo do Governo Bordaberry para acabar com essa situação, cujo ápice chegou à Prefeitura de Montívídeu.

A corrente militar apoiada pelos Ministros

do Exército e da Aeronáutica chegou a revelar o descontentamento ao Ministro da Defesa pela passividade diante da corrupção do país. Isto produziu um mal estar, ocasionando uma crise político-militar que mereceu a interferência direta do Presidente Bordaberry a favor do seu Ministro da Defesa e a consequente renúncia dos citados Ministros.

Dizem que o Presidente Bordaberry recebeu o jo dos Partidos políticos para impedir o golpe militar que estava prestes a ser deflagrado no entender dessas forças. O certo é que os Ministros discedantes deixaram suas respectivas Pastas e a crise foi controlada. Mas feridas foram abertas entre as forças que sustentam Bordaberry.

Poderão ser ou não encatizadas, salvo não se trate de um tumor maligno sem possibilidade de uma intervenção cirúrgica capaz de debelar o mal. O belo e maravilhoso Uruguai merece a garantia de um grande destino histórico. Oxalá o consiga para gaudío do seu povo e das nações amigas da Suíça americana.



1. POSIÇÃO IDEOLÓGICA	<input type="checkbox"/> DEMOCRATA <input type="checkbox"/> COMUNISTA <input checked="" type="checkbox"/> ESQUERDISTA <input type="checkbox"/> SEM POSIÇÃO DEFINIDA <input type="checkbox"/> NÃO HÁ REGISTROS <input type="checkbox"/> OS REGISTROS NÃO PERMITEM OPINIÃO CONCLUSIVA.
2. ATITUDE COM RELAÇÃO À REVOLUÇÃO DE 31 MAR 64.	<input type="checkbox"/> INTEGRADO <input type="checkbox"/> ADESISTA <input checked="" type="checkbox"/> CONTRÁRIO <input type="checkbox"/> CONTRA-REVOLUCIONÁRIO <input type="checkbox"/> SEM POSIÇÃO DEFINIDA <input type="checkbox"/> NÃO HÁ REGISTROS <input type="checkbox"/> OS REGISTROS NÃO PERMITEM OPINIÃO CONCLUSIVA.
3. ATIVIDADES SUBVERSIVAS	<input checked="" type="checkbox"/> ATUANTE <input type="checkbox"/> SIMPATIZANTE <input type="checkbox"/> NÃO HÁ REGISTROS <input type="checkbox"/> OS REGISTROS NÃO PERMITEM OPINIÃO CONCLUSIVA.
4. PROBIÇÃO ADMINISTRATIVA	<input type="checkbox"/> HÁ REGISTROS POSITIVOS <input type="checkbox"/> HÁ REGISTROS NEGATIVOS <input checked="" type="checkbox"/> NÃO HÁ REGISTROS.
5. EFICIÊNCIA FUNCIONAL OU PROFISSIONAL.	<input type="checkbox"/> HÁ REGISTROS POSITIVOS <input type="checkbox"/> HÁ REGISTROS NEGATIVOS <input checked="" type="checkbox"/> NÃO HÁ REGISTROS
6. CONDUTA CIVIL	<input type="checkbox"/> HÁ REGISTROS POSITIVOS <input type="checkbox"/> HÁ REGISTROS NEGATIVOS <input checked="" type="checkbox"/> NÃO HÁ REGISTROS
7. OBSERVAÇÕES: _____	
APRECIACÃO FINAL <input type="checkbox"/> NÃO HÁ RESTRIÇÃO <input type="checkbox"/> OS REGISTROS EXISTENTES NÃO CONTRA-INDICAM O APROVEITAMENTO <input type="checkbox"/> NÃO EXISTEM ELEMENTOS DE CONVICÇÃO QUE CONTRA-INDIQUEM O APROVEITAMENTO. <input type="checkbox"/> NÃO HÁ REGISTROS <input checked="" type="checkbox"/> NÃO DEVE SER APROVEITADO	

711394SNIN BR
611005SNINC BR

594

12

BR 731 UH ASV 3519/72/AC/75 12 MAR/1510

4310/73. SINFO FUTURO GOV/SE QUE EXISTEM RESTRICOS QUANTO AO
APROVEITAMENTO DE STEFANIO DE FARIA ALVES, COGITADO PARA CARG
NA FUTURA ADMINISTRACAO DO GOV/SERGIPE.

XJM12MAR/75///16116??R=φ
611005SNINC BR(ZRG())

ASV
RECEBIDO

PERMANENTE

13

ASV/SNI

T A L A B R A N C A

PTX nº

0446

Mensagem: nº 4085/74/AC/78

Data 07/03/78

Referência

Assunto: STEFANIO DE FARIAS ALVES LDB/B

Data

07 MAR 1978

Chefe ASV

Contém o presente PTX
Origem (Vinte e Um de) Fls.
Em: 1 MAI 1978 ch. 750

PERMANENTE

Distribuição

G A B	SS - 1 0 0					SS - 3 0 0			SS - 6 0 0			SS - 7 0 0	
031	051	115	116	117	118	310	320	330	610	620	630	740	750

Tomar Conhecimento

Falar com a Chefia

Anotar

Processar

Aprofundar

Estudar

Difundir

Arquivar

Integrar

8 MAR 1978

St. 750 - Costa - EJ.

10 MAR 1978

CONTROLE DAS RESPOSTAS DO PB nº 0078/740/ASV/78.

PROVIDÊNCIAS

O(A) documento(s) recebido(s) e/ou difundido(s) com o teor "C" foi(ram) triturado(s).

ORIGEM	DO DOCUMENTO	DATA	ANEXO AO	C/NC
6ª RM	165/78	20.03.78	—	"C"
COMCOS	RPB 231/78	27.03.78	—	"NE"
DPE/BA	0243/78	10.03.78	—	"C"
28ª BE	RPB 114/78	27.03.78	—	"C"
—	—	—	—	—
—	—	—	—	—

As respostas recebidas do OIA com o teor "NE" foram trituradas.

6 ABR 1978 - Difundido o PB nº 0096740/ASV/78 ao 28ª BE.

8 MAR 1978 - Recebido a RPB nº 162/78 - 28ª BE, de 24 abr "C"

Providência Final

Telex nº / / ASV, de / / a

Ofício nº / / ASV, de / / a

DATA: 9. MAI 1978

ARQ: FINAL

ST750 S GAB SS600

VIDE VERSO

EXAMINANTE

EXAMINANTE

10 MAR 1978

CONTROLE DAS RESPOSTAS DO PB n.º 0079/740 ASV/78.

ORIGEM	DOCUMENTO	DATA	ANEXO	CLASS.
2º DN	Infão 0411/78	17.03.78	—	"e"
SSP/BA	Infão 523/78	27.03.78	—	"Ne"
PM/BA	Infão 158/78	21.03.78	—	"Ne"
DPF/SE	Infão 0457/78	15.03.78	—	"e"
SSP/SE	Infão 53/78	22.03.78	—	"e"
PM/SE	Infão 034/78	22.03.78	—	"e"
ASI/NESE	91 Δ/mo/78	28.03.78	—	"e"
—	—	—	—	—
—	—	—	—	—
—	—	—	—	—

Ofx no 561/22/ASV/78 encontra-se no D. 25470
 A Subof no 0076/06/ASV/75 encontra-se no Ptx no 0196/75

NOE VERSO

14

PERMANENTE

0307.1724

0446

*
711394SNIN BR
611005SNIND BR

BR299 ASV 4085/74/AC/78 07MAR1700 (XDF)

LDB/B

4310/73. RETEX NR 561/22/ASV, DE 12 JUL 73 ET INFAO NR 0086/06/--
ASV, DE 11 MAR 75. COM BASE NOS REGISTROS ACIMA REFERENCIADOS, EM
13 ABR 77, O SR STEFANIO DE FARIAS ALVES FOI CONTRA-INDICADO PELO/
SNI PARA O CARGO DE ASSESSOR JURIDICO DA UFSE. EM OUT 77, O REITOR/
DA UFSE SOLICITOU, ATRAVES DA DSI/MEC, REESTUDO DO PROCESSO DE LDB
DO EPIGRAFADO, ALEGANDO QUE O MESMO EH FUNCIONARIO EXEMPLAR, DEDICA
DO ETC, ACRESCENTANDO AINDA QUE EM 74, O SR STEFANIO PARTICIPOU /
DE CURSO DA ADESG. FACE EXPOSTO, SOL MAXIMO EMPENHO DESSA ASV SENTI
DO PROCEDER NOVAS BUSCAS, COM VISTA A OBTER DADOS ATUAIS ET CONCRE
TOS QUE PERMITAM CARACTERIZAR O REF ADVOGADO QUANTO AOS ITENS DA
FICHA SINTETICA. (02/74).

* XJL/07/MAR/78/17:30HS(*
711394SNIN BRZPGQPPTSININD BR

ASV
RECEBIDO

ELEVA



700
15
CONFIDENCIAL

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Superintendência Regional em Sergipe

Aracaju, SE. 15.03.78

ASSUNTO: ANTECEDENTES - STEFÂNIO DE FARIAS ALVES.

ORIGEM: PTx nº 0446/ASV/78

AVALIAÇÃO:

DIFUSÃO: ASV/SNI.

DIFUSÃO ANTERIOR:

REFERÊNCIA: PB. nº 0079740/ASV/78.

ANEXO:



INFORMAÇÃO Nº 0157/78 - SI/SR/DPF/SE.

Em atendimento ao Pedido de Busca da referência esta SI informa o que se segue:

STEFÂNIO DE FARIAS ALVES, advogado, Diretor de SENAI e Assessor Jurídico da Universidade Federal de Sergipe, filho de José Alves dos Santos e Otacília de Farias Alves, natural de Riachão de Dantas/SE, nascido a 22.02.31, portador da Carteira de Identidade nº 135,942/SSP/SE, foi indiciado no Inquérito Policial nº 373/65, de 29 de dezembro de 1965, na cidade de Franca/SP, encaminhado à 2ª Auditoria da 2ª Região Militar, onde foi arquivado. Exerceu atividades à frente do Centro Popular de Cultura de Franca/SP, onde se especializou no método Paulo Freire. =====

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL
PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO
DÊSTE DOCUMENTO. (Art. 12 do Dec.
N.º 79099/77). Regulamento para
Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

FI 1/1



MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

IV EX - 6.ª R M

2.ª SEÇÃO

INFORMAÇÃO N.º 165/E2

Salvador - Ba, 20 de março de 1978

Assunto : ANTECEDENTES - STEFANIO DE FARIA ALVES

Referência : PP nº 0078740/ASV/78, de 10 Mar 78, dessa Agência

Origem : ASV/SNI

Área :

Dif. Anterior :

Difusão : ASV/SNI

Anexos : Xerocópia de extrato de dossiê.

=====

Em atenção ao Pedido de Busca referenciado, esta AI remete, em anexo, xerocópia do dossiê do nominado, onde constam todos os registros alusivos ao mesmo.

X-X-X-XX-X-X-X



CONFIDENCIAL

— S E C R E T O —

SEXTA REGIÃO MILITAR
2.ª SEÇÃO

STEFANIO FARIA ALVES

NOME

FOTO

PROFISSÃO: Bacharel em Direito

FILIAÇÃO: José Alves dos Santos e Otacília Faria Alves

ESTADO CIVIL: *solteiro*

NATURALIDADE: Sergipe Riachão do Dantas
Est. Mun.

DATA NASCIMENTO: 22 de fevereiro de 1931

SINAIS CARACTERÍSTICOS:

Altura: Cutis: Cabelos: Olhos:

IDENTIDADE:

- Número da carteira:
- Número do registro:
- Local de fornecimento:

INSTRUÇÃO:

LOCAL DE TRABALHO:

RESIDÊNCIA:



Doc Origem Pasta e Arq	Data Fonte - Classificação	HISTÓRICO
Informação nº 1851 -B-102-CIE, de 19 Jul 72, do CIE.	19 Jul 72 -	<p>Fm relatório da CGI/MF, é citado como elemento esquerdista, tendo inclusive, liderado um dos grupos dirigentes do curso "PAULO FREIRE", criado na cidade de FRANÇA-SÃO PAULO, em fins de 1963.</p> <p>- Citado como um dos companheiros de ALFREDO HENRIQUE COSTA, jornalista, dono do jornal "COMÉRCIO DA FRANÇA", de posição inequívoca como órgão promocional de elementos de esquerda.</p>
Dados Pessoais fornecidos pelo 28a BC		<p>-Antes da Revolução, residia e estava na Cidade de Franca-SP, tendo ali desenvolvido intensa atividade subversiva. Foi inclusive Delegado de Polícia daquele município.</p> <p>-Indiciado em processo instaurado na Delegacia de Franca-SP, remetido à 2ª Auditoria Militar, sendo posteriormente arquivado.</p> <p>-Foi processado por ser o organizador e orientador do Método Paulo Freire e do Teatro de Cultura Popular.</p> <p>-Em 1965 já formado em Direito, mudou-se para esta Cidade.</p> <p>-Em 1968 foi nomeado Diretor Regional do SENAI-Aracaju, função que desempenhou até 1971.</p>

— S E C R E T O —

A T E N Ç Ã O:

O original deste documento (com 05 folhas) foi apresentado parcialmenteável para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

Doc Origem Pasta e Arq	Data Fonte e Classificação	HISTÓRICO
Dados Pessoais fornecidos pelo 28º BC		<p>-Em 1969 foi nomeado Assessor de Relações Públicas da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente / não mais desempenha esta função.</p> <p>-Escrevia esporadicamente para a imprensa de Aracaju e seus artigos eram sempre de tendências esquerdistas.</p> <p>-Em 1969, por causa de seus artigos jogando o Poder Judiciário contra o Poder Executivo, causou protestos na imprensa por parte do Procurador Geral do Estado.</p>
		

CONFIDENCIAL



GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO ESTADUAL DE INFORMAÇÕES

Aracaju, 22 / 03 / 19 78

- 1. ASSUNTO: STEFÂNIO DE FARIAS ALVES
- 2. ORIGEM: SEI/SSP/SE
- 3. CLASSIFICAÇÃO (X.X.X.X.X.).
- 4. DIFUSÃO: ASV/SNI/BA
- 5. DIFUSÃO ANTERIOR: (X.X.X.X.X.).
- 6. REFERÊNCIA: PEDIDO DE BUSCA Nº 0079740/ASV/78 de 10.03.78.
- 7. ANEXO: CÓPIA DE DOSSIÊ DO EPIGRAFADO.



INFORMAÇÃO Nº 53/78-SEI/SSP/SE

 Ol. Atendendo ao documento citado na referência, este SEI informa, que nos arquivos deste Órgão, até a data presente, consta o constante do anexo, contra STEFÂNIO DE FARIAS ALVES.--

O destinatário é responsável pelo sigilo deste documento Art.º 12 - Dec. 79.099/77 - Regulamento para salvaguarda de Assuntos Sigilosos.

CONFIDENCIAL

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICASERVIÇO ESTADUAL DE INFORMAÇÕES

D O S S E Ê - STEFÂNIO DE FARIAS ALVES

FL. nº 01

DATA	HISTÓRICO
1964	<p>- Desenvolveu suas atividades junto a Classe Estudantil de Sergipe, sobre o ensino pelo método PAULO FREIRE, Organização esta por êle instituído na Cidade de Franca-SP.</p> <p>- Esteve a frente do Centro Popular de Cultura, Curso na Faculdade Universitaria de São Paulo o método Paulo Freire, tornando-se depois orientador do mesmo.</p>
1965	<p>- Foi incluído em um Processo, instaurado contra o mesmo pela Delegacia de Franca-SP, e enviado para a 2ª Auditoria Militar, da 2ª Região Militar, do Primeiro Distrito da 4ª Zona Aérea de São Paulo.</p>
1968	<p>- Foi nomeado Diretor Regional de Senai-Arcaaju, o qual fez viagem ao Estados Unidos da America, sob a ajuda do Senai, e a convite do Departamento de Estado.</p>
1969	<p>- Foi nomeado Assessor de Relações Públicas da Universidade Federal de Sergipe, onde meses depois, passou a exercer as funções de Advogado dentro daquela Universidade.</p>
1971	<p>- Foi solicitado pela 5ª Região Militar, através do 22º RG, todo o levantamento de vida de Epigrafeado, principalmente aspectos ligados a Subversão.</p>

GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DA SEGURANCA PÚBLICA
SERVIÇO ESTADUAL DE INFORMAÇÕES

FICHA INDIVIDUAL DE QUALIFICAÇÃO

1.	Data:	
2.	Nome:	STEFÂNIO DE FARIAS ALVES
3.	Filiação:	José Alves dos Santos e Otacilia de Farias Alves
4.	Data de Nascimento:	22.02.1931
5.	Nacionalidade:	Brasileira
6.	Naturalidade:	Riachão do Santo-Go
7.	Profissão:	Sal Em Direta e Lotado na UFSE
8.	Estado Civil:	Casado
9.	Instrução:	SUPERIOR
10.	Residência:	Prça Tobias Barrato nº 22
11.	Identidade Civil:	1.601.631 - São Paulo
12.	Sinais Particulares:	
13.	Vulgo:	Olhos: Cast. Claros Cutis: Clara
	Cabelos: Cast. claros Bigode: rapado Barba: rapada	

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

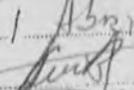
SERVIÇO ESTADUAL DE INFORMAÇÕES

D O S S E Ë - STEFÂNIO DE FARIAS ALVES

FL. nº.01...

REPRODUÇÃO DE ORIGINAL ILEGÍVEL

DATA	HISTÓRICO
1964	<p>- Desenvolveu suas atividades junto a Classe Estudantil de Sergipe, sobre o ensino pelo método PAULO FREIRE, Organização esta por êle instituida na Cidade de Franca-SP.</p> <p>- Estava a frente do Centro Popular de Cultura, Cur sou na Faculdade Universitária de São Paulo o méto do Paulo Freire, tornando-se depois orientador do mesmo.</p>
1965	<p>- Foi indiciado em um Processo, instaurado contra o mesmo pela Delegacia de Franca-SP, e enviado para a 2ª Auditoria Militar, da 2ª Região Militar, do pri meiro Distrito da 4ª Zona Aérea de São Paulo.</p>
1968	<p>- Foi nomeado Diretor Regional do Senai-Aracaju, o qual fez viagem aos Estados Unidos da América, sob ajuda do Senai, e a convite do Departamento de Es tado.</p>
1969	<p>- Foi nomeado Assessor de Relações Públicas da Uni versidade Federal de Sergipe, onde meses depois , passou a exercer as funções de Advogado dentro da- quella Universidade.</p>
1971	<p>- Foi solicitado pela 6ª Região Militar, através ' do 28ºBC, todo o levantamento da vida do Epigrafa- do, principalmente aspectos ligados a Subversão.</p>

CONFERE COM O ORIGINAL
 Em 05/ Abril 1982

 CHEFE DO ST - 750

GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO ESTADUAL DE INFORMAÇÕES

FICHA INDIVIDUAL DE QUALIFICAÇÃO

1. Data:
2. Nome: STEFÂNIO DE FARIAS ALVES
3. Filiação: José Alves dos Santos e Otacília de Farias Alves
4. Data de Nascimento: 22.02.1931
5. Nacionalidade: Brasileira
6. Naturalidade: Riachão do Dantas-Se
7. Profissão: Bel em Direito e Lotado na UFSE
8. Estado Civil: Casado
9. Instrução: SUPERIOR
10. Residência: Praça Tobias Barreto nº 82
11. Identidade Civil: 1.681.661 - São Paulo
12. Sinais Particulares:
13. Vulgo: Olhos: Cast. Claros Curtis: Clara Cabelos: Cast. Claros Bigode: Rapado Barba: Rapada

REPRODUÇÃO DE ORIGINAL ILEGÍVEL

CONFERE COM O ORIGINAL
Em 05/ Abril 1982
[Signature]
CHEFE DO SI - 750

CONFIDENCIAL

24



MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
IV EXÉRCITO - 6.º RM
28.º BATALHÃO DE CAÇADORES
2.ª SEÇÃO

RESPOSTA AO PEDIDO DE BUSCA

N.º 114 S/2

Data: 27 de março de 1978

Assunto: STEFÂNIO DE FARIA ALVES

Referência: PB Nº 0078740/ASV/78, de 10 março de 1978, do SNI.

Anexos:

Em atenção à solicitação contida no PB referenciado, esta AI informa o seguinte:

O que se sabe do nominado é que antes da Revolução ele estudava em FRANCA - SP tendo feito propaganda do método "PAULO FREIRE", não tendo sido registrado como se comportou face à Revolução de 31 de Março.

Consta que em 1965 foi indiciado em Inquerito por ter se tornado // orientador do "MÉTODO PAULO FREIRE e do Teatro de Cultura Popular que na ocasião eram considerados de tendências duvidosas, no entanto, nada consta da solução do referido inquerito, tudo indicando que o mesmo / tenha sido arquivado.

Ainda em 1965, após ter se formado em Direito, o nominado mudou-se para Aracaju passando a exercer varios cargos, inclusive escrevendo esporadicamente para a imprensa, sendo os seus artigos em alguns casos / considerados contra os interesses americanos. Após sua chegada a Aracaju, ocupou posições importantes como Diretor Regional do Senai, Assessor Jurídico da UFS e outros, sendo considerado pessoa capaz, sempre mantendo uma posição coerente com a situação atual, e agora mesmo, foi nomeado Diretor da Escola Técnica Federal de Sergipe, gozando de um bom conceito na sociedade, tanto moral como profissional.



SEXTA REGIÃO MILITAR
QUARTEL GENERAL
2.ª SEÇÃO DO EMR/S
N.º 1106 Em 31.03.78
PROTOCOLO SIGILOSO

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL



Toda pessoa que tiver acesso a este documento é responsável pela manutenção de sua sigla. (Art. 12 do R.S.A.S. - Res. nº 79.099/77)

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA DE SALVADOR



INFORMAÇÃO Nº 0294/740/ASV/78

DATA : 09 de maio de 1978
ASSUNTO : ANTECEDENTES - STEFÂNIO DE FARIAS ALVES
ORIGEM : PTx nº 0446/ASV/78
REFERÊNCIA : Telex nº 4085/74/AC/78, de 07 Mar
DIFUSÃO : AC
ANEXOS : 1) Ofício s/nº, de 28 Mar 78 - (02 Fls.)
2) PB nº 0096740/ASV/78, de 06 Abr - (01 Fl.)
3) RPB nº 162-S2/28ºBC/78, de 24 Abr - (01 Fl.)

Em resposta ao Telex referenciado, esta ASV informa que os antecedentes ora obtidos, em decorrência de consultas aos OOII da área, apenas ratificam os constantes da Infão nº 0086/06/ASV/75, de 11 Mar, em que pese a insistência do Magnífico Reitor da UFSE em apresentar registros isolados, de isenção discutível, sobre o nominado.

Quanto ao fato do Sr. STEFÂNIO DE FARIAS ALVES haver cursado a ADESG, esta Agência procedeu aprofundamento, resultando na obtenção do registro abaixo transcrito, oriundo do 28ºBC, em resposta ao PB nº 0096740/ASV/78, de 06 Abr:

"O nominado participou do 3º ciclo de estudos e a indicação foi feita pela própria Delegacia que relaciona os participantes após estabelecer critérios próprios para escolha."

* * * * *

* * * *

* *

CONFIDENCIAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Gabinete do Reitor

Aracaju, 28 de Março de 1978

Senhor Chefe da ASV/SNI,

Atendendo seu pedido de busca nº 0079740/ASV/78, a respeito do Dr. Stefânio de Faria Alves, Assessor Jurídico desta Universidade, esclarecemos o seguinte:

DADOS SOLICITADOS

- a)- O Dr. Stefânio, pelo conhecimento que temos de suas atividades dentro e fora da Universidade, não tem tomado posição ideológica que se possa classificar de esquerdista ou comunista.
- b)- Nunca se manifestou contra a Revolução de 31 de Março de 1964. Ao contrário, tem realçado pontos positivos do movimento revolucionário, com os quais se identifica, tendo, assim, participado do 3º Ciclo de Estudos sobre Segurança Nacional e Desenvolvimento, promovido pela Adesg (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra - Delegacia de Sergipe).
- c)- Não é do nosso conhecimento que tenha participado de atividades subversivas.
- d)- Podemos atestar afirmativamente quanto à sua probidade administrativa, não havendo nada que desabone sua conduta.
- e)- No desempenho de suas funções nesta Universidade, quer como chefe da Consultoria Jurídica, que vem exercendo há muito tempo, durante a gestão de todos os Reitores desta Universidade, quer em outras atividades como Superintendente Administrativo, sempre revelou capacidade, eficiência e zelo pelos encargos que lhe foram confiados. Como profissional (advogado) goza de muito conceito na comunidade.

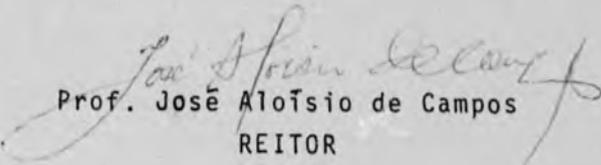


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Gabinete do Reitor

-2-

f)- É exemplar chefe de Família.


Prof. José Aloísio de Campos
REITOR

Ilustríssimo Senhor
Coronel PEDRO CORREIA BRUNI
DD. Chefe da ASV/SNI - Agência Salvador
Praça Conde dos Arcos, 5

SALVADOR - BAHIA

CONFIDENCIAL



28
Toda pessoa que tomar conhecimento
deste documento é responsável pela
manutenção de seu sigilo. (Art. 12 do
RSAS - Dec. N.º 70.009/77)

URGENTE

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA DE SALVADOR



PEDIDO DE BUSCA Nº 0096740/ASV/78

DATA : 06 de abril de 1978
ASSUNTO : ANTECEDENTES - STEFÂNIO DE FARIA ALVES
ORIGEM : PTx nº 0446/ASV/78
REFERÊNCIA : PB nº 0078740/ASV/78, de 10 Mar
DIFUSÃO : 28ºBC

1. DADOS CONHECIDOS

- a. Os constantes do documento referenciado.
- b. Nominado teria participado do 3º ciclo de estudos sobre Segurança Nacional e Desenvolvimento, promovido pela ADESG/SE.

2. DADOS SOLICITADOS

- a. Confirmação do item "1.b." e, caso positivo, origem da indicação.
- b. Empenho desse OI no sentido de que sejam levantados subsídios concretos e atuais que permitam caracterizar o nominado quanto aos seguintes aspectos:

- 1) Posição ideológica;
- 2) Atitude com relação à Revolução de 31 Mar 64;
- 3) Atividades subversivas;
- 4) Proibidade administrativa;
- 5) Eficiência funcional ou profissional;
- 6) Conduta civil.

c. Resposta Urgente.

* * * * *

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

29



MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
IV EXÉRCITO - 6.ª RM
28.º BATALHÃO DE CAÇADORES
2.ª SEÇÃO

RESPOSTA AO PEDIDO DE BUSCA

N.º 162- S/2

Data: 24 de abril de 1978

Assunto: STEFÂNIO DE FARIAS ALVES

Referência: PB Nº 0096740/ASV/78, de 06/04/78, do SNI.

Anexos:

Em atenção à solicitação contida no PB referenciado, esta AI informa o seguinte:

- a. O referido PB foi respondido com o RPB Nº 114 S/2 de 27 de março / de 1978.
- b. O nominado participou do 3º ciclo de estudos e a indicação foi feita pela própria Delegacia que relaciona os participantes após estabelecer critérios próprios para escolha.



SÉXTA REGIÃO MILITAR	
QUARTEL GENERAL	
2.ª SEÇÃO DO EMR/6	
N.º 1502	Em 28/04/78
PROTOCOLO SIGILOSO	

CONFIDENCIAL

à F1	Onde se lê	O nome correto é
	STEFÂNIO DE <u>FARI-</u> <u>AS</u> ALVES	STEFÂNIO DE <u>FARIA</u> ALVES

F

I

M

ASV ACE

2712 / 82

CNF

1 / 1

01/03

ASV/SNI

T A L L A M E S T R E

ACE nº 1630 77

Documento		P. de Busca nº 107/77, de 23 Jun 77		Dossiê nº	
Data		28 Jun 77		Referência	
Origem		SR/DPF/BA			
Assunto		JOSE MARIA DO NASCIMENTO			

Distribuição		CH GAB				SSAA		Data	
SS	SS	SS	SS	SS	SS	Tes	Serv	27 JUN 1977	
15/17	16/19	18	18	18	18	Alm	Gerais	Chefe ASV	

ACE Nº 02712/82

Tomar Conhecimento	Falar com a Chefe	Anotar	Processar	Aprofundar
Estudar	Difundir	Arquivar	Montar Início	Integrar

PROVIDÊNCIAS	
<p>Notação da massa "D MENOS" - 2.ª Fase</p> <p><input type="checkbox"/> presente</p> <p><input type="checkbox"/> ACE deverá</p> <p>Ser destruído</p> <p>Ser implantado</p> <p>por mais anos</p> <p>Rubrica do Chefe do Setor</p>	

Providencia Final		DATA: 05 JUN 1977	
Inven. nº	0194/1161 ASV, de 01 Jun 77 a DPF/BA	ARO. FINAL	
Telex nº	/ / ASV, de / a	SSAIB	S
Ofício nº	/ / ASV, de / a	GAB	SSAA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA

CONFIDENCIAL

URGENTE

PEDIDO DE BUSCA N.º 107/77-SI/SR/DPF/BA

Data : 23/06/77
Assunto : JOSÉ MARIA DO NASCIMENTO
Origem : SR/RJ
Difusão : 6ARM- SNI/ASV- SSP/BA-
Referência : Rádio nº 359/SI/SR/RJ, de 21/06/77



1. DADOS CONHECIDOS:

1.1. JOSÉ MARIA DO NASCIMENTO, SDQ, consta ter cursado UAPPL/URSS.

2. DADOS SOLICITADOS:

- 2.1. Dados de qualificação
- 2.2. Antecedente sociais, políticos ou criminais
- 2.3. Outros dados julgados úteis.

~~X-X-X-X-X-X-X-X-X~~



mjom.

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DESTE DOCUMENTO. (Art. 62 - Dec. N.º 60417/87 Regulamento para Salvaguarda de Assuntos Sigilosos.)

CONFIDENCIAL



Toda pessoa que tomar conhecimento deste documento é responsável pela manutenção de seu sigilo. (Art. 1º do RSAS - Dec. N.º 79.0 /)

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA DE SALVADOR



INFORMAÇÃO Nº 0194116/ASV/77

DATA : 01 JUL 77
ASSUNTO : SUBVERSÃO - JOSÉ MARIA DO NASCIMENTO - ARACAJU/SE
ORIGEM : ACE Nº 1630/ASV/77
REFERÊNCIA: Pedido de Busca nº 107/77-SI/SR/DPF/BA, de 23 Jun 77
DIFUSÃO : SR/DPF/BA

Em resposta ao expediente referenciado, esta ASV informa que em nossos arquivos, existem os seguintes registros:

- a. JOSÉ MARIA DO NASCIMENTO - filho de Manoel Firmino do Nascimento e Cecília Dias do Nascimento; DLN: 16 Jun 29 - PROPRIA/SE; Ident. nº 87.225, expedida em 15 Ago 75, SSP/SE. Reside à Rua Simão Dias nº 366 - ARACAJU/SE.
- b. O nominado foi indiciado, em 1964, no IIM instaurado para apurar atos de corrupção e subversão ocorridos durante a Campanha Nacional de Alfabetização - Método Paulo Freire, ARACAJU/SE.
- c. Exerce, atualmente, a função de Professor do Colégio Patrocinio, ARACAJU/SE.

* * * * *

* * *

*

CONFIDENCIAL

F

I

M

ASV ACE

CNF

7710 / 85

|| / ||

02

DIVULGAÇÃO DO MÉTODO PAULO FREIRE PELO CENTRO DE EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR (CECUP).

1. O Centro de Educação e Cultura Popular (CECUP), entidade fundada em 1978, sem fins lucrativos, nasceu da experiência de SÉRGIO COELHO BORGES FARIAS (B1208597) e de um grupo de pessoas ligadas, de uma forma ou de outra, à Educação, que se propunha a alfabetização de adultos pelo método PAULO REGIUS NEVES FREIRE, encontra-se difundindo a entidade através de livretos denominados Caderno de Educação Popular.

2. Até o momento foram distribuídos três exemplares:

a. O Caderno número um (Z7: A), editado em Maio de 1984, intitulado "TEATRO DE BONECOS", consta de uma apresentação da CECUP pelo seu coordenador geral SAMUEL AARÃO REIS; de uma entrevista com ELIAS BONFIM, coordenador das "Oficinas", onde ele narra suas experiências anteriores e como chegou à entidade; de uma declaração de ANTÔNIO JORGE DE JESUS, monitor da Oficina de Mangueira, sobre a implantação do "TEATRO DE BONECOS" na comunidade de Alagados; e de declarações de participantes do TEATRO DE BONECOS;

b. O Caderno número dois (Z7: B), sem data de edição, intitulado "ESCOLA - ORGANIZAÇÃO DO COTIDIANO DE UMA POPULAÇÃO", é constituído, basicamente, da apresentação do livreto, escrita por DOMIRA FERNANDES DE ARAÚJO, coordenadora de alfabetização da CECUP, onde ela critica a situação da educação; da narração da história da invasão "D. AURORA", situada no bairro de Itapuã, escrito por MARIA APARECIDA GOMES, socióloga e professora de matemática para os adultos na Escola "UNIÃO", situada na citada invasão; e de depoimentos de moradores, "professores" e alunos da referida escola; e

c. O Caderno número três (Z7: C), editado em Março

Z1: B1C

CONFIDENCIAL

A T E N Ç Ã O

O original deste documento (com 33 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

de 1985, intitulado "QUEJA O QUE AS MULHERES DO MACIEL NÃO SAZEM DE FAZER", consta de uma apresentação, onde a coordenação executiva da CECUP cita a luta pela oficialização das "escolas populares" paraterem direito à merenda escolar, financiamento da educação, contratação de professores e recebimento do material escolar; de depoimentos de alunas (mulheres prostituídas), da "escola popular" situada no Maciel, logradouro de baixa prostituição; e de um texto escrito pelo "Movimento de Libertação da Mulher" (Equipe da Pastoral da Mulher Marginalizada).

3. A coordenação geral da CECUP tem a seguinte composição

- a. Coordenação Executiva
 - SAMUEL AARÃO REIS;
 - DAMIRA FERNANDES ARAÚJO;
 - NORMANDO BATISTA SANTOS; e
 - SEVERINO SOARES AGRA FILHO.
- b. Cine-Club
 - JERUSA MARIA MOREIRA.
- c. Teatro de Bonecos
 - ELIAS BONFIM.
- d. Programação Visual/Diagramação e Arte Final
 - MARIA CRISTINA DE SOUZA.

4. A sede da CECUP localiza-se na Rua Barão de Stuart, nº 6 - Escadinha de Nazaré-Nazaré.

x x x

Z2: W/RR1/00159/19/B2S/051284/A1

Z3: B2S

- Z7: A) CADERNO DE EDUCAÇÃO POPULAR Nº 1 (COM 05 FLS);
- B) CADERNO DE ECUCAÇÃO POPULAR Nº 2 (COM 10 FLS); E
- C) CADERNO DE EDUCAÇÃO POPULAR Nº 3 (COM 10 FLS).

CONFIDENCIAL

04

Caderno de Educação Popular

Teatro de Bonecos

Cecup - Centro de Educação e Cultura Popular

Nº

Z7: "A"



Caderno de Educação Popular

Nº 1

Teatro de Bonecos

Cecup - Centro de Educação e Cultura Popular



Neide Cortizo

Salvador - Bahia - Brasil
Maio de 1984

APRESENTAÇÃO

Foi o trabalho de alfabetização de adulto que deu origem ao CECUP. E foi Sérgio Farias quem começou tudo. Incentivou um grupo de pessoas, ligadas de uma ou de outra forma à Educação, a realizarem juntas um trabalho de educação num bairro popular de Salvador (1978).

Pouco a pouco o grupo foi crescendo, o trabalho ampliou-se. E resolvemos fundar o CECUP (1982).

O que de melhor aprendemos durante todo este tempo é que é possível uma educação libertadora, com base no respeito e na valorização do saber e da cultura popular; é possível também uma alfabetização libertadora.

A educação é o que é, na Bahia e no Brasil; a alfabetização é o que é, na Bahia e no Brasil, não por destino nem por intransponíveis insuficiências materiais. Mas porque, independente da boa vontade dos técnicos que as promovem, a educação oficial e a alfabetização oficial defendem interesses que não são os populares. E, em consequência, utilizam métodos incorretos, inadequados, centralistas, arbitrários, elitistas.

Bom. Depois da alfabetização iniciamos com o Teatro de Bonecos. Há tempos utilizávamos a dramatização nos seminários de preparação de monitores de alfabetização e nos círculos de cultura. E aconteceu várias vezes que pessoas preparadas como monitores, deixavam a alfabetização e montavam um grupo de teatro popular.

Tudo bem. A gente ficava contente; mas não sabíamos como acompanhar esse movimento. Aí, veio se juntar a nós o Elias Bonfim. O que o Sergio fez para a alfabetização, o Elias vem sendo no teatro de bonecos: eles abriram a porta e mostraram o caminho. E a gente vai avançando como pode.

Agora com uma vantagem: a experiência de alfabetização ajuda o teatro de bonecos e a experiência de teatro de bonecos ajuda a alfabetização. Por exemplo: a gente fez questão que o nosso teatro não fosse o portador de uma "mensagem". Discutimos muito isso. Uma coisa é fazer teatro, outra é fazer propaganda utilizando uma forma teatral - o que também é válido, e até muito mais gostoso de que um carro com alto-falante no qual pouca gente presta atenção. Mas propaganda é uma coisa, teatro é outra. Essa já foi uma idéia que nós trouxemos de uma experiência com a alfabetização. Outra idéia que trouxemos de alfabetização foi buscar sempre a realidade cultural popular.

Chegamos mesmo a comentar: não será o caso de fazer uma estória de amor? Não é o amor o mais importante na vida das pessoas? Uma estória de amor também não é política? Terceiro: Na alfabetização nós preparávamos monitores do próprio bairro; quando fazemos a apresentação do teatro de bonecos, num bairro, nossa intenção é motivar as pessoas de lá para que organizem um grupo de teatro de bonecos deles mesmos; nossa intenção é ajudar a montagem de grupos em todos os bairros que desajarem.

Esses são os nossos pontos de partida. A prática vai mostrar o resto. Já vem mostrando.

Hoje o CECUP já desenvolve outras atividades além da alfabetização e do teatro de bonecos: o trabalho de saúde, as oficinas de teatro popular, o cine-clube. Mas isso já é outra estória e fica para contar numa outra vez.

Samuel Araújo Reis
Da Coordenação do CECUP

ELIAS BONFIM

Coordenador das "Oficinas"
do CECUP

- Fale um pouco da sua experiência anterior e de como chegou ao CECUP.

- Em 75 entrei na Universidade, para fazer o curso de Formação de Ator. Nesse curso tinha uma matéria que era teatro de bonecos e na oportunidade quem dava essa matéria era Ewald Hacler junto com a Profa. Maria Amélia. Em 76 a Universidade criou um grupo de Teatro de Bonecos e Maria Amélia, orientadora desse grupo resolveu convidar um mamulengueiro popular de Pernambuco, Natanael de Oliveira, filho de Genúrio Oliveira que é um dos mais antigos mamulengueiros de Pernambuco. Ele veio desenvolver um trabalho aqui na Universidade, com a gente. O grupo, que na época contava com umas 10 pessoas, se interessou pela prática do mamulengo que resolveu assumir como única linha de trabalho e começamos a desenvolver toda nossa técnica em cima do mamulengo. O que nos diferencia dos tradicionais mamulengueiros é que não utilizamos a madeira na confecção dos bonecos, pois para nós aqui essa madeira é muito difícil. Nós fazemos o boneco de papel, uma técnica que utiliza o papel higiênico, jornal, cola, etc. Bom. Assumindo o teatro de bonecos fomos ficando como grupo fixo da Universidade e em 77 participamos do 4º Festival da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos em 81, em Brasília. Esse Festival veio despertar o nosso interesse pelo teatro de bonecos. Em 78 fomos convidados para fazer um espetáculo em

Sergipe, no Festival de Artes de São Cristóvão e nesse mesmo ano participamos do Festival de Teatro de Bonecos de Petrópolis, promovido pela ABTB, à qual nos associamos. Em 79 participamos dos festivais de São Cristóvão e Ouro Preto. Nesse ano recebi o cargo de representante da Bahia junto à ABTB, por dois anos, e em 81, no Festival de Curitiba outra pessoa foi eleita pra me substituir. Ainda em 81 desenvolvi alguns trabalhos com a FUNDESCO no Centro Comunitário de Castelo Branco, onde permaneci por quase 2 anos. Fiz um trabalho também com a URBIS, num plano de desenvolvimento comunitário em Periperi, no Centro Comunitário Sta. Cruz. Trabalhei na LBA, com o projeto de teatro de bonecos. Nessa andança toda cheguei ao CECUP, convidado por Normando, um dos Coordenadores. Em abril de 83 montamos a primeira Oficina de Teatro de Bonecos do CECUP, num trabalho que foi até agosto. Em outubro do mesmo ano iniciamos a 2ª Oficina.

- Qual é o objetivo dessas Oficinas?

- O CECUP tem um objetivo comum em todos os seus trabalhos, que visa a valorização da arte e da cultura popular. A Oficina de Teatro de Bonecos se dá dentro desse objetivo, ou seja: Visa a preparação de monitores para que, num trabalho voluntário, venham a desenvolver esse plano de ação junto às comunidades de bairros populares.

- Como é que a "Oficina" se desenvolve?

- O processo de relacionamento das pessoas começa junto com o processo de criação, dentro da Oficina. Bem, você começa a criar a partir do grupo e nele tem pessoas de diferentes comportamentos, de diferentes pensamentos e você tem que criar em cima de uma forma de se relacionar com



essas pessoas e de fazer com que elas se relacionem entre si. Começamos mexendo com a inibição das pessoas, num processo de improvisação e criação de alguns textos e trabalhamos sem os bonecos, só com as mãos e o corpo. É uma forma do monitor distinguir o inibido do desinibido e trabalhar em cima disto. Para cada tipo, o comportamento do monitor tem que ser diferente, acompanhar as dificuldades de cada um. Daí pra frente, todo mundo mais descontraído, entramos na fase de criação dos bonecos, aquela coisa de colocar o papel de molho, secar o papel, picotar, fazer a massa com goma, bater a massa até que esteja no ponto, transar o molde com jornal e modelar o boneco. Depois de seco, o boneco é pintado e vestido e só aí, a partir dos bonecos, é que se começa a criar os personagens e definir a estória. É claro que mais tarde, quando já se domina a técnica, você pode fazer o boneco a partir da estória. Mas neste momento não; a gente cria a estória em cima dos bonecos que conseguiu criar e daí vem o que eu considero a fase mais importante que é a da criação, montagem e apresentação do espetáculo.

- Como é a relação espetáculo-público? Como é que o teatro acontece no Bairro?

- Bom, chegando ao local a gente vai conhecer a realidade do bairro. Tentar conhecer as pessoas mais ligadas à comunidade as que mais "agitam", que são queridas; as engraçadas, as que tenham, de alguma forma, representatividade e é em cima desses dados que a gente transa o espetáculo. Desta forma a gente acha que dá oportunidade ao público de participar, pois a coisa tem muito a ver com ele. A gente fala dos problemas que são deles, das pessoas deles. Isto dá uma abertura para que eles interroguem, questionem. O público apóia, por exemplo, uma figura que é querida; protesta contra a outra que é antiótica e assim, o espetáculo acontece dentro da realidade do bairro.

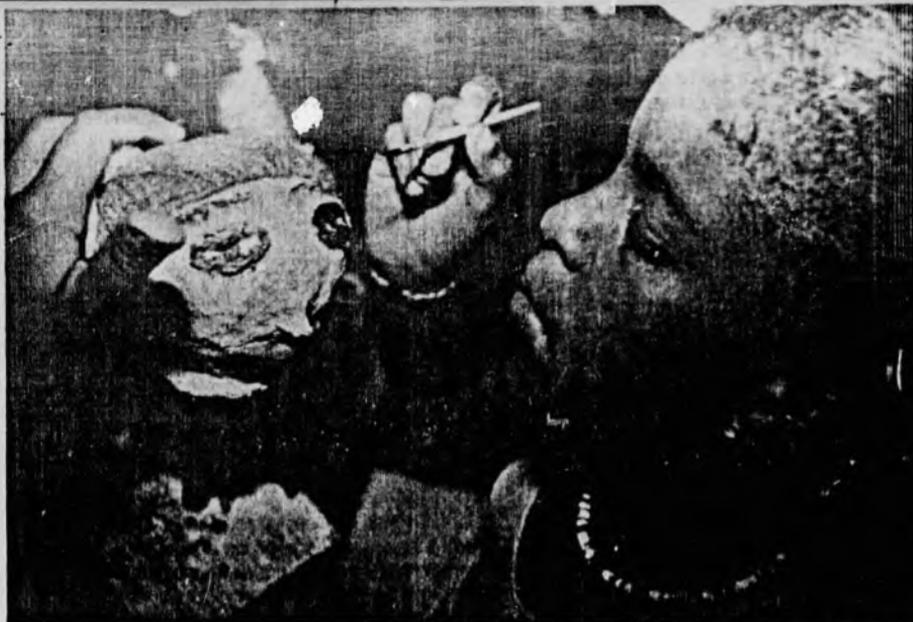
- Você está satisfeito com o resultado das oficinas?

- Estou sim. É claro que a gente enfrentou dificuldades, mas de modo geral, os resultados foram muito bons. A primeira oficina deu muito bem e foi a partir daí que formamos o grupo de TB do CC. Esta oficina, também, deu origem a oficinas de bairros, coordenadas por Jorge, Agnaldo e Lia. A segunda está acontecendo agora. Esperamos que seus resultados sejam tão bons quanto os da primeira.

OFICINAS & COMUNIDADES

Inicialmente notamos uma certa facilidade em implantarmos uma oficina de TB na comunidade de Alagados de Itapagipe, isso devido ao trabalho que vimos desenvolvendo anteriormente junto ao Grupo de Teatro Amador Ato & Ação, demos início ao trabalho de TB com um espetáculo, que aconteceu na Rua 11 de Maio, que serviu como chamada para o curso que desenvolveríamos mais tarde. Houve uma aceitação em massa por parte da comunidade, muita gente se mostrou interessada, no entanto surgiu o primeiro problema que foi justamente o espaço. Temos na comunidade, como espaço que possa ser utilizado para eventos dessa natureza, uma escola particular e uma associação de bairro, a primeira estava no período de aula e a segunda está nas mãos de um tirano elemento de postura conhecida em todo bairro, como portas fechadas para qualquer atividade ligada à arte popular ou evento que por ventura venha desenvolver um trabalho sério e possa por em risco a sua soberania ditatorial frente a associação do bairro. Face a esses contratempos partimos para uma laje de um morador da Rua 11 de Maio (residência de Lú e Estelita), que nos cederam a laje e energia, iniciamos a Oficina com uma média de 40 integrantes de idade variada, dividimos a oficina em 04 etapas: 1) Exercícios de





desinibição e Entrosamento, 2) Dicção, 3) Confeção dos bonecos, 4) Montagem de um espetáculo. Solicitamos moradores do bairro que tinham experiência nessas áreas para que nos auxiliassem - Paulinho Matogrosso, Raimundo Silva, Luis de Galiza, Marcos Amorim, Tereza. Houve algumas críticas mais severas por parte de pais menos esclarecidos como "isso é coisa de quem não tem o que fazer"; "se você não fosse um pai de família eu diria que você é...", etc. no entanto 90% dos pais aceitaram e inclusive apreciavam esporadicamente no curso, a modelação e a preparação da massa foi feita em plena rua num dia de festa onde participaram até crianças de 02 anos, até hoje as crianças perguntam "que dia vai ter boneco", não terminamos o curso com número de pessoas que começamos, talvez com uns 10 componentes, mais valeu".

Depoimento de Agnaldo, participante da 1ª oficina de teatro de bonecos do CECUP e monitor da Oficina de TB na comunidade dos Alagados.

As inscrições foram abertas e logo começou o tumulto de muitas crianças, resolvi por um limite de idade: acima de 14 anos. Começamos a Oficina com 10 pessoas, na Associação Livre de Moradores de Mangueira. Como a verba que a Associação destinou à Oficina tardou um pouco, nós fizemos alguns exercícios de descontração e entrosamento; eles adoraram. Com a chegada do material começamos logo com a confeção dos bonecos, coisa que eles já tinham de ponta de dedo pois já lhes tinha explicado várias vezes. Tivemos todo o apoio da Coordenação do CECUP e hoje o pessoal já está trabalhando com os textos. Vamos estrear com três pequenos textos educativos em fase final, depois da estréia vou abrir inscrições para nova turma. Tem muitas pessoas esperando, em vista do sucesso da primeira.

Antonio Jorge de Jesus
Monitor da Oficina de Mangueira

"Eu acho que a Oficina trouxe grandes benefícios à comunidade pois formou-se na própria um novo grupo, o Teatro de Bonecos, coisa que não tínhamos. É uma coisa muito educativa. Por exemplo: meu filho foi fazer arte, mas quando começou a frequentar a oficina quis logo passar para as reuniões do grupo. As pessoas da comunidade que não participam dessa oficina, estão esperando para participar da outra. Eu frequentei, não como participante, e gostei."

Joselita Gomes - Jesus - mãe de um participante de oficina da Associação Livre de Mangueira



"Na apresentação ao público você sente que todos os seus esforços foram recompensados pela comunhão que se estabelece entre quem faz e quem vê."



"Eu gosto de teatro de bonecos por causa que a pessoa fica se divertindo muito, conhecendo outras pessoas e fica aprendendo muita coisa."



"Antes de eu conhecer o teatro ou o trabalho com os bonecos eu achava muito impressionante a apresentação pela TV. Depois que eu assisti pela primeira vez a uma apresentação do teatro, eu gostei muito. Achei mais divertido e interessante".

"Nessa oficina eu aprendi muitas coisas e acabei entendendo tudo, porque em quase todos os cursos que eu entro eu não entendo quase nada, como no curso de silk-screen eu não entendi nada. Mas esse eu entendi."





"A oficina de teatro de bonecos para mim foi uma experiência muito, muito boa mesmo. Me sentia assim, meio menina, mexendo com minha criatividade. Acho que é porque o brincar, o brinquedo sempre nos identificará com a criança."



"É bom saber que depois poderei transmitir o que estou aprendendo a outros grupos. E entendo que é desta forma que a gente descentraliza informações e socializa alegria e prazer."



"Eu estou muito contente, não só eu como minha mãe também porque eu já sei fazer bonecos, eu tinha certeza que ia dar certo."





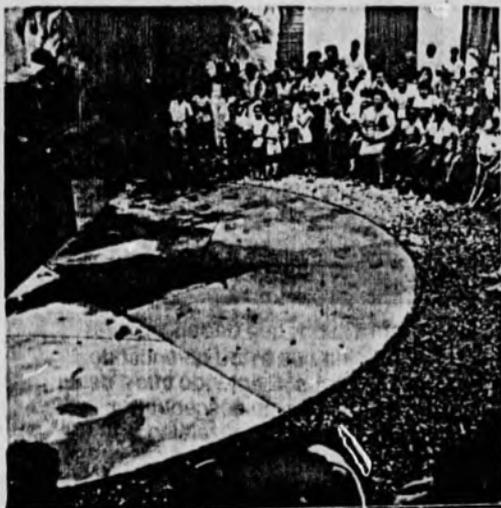
"Trabalho com comunidades, sendo assim acreditei que o curso me daria mais subsídios para atuar, pois poderia passar, via os bonecos, a consciência de organização, mobilização e transformação da realidade."

"Na oficina acho que nos identificamos quanto a compreensão de que as atividades e manifestações culturais são elementos fundamentais na vida de qualquer comunidade e, portanto, são importantíssimas para o processo das transformações cotidianas dos valores, relações e idéias das pessoas."

"Eu gosto muito do meu professor porque ele é paciente e educado e não dá carão e explica muito bem; eu sabendo fazer bonecos já posso ensinar a quem não sabe."

"O teatro de boneco para mim foi muito importante, ganhei experiência que antes nunca pensei vir a ter."

"Eu acho da oficina muita coisa, porque nos ensina a fazer bonecos, fazer roupas e etc. e tirar um pouco da preocupação que nós temos na cabeça."



"Trabalhar com um dos elementos da cultura popular, como o teatro de mamulengo, significa também estar valorizando as formas de expressão artística do povo marginalizado e explorado, que apesar de tantas imposições, invasões e misérias, encontram modos próprios de resistir e criar em cima de sua realidade."

Com as mãos modelamos os bonecos e com as mesmas mãos lhes damos vida, projetando neles nossas emoções e sentimentos.

O primeiro boneco modelado nos dá uma sensação gratificante. Criar com as mãos é muito forte. O boneco agora é a extensão do meu corpo, no momento em que me projeto nele, criando com retalhos de fantasias, resgatando a criança que fui e que sou, vestindo o mamulengo, brincando de criar-criando, sem perder a memória do nosso cotidiano, preservando, respeitando toda cultura de um povo sofrido, de uma região esquecida. E alimentar-se de sonhos e de arte para sobreviver a dura realidade. Depois a viagem de volta, o retorno, o sonho profundo dentro da mala do bonequeiro (mamulengueiro) pronto a ser despertado para mais uma jornada.

Maria Breni



Objetivando a troca de experiências, o CECUP está interessado em manter contato com grupos e/ou comunidades que desenvolvam trabalhos populares.

(NOSSO ENDEREÇO:)

Rua Barão de Stuart, 06 - Escadinha de Nazaré - Nazaré
Tel.: (071) 242-8982 - 40.000 - Salvador - Bahia

Coordenação do Cecup:
Samuel Arão Reis
Normando Batista Santos
Domira Fernandes Araújo

Produção do caderno:
Maria Christina de Souza

Fotos de:
Lúcio Mendes
Paulo Canuto
Albina Cordeiro
Lia Silveira

Calendário das atividades realizadas

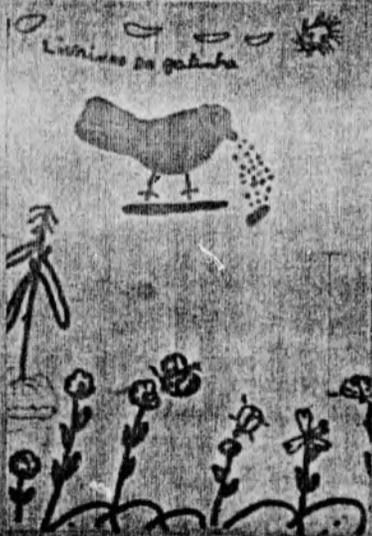
- 1 - Início da oficina de teatro de bonecos (25/4/83)
- 2 - Apresentação no bairro de Saramandaia (13/8/83)
- 3 - Apresentação no bairro do Maciel (28/8/83)
- 4 - Apresentação no 1º ENEBA (Encontro de Negros da Bahia) (11/9/83)
- 5 - Apresentação no bairro do Calabar (17/9/83)
- 6 - Apresentação na 1ª mostra baiana de Teatro Amador (25/9/83)
- 7 - Apresentação no bairro de Dona Orora (1/10/83)
- 8 - Apresentação na Associação Livre de Mangueira (30/10/83)
- 9 - Apresentação na Associação de Moradores de Alagados da Ribeira (30/10/83)
- 10 - Apresentação na Associação de Moradores no Alto das Pombas (05/11/83)
- 11 - Apresentação no Congresso Nacional de Arte e Educação (16/11/83)
- 12 - Apresentação na Pupileira de Nazaré (08/02/84)
- 13 - Apresentação na Creche da Ribeira (15/01/84)
- 14 - Apresentação na Invasão de Pituaçu (12/02/84)
- 15 - Apresentação na Invasão dos Nobres (19/02/84)
- 16 - Apresentação no Museu do SPAHN - Cachoeira-Bahia (07 e 08/03/84)

Caderno de Educação Popular

12

Cecup - Centro de Educação e Cultura Popular

Z7: "B"



Escola -
Organização
cotidiana de
população.

Coordenação do CECUP:
Samuel Aarão Reis
(Alfabetização)
Domira Fernandes de
Araújo (Alfabetização)
Normando Batista Santos
(Alfabetização)
Jéssica Maria A. Moreira
(Cine-Club)
Elias Bonfim (Teatro de
Bonecos)
AJVS Godi (Teatro
Popular)

Coordenação do Projeto:
Nelson P. Gomes
M^{te} Aparecida O. Gomes

Organização de Textos:
M^{te} Christina de Souza
Tânia Penido

Fotos:
Rino Marconi
M^{te} Christina de Souza
Nelson P. Gomes

Programação Visual:
Neide Cortizo
M^{te} Christina de Souza

Arte Final:
Neide Cortizo
M^{te} Christina de Souza

Diagramação:
Neide Cortizo
M^{te} Christina de Souza

Produção Gráfica:
M^{te} Christina de Souza

Colaboradores:
José Araújo (aluno)
Raílda de Jesus (aluna)
Francisco A. Gomes
(aluno)
Cláudio H. dos Santos
(aluno)
M^{te} Helena dos Santos
(aluna)
M^{te} Lucilene Conceição
(aluna)
Antônia Pereira dos Santos
(aluna)
Rosiméire C. Pereira
(aluna)
Josefa R. dos Santos
(professora)
Agnor dos Santos
(músico)
Modesto P. da Silva
(carpinteiro)
Aurora M^{te} de Jesus
(M^{te} moradora)
Valdomiro (Lapada)
(pedreiro)
Guíquinho (viola notur-
no e músico)
Edilson Ramos
(desenhista)
Ângela Teixeira Gomes

MEC-SEC-SEPS-FNDE

Programa:

**INTERAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO BÁSICA E OS DIFERENTES
CONTEXTOS CULTURAIS EXISTENTES NO PAÍS.**

Projeto CECUP:

**AMPLIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE
ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS**

Projeto Dona Aurora:

ESCOLA – ORGANIZAÇÃO DO COTIDIANO DE UMA POPULAÇÃO.

APRESENTAÇÃO

A situação caótica em que se encontra a educação não necessita ser comprovada através de censos, gráficos, números ou tabelas. Basta ver a realidade estampada nas ruas, nos bairros, nas feiras e nas comunidades. Apenas um, entre dez meninos que encontramos nas ruas, consegue chegar à 8ª Série.

O trabalho de educação popular é visto por algumas pessoas como uma prática assistencialista, pois ele apenas substituiria uma função do governo.

Seria necessário, entretanto, refletir sobre uma nova concepção de educação. Uma educação realizada pelo conjunto da população, sob seu controle. Portanto, uma Educação Popular.

No momento em que for possível pensar o problema educacional, tomando como ponto de partida a vida comunitária, onde os trabalhos sejam realizados pelas pessoas do próprio bairro, certamente algumas dificuldades criadas pelas deficiências do sistema educacional sejam superadas. Pois o processo de educação motiva essas pessoas a se engajarem em atividades reivindicatórias e até mesmo de organização comunitária.

A nossa prática está baseada em alguns princípios básicos, tais como: participação de pessoas da própria comunidade, como agente desencadeador do processo; valorização da cultura da comunidade; educação

entendida como um processo permanente e coletivo de produção de conhecimentos.

E a nossa experiência tem demonstrado que, quando a população se mobiliza para construir uma escola, não só fisicamente, mas também na elaboração do seu próprio currículo, fazendo com que ele reflita as suas necessidades e as suas aspirações, buscando pessoas da própria comunidade para atuarem como professores, isto ao contrário de substituir uma tarefa do governo, leva com que a população ganhe confiança em si; ganhe maior consciência dos seus direitos, e em consequência, passe a reivindicar do Estado as funções que cabe a ele, sem abrir mão, entretanto, das conquistas já realizadas, ou seja: currículo adequado, direção, gestão e indicação dos professores, etc. Além disso há todo um esforço de resolver um problema, qualquer que seja, elevando o nível organizativo da população.

É isso que nós vemos em "Dona Aurora". O processo de construção participativo da escola e o seu funcionamento, leva a que hoje sua população reivindique do Estado, como um direito seu, material escolar, merenda escolar, contratação dos professores; e mais ainda: neste momento está sendo organizada a Associação de Moradores.

Os textos e depoimentos que seguem, da equipe técnica e de moradores, refletem esta realidade.

Domira Fernandez
de Araújo,
da Coordenação do
CECUP

Fui Chegando e Cheguei



Cláudio e Nelson foi o primeiro
A fazer a moradia
Depois de uma semana
Foi buscar sua família.

Depois chegou seu João Grande
Helena e Gaguinho
João Pequeno, Zé Almeida
E a turma do caquinho.

A turma do caquinho chegou
Há uns 5 anos atrás
Esse nome porque traziam
Os caquinhos na cabeça, os
trapinhos na cabeça.

Caminhão só chegou aqui
Trazendo tábuas, trazendo lixo
Para barraco fazer
Que ninguém tinha mobília
Para caminhão trazer.



Depois chegou Agenor
Com onda de tocador
Por último chegou Pedrão
Que veio aos empurrão,
Já tem 2 anos e meio

"Eu tava parado
Fui falar com D. Angela
E ajuda ele me deu
Fui para Lauro de Freitas
E lá os filhos nasceu:
Crispim e Crispiniano.

Fui para as Malvinas
Nada ninguém me deu
Perdi os meus filhos gêmeos
E nada me aconteceu
Quando chegou na hora de morrer
Morreu.

(Tava sem um tostão
Não pude fazer o enterro
Chamei o Nina. Tem que
falar a verdade)''.

Cordel: Criado em conjunto e de forma espontânea em círculos de Cultura.

ZEFA TAUA SEM
COISA E EU DESSE PRA'
ELA FAZER O BARRAQUINHO
PELA AÍ DO LADO.
E ELA FEZ...
DISSE A MESMA COISA PRA'
ROSA. E ELA FEZ...
COMO DIZ O DITADO:
"NO LUGAR QUE TEJA
A GALINHA, TEJA
OS PINTOS."



**"Coragem não quer dizer que ela não tivesse tremido...
Coragem não quer dizer que ela não tivesse chorado..."**

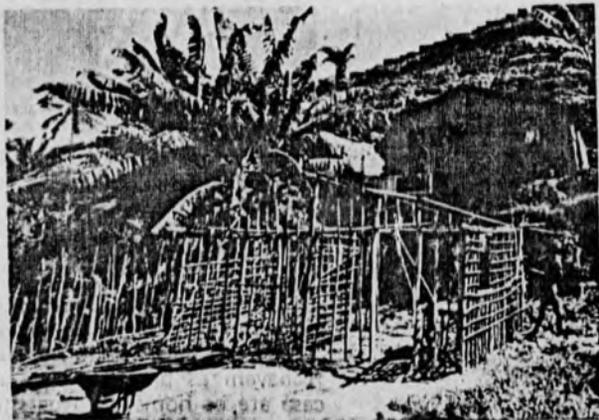
Este lugar chama-se D. Aurora por causa de uma mulher muito forte, a primeira que morou aqui e defendeu este pedaço com muita coragem. *Coragem não quer dizer que ela não tivesse tremido* de medo nas vezes que aparecia na porta de sua casa homens armados dizendo que todo mundo tinha que sair daqui porque as terras eram do dono da fazenda. *Coragem não quer dizer que ela não tivesse chorado* de tristeza com a situação de tantas ameaças e necessidades sofridas em conjunto com a gente que morava aqui. *Coragem quer dizer que D. Aurora ficou, e hoje existe este lugar.* Primeiro eram só 2 barraquinhos que Nelson e Cláudio construíram em setembro de 1978. As mulheres deles, que são D. Aurora e Maria, também a meninada, chegaram logo em outubro. Falaram que os barraquinhos que construíram eram pequenos. De noite dormia tudo junto, adultos e crianças, pegados uns com os outros. Cláudio, Nelson e suas famí-

lias vieram de um lugar chamado Jeremoabo, no sertão da Bahia, onde a seca é muito forte. Nelson falou que saíram de lá porque a coisa ali estava muito ruim; tudo que tinham plantado morreu com a seca. Aqui



neste lugar onde vieram morar não havia seca, mas também era difícil conseguir água. Lavavam roupa no brejo e iam buscar a de beber longe, na casa de um homem que tomava conta de um sítio e olhava de má vontade para o pessoal com suas latas de querosene, de vinte litros, na cabeça. D. Aurora contou que, quando chegou, aqui neste lugar não tinha nada, ninguém por perto, o mato era alto por todo o lado. Às 4 horas da tarde as mulheres e crianças, com medo, fechavam as portas e ficavam trancadas dentro de casa até os homens chegarem. Os homens chegavam do trabalho lá pelas 5 horas. O medo maior que tinham era dos donos do terreno, principalmente do filho do velho dono. Este filho chamava-se Roberto e vivia ameaçando o pessoal com espingarda quando ele saía para buscar lenha ou água. Zefa contou que seu Roberto ficava sentado no mato com a espingarda nas pernas, o olho vidrado, mas nunca atirou. Um homem com metralhadora, outro com espingarda chegaram na porta da casa de D. Aurora e mandou todo

mundo ir embora dos barraquinhos, que o dono do terreno tinha mandado. D. Aurora perguntou se não podia comprar o pedacinho do terreno onde estavam os barracos, mas não concordaram com isto. Neste dia tiveram que sair todos, adultos e crianças, levando o pouco que tinham. Foram para bem mais adiante, ficar na casa que um amigo emprestou. Só que a casa não tinha telhado. Aí começou a chover. Cheveu muito e molhou tudo: roupa, farinha... A situação ficou ruim demais. Foram falar com o velho, dono do terreno onde tinham deixado seus barracos. O velho acabou concordando que o pessoal voltasse a morar em suas casas porque ficou com pena das crianças pequenas. Passados uns tempos foram ameaçados de serem expulsos pela segunda vez. Seu Roberto, o filho do velho, exigia que todos saíssem do lugar, desta vez para sempre. Nelson foi conversar com ele e pedir uns dias para arrumar as coisas prá família ir morar em outro lugar. Deixou D. Aurora e o pessoal esperando e foi para Jeremoabo preparar a volta da família para lá, apesar da seca que é sempre terrível naquelas bandas. Enquanto Nelson estava viajando, D. Aurora foi a Itapuã comprar ovos e lá soube que seu Roberto tinha morrido de repente. Quando Nelson voltou, como seu Roberto estava morto, ninguém mexeu com o pessoal



por mais algum tempo... Aí já tinha mais gente morando neste pedaço. Zefa e Rosa, filhas de D. Aurora, foram das primeiras a fazer casa. D. Aurora conta assim: "Zefa 'tava sem casa e eu disse prá ela fazer o barraquinho aí do lado. E ela fez... Disse a mesma coisa prá Rosa. E ela fez... Como diz o ditado, no lugar que 'teja a galinha, teja os pintos." João Grande, Helena, Pelé, Calango, foram dos primeiros que vieram

16
morar aqui também. Nesta época, os dois barracões do começo de tudo já tinham virado casinhas, que eram feitas aos poucos com muito esforço e carinho. Cláudio conta que ele mesmo fez a casa dele umas 4 ou 5 vezes: "Um quarto aqui, outro de fora, derruba um pedaço para melhorar, fez de novo... "mesmo que casa de João de Barro", explicou. Arlinda mesmo, contou que comprou o barracão na mão de Pelé, pegou a picareta, cavou um espaço até o paredão e foi construindo. Ia para o mato sozinha catar paus. Louro ajudou um pouco. "Um dia eu envarava, no outro ele envarava", contou ela. "Nesta época estava grávida de Marileide. Fui para a maternidade sozinha mais a vizinha. Fiz café, feijão no fogo, fui para Lauro de Freitas, Tsila, Roberto Santos, onde a menina nasceu. Voltei sozinha com a menina nua." Quando a Embasa começou a botar os tubos de água, na avenida Aurora as casas ainda eram poucas. Com os trabalhos da tubulação o movimento cresceu. Na venia de D. Aurora, na hora do almoço o movimento era enorme. Ela cozinhava e vendia refeições para os trabalhadores, que compravam também muita cachaça e cigarro. Mas, houve outra intimação para o pessoal sair, no final do ano de 1981, ou começo de 82. Vieram pessoas que tomaram o nome e o número de todos os moradores. Depois chegaram homens com armas dando um prazo pequeno para todos saírem. Os vizinhos ajudaram com um advogado, e o advogado conseguiu que não fossem expulsos ainda desta vez. A expulsão estava ligada à pretensão da AABB de que aquelas terras eram deles. Não ficou resolvido o problema com a AABB, está na justiça. Eles passaram um muro alto cercando os seus terrenos, a uma pequena distância dos fundos das casas da Avenida Aurora. Antes queriam passar o muro pelo meio das casas, derrubando tudo e expulsando todo mundo. As casas continuam de pé, mas a lagoa usada para água de tomar banho e lavar roupa desapareceu, aterrada por tratores a serviço deles. O pessoal do "D. Aurora" hoje mais organizado, tem cavado poços em suas próprias casas e quando tem seca contam com a ajuda dos moradores do Coqueirinho, onde podem pegar água, principalmente na fonte de seu Vermelho. Há muita união do povo do "D. Aurora" com o do "Coqueirinho". Na escola muitos dos alunos são de lá. As duas escolas do "D. Aurora", uma menor, inaugurada em 83 e a outra maior, de 1984, são exemplos da força e coragem das pessoas deste lugar, que com a união e organização têm conseguido construir.

História contada pela comunidade nos círculos de cultura, da Escola União.

Texto organizado por Tânia Penido, professora de história, que participou de todas as reuniões do círculo até que fosse completa da a história.



"Ela disse que não sabia ler, mas que tinha muita vontade de aprender."

Arlinda, uma das pessoas que mora em "D. AURORA" há muito tempo e que era lavadeira de Ângela, um dia conversando com ela disse que não sabia ler mas que tinha muita vontade de aprender. Então Ângela disse: "Tá legal! Você vê quantas pessoas mais, lá de sua comunidade, não sabem ler e tem interesse de aprender, depois você vem aqui e a gente pode marcar as aulas, para a noite, 3 vezes por semana e eu ensino vocês a ler". Aí, quando ela apareceu, veio acompanhada de umas 6 pessoas que queriam aprender a ler. Ângela começou a reunir esse pessoal na varandinha da casa dela e o grupo cresceu pra umas 10 pessoas, entre pessoas mais velhas, rapazes e moças e foi então que Ângela me convidou para pegar a parte de matemática,

pelo menos umas duas vezes por semana. Acho necessário dizer que utilizávamos o método Paulo Freire de Alfabetização. Bem, eu passei a ir à casa de Ângela então, pra ver com o pessoal essa parte de matemática. Mas isso funcionou lá só alguns meses. Depois, a casa de Ângela precisou entrar em obras e aí ficou aquele problema, porque as casas lá da comunidade são tão minúsculas que não havia um só local onde se pudesse reunir, não havia móveis e não havia espaço físico, de tão pequeninas que as casas são. Então, o que se pensou foi o seguinte: existia na rua onde moro, uma escola cooperativa (agora foi demolida) que estava desativada e que foi construída por amigos da gente. Eu e o Nelson fazíamos parte dessa cooperativa. O terreno pertence ao pai de

um amigo nosso; entramos em contato com ele e perguntamos se havia possibilidade de ceder o espaço prá o pessoal, enquanto a casa de Ângela estava em obras. Ele concordou. A escola já estava toda instalada, com móveis bem rústicos que nós mesmos tínhamos feito prá criança. Foi só então comprar algum material, fazer uns reparos e começar a dar aula ali. Nesse momento foi discutida a possibilidade de Zefa, uma das moradoras da comunidade que é alfabetizada, vir a se integrar à equipe de alfabetizados, fazendo inclusive o treinamento de monitora pelo método Paulo Freire. Entretanto isto não se concretizou. Outras pessoas alfabetizadas da comunidade vieram nos procurar propondo ampliar o trabalho no sentido de incluí-las, para que fizessem um treino em leitura, escrita e principalmente em matemática, Zefa então se juntou a eles, isto enriqueceu muito a equipe. O círculo de cultura era feito em conjunto e depois este grupo de alfabetizados se reunia na varanda para desenvolver os seus trabalhos. O pessoal se sentia animado, mesmo enfrentando a distância e o cansaço do dia de labuta. Depois de alguns dias de maior entrosamento já assumiam tarefas e organizavam equipes espontaneamente. Por exemplo, alguns se encarregaram da manutenção da escola, limpeza, pequenos consertos, outros em ajudar os colegas com maiores dificuldades em leitura, escrita ou coordenação motora. Tudo foi muito bem até começar a chuvada. Quando começou a chover, vimos que era inviável pois já era difícil andar esses 2, quase 3 quilômetros, completamente no escuro, quanto mais com chuva. É lama! E muita lama mesmo! Inclusive tem uma baixada que nesse período todo não dá condições de passar nem

17
um carro e mesmo a pé é difícil. Então a coisa foi ficando difícil, muito difícil e o pessoal começou a pensar numa maneira de levar a escola prá dentro da comunidade. Continuava o problema de local. Foi então que um dos alunos, que na época era solteiro, se propôs a emprestar sua casinha, nos dias de aula ele desmontaria a cama e aquele espaço funcionaria como escola. Interrompemos então as aulas por um tempo, prá que se fizesse uma reforma nessa casa. Um outro aluno que trabalhava numa fazenda conseguiu uma carroça emprestada para transportar os móveis cedidos pela Escola Cooperativa e começou a funcionar a escola na casa do seu José Sergipe.

Mas à medida que ia havendo mais matrícula e mais pessoas, começaram a procurar espaço prá estudar, a casinha foi ficando pequena também. Aí o pessoal, novamente, começou a pensar numa maneira de resolver o problema e foram feitas algumas reuniões e se decidiu por construir uma escola em esquema de mutirão. Foi nessa época, no finalzinho da escola na casa de seu José Sergipe, que apareceu a oportunidade de se fazer um projeto pelo SEC-MEC. Ângela falou disso prá nós e marcamos logo uma reunião. Então Glória, que é do MEC, e mais algumas pessoas do CECUP estiveram na reunião que foi muito concorrida. Foi uma reunião, assim, extraordinária, onde se decidiu batalhar pelo projeto. Foi tirada uma comissão para o projeto e outra para o mutirão. Mais uma vez a aula foi interrompida até que se conseguisse outro espaço. O projeto foi feito e mandado para Brasília. Foram feitos também 3 mutirões, sempre aos domingos. Com o dinheiro coletado na comunidade e com uma contribuição do CECUP

feito um almoço com o pessoal do mutirão. E num clima de festa foi iniciada a construção da nova escola. O primeiro passo foi buscar madeira num mato próximo. Os homens cortavam a madeira mais grossa, com o machado e as mulheres usavam o facão para cortar a madeira mais fina. Não sendo possível a entrada de carro, arrastaram essa madeira numa distância de mais ou menos um quilômetro. Com mais 2 outros mutirões a casa ficou pronta. O telhado foi feito com um empréstimo do CECUP. O pessoal se sentiu muito orgulhoso com a conclusão da escola. Pintaram a casa de

verde-claro, escolheram o nome de "Escola Santa Rita", nome de uma das alfabetizadas do grupo. Foi escolhido o sábado de aleluia para a inauguração. Somaram as alegrias da festa de inauguração com a malhação do Judas, que é uma das maiores tradições da comunidade. Zefa fez o Judas, seu João Vivi escreveu um longo testamento, citando quase todos os moradores e visitantes. Foi uma festa animadíssima! Houve comidas típicas, bebidas e forró até às quatro horas da manhã. Com a escola voltando a funcionar, veio juntar-se a nós Nelson e Mirtes e a equipe, agora maior, foi rearru-

Testamento do Judas Tlexon

Com a noite meus amigos, meus
meus filhos meus irmãos,
fornos Sabainhas e Camarada,
fofo vou claudis meu quartem,
não me esqueça de niguem, todos
que com azer tem
Para minha nota Simara,
vou de meu telefone,
e meu nota Janel vou
dar meu chapé

Para meu nota Ana,
vada Tenho o seu discos,
dixco a escola Santa Rita
para ele bagunçar.

Para minha nota Vanúgin,
vada Tenho o seu discos,
mas dixco a casa de Jaqueiro
praí ela se limpar.

Para meu nota Agnaldo,

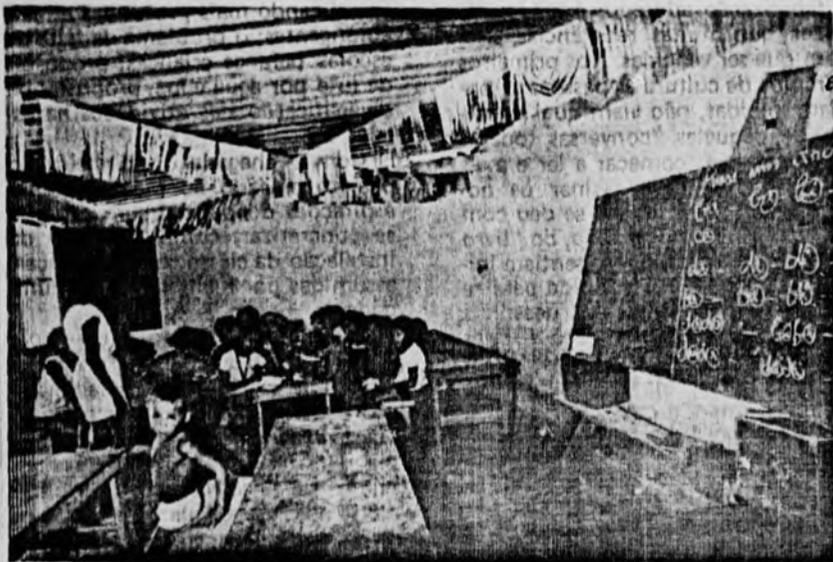
mada para a alfabetização e pós-alfabetização. Sobre o método de alfabetização adotado, é necessário dizer que muitas resistências tiveram que ser vencidas. Nos primeiros círculos de cultura as pessoas se sentiam inibidas, não viam qual a finalidade daquelas "conversas todas". Queriam logo começar a ler e a escrever, aprender a assinar os nomes... Outra resistência se deu com relação à falta da cartilha, do "livro de a, b, c". Também se sentiam inicialmente pouco à vontade para se manifestarem através de desenhos ou pequenas dramatizações. Mas aos poucos essas barreiras foram caindo. Os círculos de cultura foram se tornando cada vez mais um espaço para debates de questões do interesse de toda a comunidade. Nas primeiras reuniões o pessoal começou a contar as histórias de cada um, os motivos da migração para a cidade, a dureza da vida na roça, a seca, a falta de escolas etc. Aos poucos começaram a fazer um paralelo entre o que viviam na roça e a vida atual, começaram a contar as expectativas de cada um e as frustrações: falta de empregos, saúde, escolas, moradia. Alguns se destacavam mais nestes debates mas geralmente todos participavam. Paralelo ao círculo de cultura iniciou-se os treinos de leitura e escrita, aproveitando sempre palavras colhidas pelos próprios alfabetizando, de uma relação que era escrita no quadro de giz. Após o treino de umas 4 palavras (pato, bola, yoto, menino) surgiu a sugestão de se iniciar a cartilha. Cada aluno recebia uma folha em que desenvolvia com cada palavra geradora os passos propostos pelo método. Após uns dois meses estava pronta a cartilha, enriquecida com pequenos textos falando da realidade local. A essa altura o pessoal já reconhecia a importância do círculo

de cultura e o valor desse trabalho conjunto. As questões debatidas foram ficando mais profundas e mais abrangentes: o problema da falta de escolas para as crianças, propostas de luta por água e luz, propostas de diversificação das atividades na escola, etc.

Com a chegada do dinheiro do projeto enviado ao MEC, algumas aspirações do pessoal começaram a se concretizar, como é o caso da instalação da classe para as crianças, assumidas por membros da comunidade.

Ainda sobre a história da escola gostaria de falar sobre a avaliação que o pessoal faz do trabalho até agora. A avaliação é sempre muito positiva. Um dado recente da última reunião de 14/06 — eles acham que o trabalho da escola e a própria construção da escola já trouxe um benefício enorme à comunidade, inclusive algumas pessoas estão tentando melhorar a fachada de suas casas pra ficar em concordância com o prédio da escola que é o único de alvenaria.

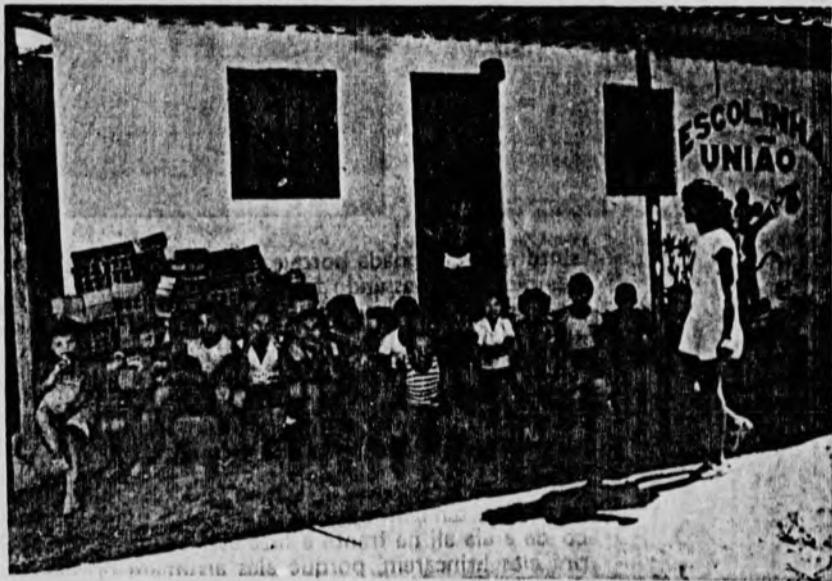
Texto de Maria Aparecida O. Gomes, socióloga e professora de matemática para os adultos na Escola União.



"Aí eles faziam desenho da vida deles..."

No início eu peguei as crianças maiores, que já conheciam mais ou menos as letras, aí eu comecei trabalhando com eles, fiquei um tempo com eles trabalhando, desenhando a vida deles, primeiro eu sentava com eles e conversava, *aí eles faziam desenho da vida deles, da mãe deles e aí nisso aí, a gente pegava uma palavra e começava a fazer, trabalhar com ele na palavra*, e a família, e os pedacinhos ia separando. E depois eu fiquei com os menores, agora eu tô com as crianças menores. Com os menores eu tô dando assim, mais papel prá eles riscá, eu trabalho com barro, dou papel prá eles recortarem, colagem, um monte de coisas que eu dou prá eles fazerem, brinco com eles de correr, é noção das coisas que eles sabem, de audição, espaço, visão, essas coisas. Eu aprendi com Mirtes e com Esmine, a gente viu que aí é bem mais fácil da gente aprendê e de ensiná. Tem na minha sala 26 alunos de tarde, Cleusa tem 29 de manhã, ela está com os maiores. Com as crianças maior, por pouco que eu sei ler também escrever, mas o trabalho era melhor com as crianças maior. As crianças pequenas dão mais trabalho que as crianças maior. Com as menor eu também pergunto da família, quantas pessoa moram com eles e coisa assim né, de quantidade. Eu começo a aula a uma e meia e largo as quatro e meia. Muitas vez

tem uns que traz a merenda, outros não traz. Aí fica assim: — Não vou merendá, não. Outro que vai merendá, eles ficam assim em cima, pedindo, pedindo, sabe. A gente queria, tá querendo ver se consegue a merenda escolar do MEC né, mais aí é preciso que tenha o atestado, porque a gente tava na escola velha, Santa Rita, e aí a gente mudou prá escola nova, e botou o nome de Escola União, mas prá gente ir lá no MEC a gente tem que levá os papéis todo legalizado. Aí tem que trocá os papéis, estamos esperando este atestado que vem de Brasília. Não são todas as crianças que são bem alimentada, quer dizer a maioria tão assim co-



"Tem criança que chega lá e diz: — Eu só vim um pouquinho, porque daqui a pouco eu vou prá casa comer."

mendo besteira e passando o dia. *Tem criança que chega lá e diz, — Eu só vim um pouquinho, porque daqui a pouco eu vou prá casa comer, que eu tô com fome e a mãe não me deu comida até agora. Quer dizer, ela não quer ficá ali, porque não vai guentá ficá ali, com fome entendeu? Ela vai prá casa vê se acha alguma coisa-prá comê, eu deixo, porque não tem quem guente, eu mesmo não guento chegá aqui, me sentá, ficá quieta ali sentada, eu não, então eu deixo as crianças ficarem a vontade, não forço, eles querem ir prá casa, tão com fome? Vá. Porque eu fico, eu me sinto assim com uma dor por dentro, eu não tenho a merenda ainda prá dá prá essas crianças, entendeu? Eu me*



sinto assim magoada porque eu vejo né, que as crianças tão assim passando fome e eu não posso fazer nada, eu não vou prendê uma criança dessa na escola, que eu sei que ele não vai conseguir fazer nada, então eu deixo ele ir. Eu não sei se eu queria o melhor pros meninos daqui, eu não sei se eu exagero também, mas é que esses meninos de tudo eles fazem um brinquedo, até de um pedaço de pau. Eles sobem no pau, sai deslizando, mas não sei não, porque eu acho que é muito difícil ou talvez não seja nem tão difícil a gente conseguir, também uma escorregadeira, botá um pouco de areia ali na frente e fazê assim uns brinquedos prá eles brincarem, porque eles arrumam brinquedo de pulá, de tudo, por cima das mesas. Outro dia eu fui lavá a escola junto com eles, aí botei as mesa prá fora e uma das mesa ficou assim inclinada e eles desciam assim, tchum e batiam a bunda lá em baixo. Eles ficam assim procurando, porque aqui na rua não tem nada prá brincá, eles ficam catando no lixo latinhas, essas coisas prá brincá; se tivesse assim tipo um parquinho na frente da escola seria ótima, daí pelo menos dia de domingo, porque as mãe não sai né, não leva eles prá lugar nenhum, se tivesse, pelo menos eles se distraiam um pouquinho na escola. A gente faz muita brincadeira, a gente faz porque veio um teatro de bonecos dó CECUP prá qui né, daí a gente viu mais ou menos, aí tem dias que a gente pega, geral-

"A gente pede que os meninos traz uma boneca de casa e aí a gente bota um pano assim na janela e fica com eles mesmo imitando."

mente de 15 em 15 sexta-feiras a gente pede que os meninos traz uma boneca de casa e aí a gente bota um pano assim na janela e fica com eles mesmo imitando, aí os meninos acham divertido, se divertem, brincam muito, gostam muito. E a gente sempre faz, em época de festa a gente faz. Sete de setembro eu já fiz um desfilinho aí com eles, brincadeira mesmo, pega uma latinha de leite, essas coisas e aí a gente sai brincando, desfilando aí pela rua e eles adoram né. Dia das crianças a gente fomos no zoológico, levei um bocado de crianças, a gente arrumô uma Kombi, aí levô eles, algumas mães foi comigo ajudar, foi ótimo eles gostaram muito, inclusive lá tinha um bocado de bichinhos, tinha o pato Donald, tinha a Emília, tinha um bocado de bichinhos, eles adoraram e levamos na praia também, eu, Dona Vitória, Maria, elas me ajudaram, a gente catô um bocado de buzinhos de fazer colar e eles dedicaram muito, se divertiram, adoraram, tão sempre gostando. Agora no São João a gente fez uma festa na sexta-feira, eles dançaram a quadrilha, dançaram prá caramba, tinha sanduíche, tinha pipoca, amendoim e eles brincam, se distraem mesmo, são uns meninos assim muito esperto. Agora na Páscoa tava fazendo um ano que a gente tinha inaugurado essa escola Santa Rita e a gente ia inaugurar essa nova escola, a Escola União, aí juntamos tudo, a festinha dos meninos, a escola nova, o aniversário da antiga, o judas que a gente fez e então a gente fez um festaço. Aí eu juntei os meninos assim e fiz um papézinho com eles, aí eu botei o nome de um: fato, de outro chupa-molho, outro feijão, farinha, aí eu botei uma papeleta bem grande assim na frente de cada um né, não sei se ficou muito bom, mas os meninos se distraiu, que até hoje um tem o nome de chupa-molho, era uma pechinha que eu fiz.

Depoimento de Zefa
— Josefa Rosa dos Santos,
professora comunitária.
Aluna à noite.



Cleusa, fale um pouco sobre a sua turma na Escola?

Lá eu divido a turma em grupinhos, porque lá tá assim né, tem uns três que só sabem mesmo co-brir, então eu dou coordenação mo-tora prá eles. Os cinco maiores, mais adiantados, eu dou conta, se-paração dos pedacinhos de sílaba. E tem outros também grupinhos que eu divido lá, que eu dou a fa-mílias das palavras, dou a palavra por exemplo: "casa" — ca, ce, ci, co, cu e sa, se, si, so, su, também faço física, canto, brinco com eles.

Já fizeram algum passeio?

É. De vez em quando a gente sai prá passear, procurar sementes com eles, fazer uns trabalhinhos lá com eles, a gente desenha também. Perto de São João mesmo nós fo-mos pela praia, pegamos palito de

picolé, fazemos uma fogueirinha de lembranças prá eles. Aí eu levei eles, aí a gente catou palito de picolé, buzinhos e a gente cola no papel de ofício.

O que você acha que a escola pre-cisava ter prá facilitar o trabalho de vocês?

Bom, o que eu precisava mesmo era um mimeógrafo, mas chegou né, e como Zefa disse, também um par-quinho lá cairia legal prá eles.

Algum problema que você acha que as crianças tem que você gostaria de trabalhar, ou de chamar al-guém prá prestar alguma ajuda, co-mo na questão da saúde por exem-plo? O que você acha?

É, quanto a merenda também muitos se queixam, ou qué logo o recreio prá merenda. Muitos não tem dinheiro, aí fica assim com fo-me, querendo ir embora logo, sair

antes do horário prá ir embora prá comer alguma coisa, como Zefa disse mesmo: Cléber lá no dia da festa tava assim tão suando de fome coitadinho, aí Zefa deu um pãozinho a ele com laranja, ele comeu aí melhorou mais, mas ficou assim com olho nas coisas sabe. Então se a merenda viesse o mais rápido possível seria melhor prá eles, eles se queixam muito. E sobre a cartilha também as mães só vivem perguntando cadê a cartilha deles, que elas preferem comprar sabe, não querem muito palavras assim como eu dou lá, prá metade do grupo.

E você acha que se você pedir elas vão comprar?

Possível né, se elas pedem assim!

Porque você acha que elas pedem a cartilha?

Não sei. Porque ela acha que eu dando família assim, ela acha que não adianta muito e eles também se cansam muito.

Por quê?

Porque eles acham que dá: la, li, lo, lu é demais prá eles.

Por que?

Não sei, se eu dou a palavra assim dividir, eles diz que já está enjoado disso, prefere a cartilha pelo menos eles vê um desenho ali e tal, diverte mais a eles e eles ficam mais contentes.

Além da cartilha, que mais as mães reclamam, você tem conversado com muitas mães?

É, porque eu sempre tô passando na casa de algumas né, eu caminho por ali. Elas só falam mesmo da cartilha nada mais, perguntam como eles estão lá.

E por que você já não começou a fazer uma cartilha com eles, como a gente fez com o pessoal adulto e depois a gente roda essa cartilha?

Eu faço também, porque eu te-



nho uma, aí mesmo do Calabar. Sabe lá ela dá uma palavra e dessa palavra ela faz uma frasezinha e manda eles desenharem, mas aqui eles não querem desenhar, as vez eles risca tudo e me entrega, diz que não qué desenhá nada não. Como eu tenho lá mesmo, que os meninos plantam as flôres, muitos fizeram bonitinho e outros só fizeram riscos dizendo que não querem desenhar nada. Porque prá mim desenhá também né, eles pintá, não adianta muito.

O contato de você com o pessoal do Calabar tem sido bom?

Foi, eu fui lá uma vez só, eu fiquei de ir com Zefa novamente, mas não sei, Zefa tava com outros problema aí e também foi na época das férias aí nós paramos, ficamos de voltar lá, eu tô até com o cartilha deles aí que é prá entregá né, eu acho importante ter esse tipo de en-

contro eu vi o tipo de trabalho deles, a horta também, lá dos padres.

E essas crianças maiores de sua turma, elas já perguntaram, já sentiram vontade de começar a mexer com a horta?

Isso também eles têm o lado da preguiça, sabe, mas a gente força um pouquinho aí eles vão, que a gente explica que é prá eles mesmo, mas também nem todos querem ir, vão assim esforçado mesmo. Eles só ficam com vontade de comer o pão, só vivem falando no nosso forno de barro da escola. Zefa que fez uns pãesinhos lá no dia da reunião, eu não pude ir, mas tá bom o forno, acendeu, tudo.

E a respeito das vagas, continuam procurando?

Eles procuram, mas eu digo que não tem, eu já tô com 29 crianças, não dá mais. Se eu fosse colocá todos que me pede aí ficava demais. Tem toda a criançada do Coqueirinho que não tem escola, a que tem tá parada, é do estado e tá parada, não tem professor, falta terminá telhado, piso, rebocá, tão começando logo o posto médico, já tá bem alto, as outra escola que tem lá é paga, muitos não pode pagá.

E as festas que você tem feito com eles?

Bom, a tarde eu com Zefa, a gente montava aí com eles sabe, no dia de Páscoa mesmo eu fiz uma pecinha com eles, um foi o coelhinho, outros foi os ovinhos de páscoa, aí a gente amarrou um pano assim na janela, fica de lá de trás assim com o bonequinho e os outros ficam assistindo, eles gostam, mas as vez eles não querem brincá de teatro, não querem estudá, não sei o que eles querem, aí eu tento fazê eles pararem ali, eles ficam reclamando, mas tem que levá aí.

Por que eles ficam tão agitados às vezes?

Eles se agitam, e eu não sei, não sei o que eles sentem realmente, que eu converso com eles, tento, as vez eu deixo até de dá alguma coisa prá eles e eles não querem conversa, uns querem brincá, outros querem estudá, outros querem merendá, e fica assim, aí eu não posso, tem um grupinho lá de querê merendá, outro de brincá, outro de estudá e fica assim aí, eu não posso nem atendê a todos, talvez com a merenda, eles já sabiam que tinha ali, eles paravam um pouquinho, acalmava mais.

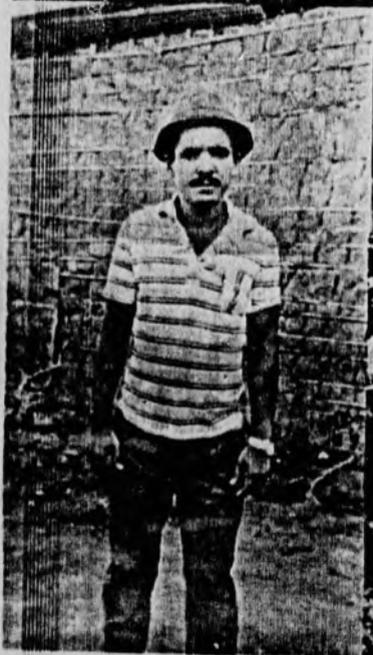
A gente perguntou muito se as crianças estão gostando, e você tá gostando?

Há, muito me adoram, eu falo que vou sair eles: não... não... não... não... Eu gosto deles também, esses dias de férias aí, eu tava sentindo até falta deles, apesar dos gritos, agitação toda, mas dá falta de dá aula, eu gosto.

Entrevista com Cleusa,
professora comunitária.

Aspectos da Comunidade







CENTRO DE EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR

Aceita-se contribuição de outros grupos ou pessoas relatando experiências em Educação Popular.

Rua Barão de Stuart, 06 - Escadinha de Nazaré - Nazaré
Tel.: (071) 242-8982 - 40.000 - Salvador - Bahia

Vamos começar a ler?

Para a festa nova

Mãe, pai, um papo e um
um outro papo, também que faz
uma festa e a festa é assim
a festa é assim, a festa é assim
a festa é assim, a festa é assim
a festa é assim, a festa é assim?

É assim

É assim

É assim, é assim, é assim
é assim, é assim, é assim

É assim, é assim, é assim
é assim, é assim, é assim

É assim, é assim, é assim

É assim, é assim, é assim
é assim, é assim, é assim

É assim, é assim, é assim
é assim, é assim, é assim

É assim, é assim, é assim

as casas desmoronam

rar. E, junto à notícia de desabamento, ganhou as páginas dos jornais a situa-

o Estado faça inv perdido para a re

27: "C"

Caderno de Educação Popular

Cecup - Centro de Educação e Cultura Popular

am aos poucos a ser habi-stitutas, marginais e fami-síma renda, e a abrigar atigravam em torno destas população. Estabelece-

avisaram que não há dinheiro para isso. "O Estado não tem verbas", afirmou o governador Roberto Santos, lembrando que o montante requerido — cerca de 120 milhões de cruzeiros —

no lo N° 3 área ne ção administ das atividades termin

ruas, então, hospedarias nodos e corti pre-ndições de sa do lico. Final Fundação do reocupar prim o casario de

A destinação dos imóveis residenciais recuperados no Pelourinho e para o Estado de Salvador sugere a Prefeitura Municipal de Pelourinho

Centro nomear ur in ho 'AC, em tência de m situa-ificações contram ao seu



mentos s pop e hab encia i ea, no minante obiliár io de o. Para ncia d alquer

imitem e deses municipais, tem obrigado um número certo atenção das autoridades. Por outro lado, uma farta coleta de opiniões anônimas, divulgada em jornais e sendo por nós arquivada falam de: "limpar a zona de seus moradores atuais" e "limpar a área dos obstáculos que hoje existem (as pessoas) interna-mento de marginais, seleção dos

tais edu ncia de podera. rado" e

er público, fechando-se un-ulo vicioso — o Estado para não valorizar e ma porque a valorização e o círculo seja rompido. rros desabamentos virão. que os danos sejam ape-

que aqui vivem antes de tudo seres humana cujos direitos essenciais e os benefícios do desenvolvimento lhes são negados. Com a colaboração desse jornal, podemos alertar a opinião pública e conseguir uma certa atenção das autoridades.

sição, vem como meremora "festas de combate" e os moradores", "afugentar" e os marginais al infesta- as crianças para inter- las de profissionais titutas ao curso de artes "melhorar a de fr Pelourinho (transfor titutas e virtuosas de de

ção da prostituta con- aldo a preocupação do tr-ntárias, brasileiras e frat- munitário do Maciel, que- promovendo no satao da- egunda Exposição Artesa- do Maciel, uma most- es por mulheres que resid-

Por outro lado, uma farta coleta de opiniões anônimas, divulgada em jornais e sendo por nós arquivada falam de: "limpar a zona de seus moradores atuais" e "limpar a área dos obstáculos que hoje existem (as pessoas) interna-mento de marginais, seleção dos

Partem tais afirmações para mos, e lutar que a sociedade histórica e social área, e o da rede de Pessôas que para defende

Veja o que as mulheres do Maciel são capazes de fazer

Coordenação Geral

Coordenação Executiva

Samuel Aarão Reis
Severino Soares Agra Filho
Domira Fernandes Araújo
Normando Batista Santos
Jerusa Maria A. Moreira
(Cine-Clube)
Elias Bonfim
(Teatro de Bonecos)
AJVS Godi
(Teatro Popular)

Programação Visual/Diagramação e Arte Final

M^a Christina de Souza
Fotos
M^a Cristina de Souza

MEC-SEC-SEPS-FNDE

Programa:

**INTERAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO BÁSICA E OS DIFERENTES
CONTEXTOS CULTURAIS EXISTENTES NO PAÍS.**

Projeto CECUP:

**AMPLIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE
ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS**

Salvador - Bahia - Brasil

Março de 1985

APRESENTAÇÃO

25

A educação volta hoje a ser discutida como uma prioridade, e os educadores em geral buscam novas soluções para velhos problemas, tais como: analfabetismo, evasão e repetência, adequação dos currículos e programas à cultura local, formação de professores, ligação da escola com a comunidade.

Ao mesmo tempo, e já com vários anos de experiência, vários bairros populares de Salvador, através de suas Associações de Bairro, resolveram enfrentar os problemas educacionais vividos por suas respectivas comunidades: num primeiro momento construíram escolas, na base do mutirão e com os materiais disponíveis, indicaram professores entre os próprios moradores do bairro, prepararam um programa e um currículo e adotaram uma metodologia adequada às suas necessidades e características, prepararam ainda material didático próprio, organizaram encontros pedagógicos entre os professores de várias escolas cuidando de sua formação etc.; num segundo momento estas escolas de bairro passaram a lutar junto ao governo, responsável pelo financiamento da educação, pela contratação de seus professores, pelo recebimento de material escolar e de merenda, e, também, pela oficialização destas escolas.

Este movimento dos bairros populares, e das Associações de Bairros, tem demonstrado muita força e riqueza, e hoje já existe em funcionamento cerca de 20 "escolas populares" — no Calabar, no Beirão Manguê, na Plataforma, em Dona Aurora, no Stiep, no Arraial do Retão, na União Paraíso, no Maciel, e em vários outros bairros.

Na discussão de novas políticas educacionais o povo portanto não pode ficar ausente, ele tem o que dizer, e o que diz é a partir de uma experiência pedagógica concreta.

Todos aqueles que se preocupam com a Educação estão interessados em conhecer esta experiência popular que se realiza bem aqui em Salvador. E em aprender com ela.

O último número do "Caderno de Educação Popular" tratou da Escola União localizada em Dona Aurora. O número atual é dedicado à experiência em educação e cultura realizada no Maciel.

Da Coordenação Executiva

CONVERSANDO COM AS PROFESSORAS



Há quanto tempo vocês trabalham com crianças?

Carmem — Há 2 anos que eu trabalho aqui e com crianças, sendo que no ano passado tive muitas dificuldades, achei terrível o ano passado. Em primeiro lugar eu não estava acostumada com esse ambiente, achei as coisas difíceis, eu não conseguia controlar essas crianças, cada dia que se passava a coisa piorava. Nesse ano não, foi mais fácil, eu já estou mais acostumada com eles, foi bem melhor pra mim esse ano.

Então a dificuldade estava em vocês?

Carmem É, em mim e também nas crianças né, que não são mole não. Agora eu consigo controlar por mais rebeldes que sejam.

Que método você usa com as crianças?

Carmem Olha, eu fiz magistério, hoje faço História na universidade, mas o que eu utilizo mesmo é o Paulo Freire que aprendi o ano passado lá no CECUP.

Esse método tem ajudado alguma coisa?

Carmem Tem, claro, a gente aqui faz assim; pega também com o Alfa por causa do material, a gente tem dificuldade do material. O Alfa já vem com o material, então a gente faz uma adaptação, o material do Alfa e a maneira de agir, a parte pedagógica (os pedacinhos, a formação das famílias) é de Paulo Freire.

Como é a prática dessa mistura Paulo Freire e Alfa?

Carmem Eu acho bom na medida em que ajuda as crianças a ter material prá escrever porque só no método de Paulo Freire eu acho que ia dar problemas prá crianças, eu acho a mistura boa, muito mais rapidez pra ler e pra escrever. A gente não faz o círculo de cultura como a alfabetização de adultos. Eu dou um pedacinho daquilo que eles querem aprender e um pouco daquilo que eu acho bom para eles. Eu tenho na sala crianças de 7 a 13 anos.



liete Eu tenho na minha de 6 a 10, e trabalho com eles a partir das palavras que eles disserem, eles falam muito daquilo que eles vêem aqui: briga, polícia, maconha, etc... Essas coisas então, esses nomes eu vou colocando no quadro e daí vamos fazendo as famílias. No começo eu tinha muito medo, inclusive da área, que o pessoal falava que não era um lugar apropriado pra gente vir. "O que as pessoas iriam pensar...", logo no início fiquei com medo. Até minha mãe disse: "Se eu fosse você não iria, fica aí se arriscando". Mas eu vim com a força de vontade; também quem me deu mais força foi Trindade e Pe. Sérgio e quando cheguei aqui tive outras pessoas que me deram a maior força, como Domingas. E então eu continuei, no princípio tinha medo das crianças também, porque vinham com pedaços de vidro, pau prá arrumar uns nos outros. Com isso eu conversando com eles, eles deixaram, não vieram mais com os pedaços de vidro e pau.

Eu criei muitas experiências com essas crianças, aprendi muitas coisas com eles, e hoje eu tô aí.

Logo no começo eu também não conseguia controlar essas crianças, mas depois fui me acostumando, fui criando amizade com eles, tem uns que me chamam de pró, outros de Eliete, eu gosto, eu me sinto bem quando eles me chamam de Eliete, pelo nome sabe? Eles tem confiança na gente e a gente tem neles, tanto tem que as mães também criaram confiança na gente. Nas visitas que a gente faz nas sextas-feiras isso ficou claro. Antes elas tinham aquele medo, aquela vergonha da gente, prá elas era como se a gente fosse assim, uma pessoa que vem de longe, assim como uma doutora, eles pensavam assim, mas depois foram se acostumando com a gente; nós chegávamos, ficávamos à vontade, sentávamos no lugar que tivesse, numa cama, cadeira, no chão, no lugar que fosse a gente sentava na maior simplicidade, numa boa, não precisava de coisa. Então elas se acostumaram com a gente e criaram aquela confiança. Quando elas tem alguma coisa assim de mais e não querem contar pra outras pessoas, elas chegam e contam pra gente os problemas que acontecem com elas, com os filhos. Então a gente trata a criança sabendo o problema dela dentro de casa, com os pais. Como já sabemos o que se passa com as crianças,

temos é que tentar melhorar isso.

Carmem Essas visitas são pra ter uma relação entre a família da criança e a escola, porque a gente achou o seguinte: não adiantava conhecermos a realidade da criança só na escola sem conhecer a realidade das crianças em casa. A gente tava tendo muito problema. A educação da escola sozinha não ia adiantar nada. Então a gente passou a ter uma relação com os pais, inclusive pra



dar incentivo também pra que eles estudassem, conhecessem a escola. Também pra indicações de algum problema que tivessem, até mesmo prá outras coisas que não tivessem a ver diretamente com as crianças, como o INPS, que indiretamente também é problema das crianças. E a gente sabendo dessas coisas, falava com Domingas e a equipe, para saber o que se podia fazer por essa família. E é bom prá educação da criança a gente poder conhecer, como eu mesma falei nesse instante, que determinados tipos de atitude das crianças eu não entendia e passando a fazer as visitas a gente começou a conhecer mais a realidade delas, que a gente estava pensando que era uma coisa e era totalmente outra.

Que tratamento os pais dão pros filhos?

Carmem Bate demais e é por isso que as crianças sentem dificuldades aqui, porque não estão acostumadas com palavras de carinho, bom tratamento. A criança estranha, são todos acostumadas com pancada. Como uma mãe mesmo chegou aqui e disse: "Se houver qualquer problema me chame porque eu venho aqui e dou pancada nele". Nesse ano, logo no início de março, teve a mãe de um aluno aqui, pegou o menino sacudiu, sacudiu, bateu e disse que se acontecesse alguma coisa era pra falar que ela voltava aqui prá bater nele, e foi embora. Pior de tudo é que elas batem, vão embora e pra gente que fica aqui é que é barra, porque eles descarregam tudo em cima de nós...



Como vocês ensinam?

Eliete Para a matemática, por exemplo, a gente usa tampinha, gude, palito de picolé, às vezes pedras que eles trazem e aí a gente vai aprendendo a fazer os números e a contar, eles fazem assim, inclusive eles tem até uma caixinha aí que eles mesmos colocaram o nome deles, cada um tem uma caixinha e dentro da caixinha tem gude, palito de fósforo, de picolé, pedra, etc... Eles vão trazendo e botando na caixa, deixam tudo aí, no dia que eles querem pegam a caixa e começam a contar, eles já sabem

contar.

Agora deram pra trazer planta, porque a gente tem uma música que fala de todas as partes da planta, eles já gostam dessa música né Carmem?

Carmem Como gostam.

Eliete Então eles cantam, já sabem as partes da planta, e tem dias que uns aqui trazem um bocado de planta, trazem com aquela boa vontade. Eu aceito que eles tragam, é com tanto amor e carinho! Uma das meninas plantou, ela mesma plantou uma vasilha de margarina; todos os dias eles botam água e tá sempre aí, eles mesmos tomam a iniciativa das coisas e a gente aproveita, aproveita tudo o que eles trazem e fazem. A gente aproveita.

Essas crianças saem preparadas para entrar numa escola do Estado?

Carmem A gente só manda pra outra escola quando a gente tem certeza de que a criança sabe mesmo, fora disso a gente não manda. Como tem uma menina aí mesmo, que repetiu, não sabia nada, não adiantava passar e depois ficar insegura. A nossa preocupação não é passar, é realmente ensinar alguma coisa prá eles e aí vão direto pro 1º ano. Aqui não tem 1º ano, aqui é só alfabetização.

Eliete E quando eles saírem daqui, já vão sabendo alguma coisa de escola e também da própria realidade, né? Porque de fato nas escolas oficiais eles não vão aprender o que se passa na realidade, no dia a dia deles, eles vão aprender as coisas assim superficiais, mas o aprofundamento da vida, o que se passa, eles não vão aprender. Aqui eles já saem sabendo, né?

E vocês duas, como é que preparam as aulas?

Carmem Tem muita coisa que a gente só vai aprendendo mesmo é com a experiência porque a gente pega o livro e aí vai ler aquele negócio, aquele monte de coisas, explica tudo, quando chega na hora, o rendimento é pouquíssimo. Quando as coisas acontecem naturalmente o rendimento é muito mais.

Eliete Também as crianças sentem dificuldades né, a gente chega com uma coisa preparada pra dar pra eles e eles não se sentem bem, não aprendem, porque às vezes tem esse negócio né, às vezes não se alimentam bem, vem sem almoçar, não tem assim aquela vontade de estudar, de prestar atenção e entender

Carmem Uma coisa interessante que aconteceu umas duas semanas atrás

foi que eles aprenderam a ver as horas, eu acho que eles estavam querendo aprender mesmo. Eu fiz o relógio com cartolina e também no quadro, chamando um por um. Sei que eles já aprenderam a hora inteira, ainda não sabem contar de cinco em cinco, mas contando os minutos eles acertam a hora, por exemplo: 120hs. eles sabem que é uma hora e vinte minutos, eles contam de um em um, tem um trabalho muito grande, mas conseguem.

Eliete Uma coisa interessante foi no dia que a gente trabalhou com jornal: eu peguei um bocado de jornal lá em cima, trouxe pros meninos olharem, ver as figuras, cortarem alguma letra. De repente uma menina pegou o jornal e embolou assim e fez um tipo de boneco. Ela fez uma coisa tão engraadinha, fez os braços, os pés; aí me mostrou e pronto: todo mundo viu e começou a fazer também, apareceu de tudo, barco, sanfona, sacolinha..., taí, tudo colado na sala! Eu achei isso importante pra eles.

E com que disposição eles retornam na segunda-feira?

Eliete Quando eles chegam aqui na segunda-feira, já vem com aquela carga toda que leva sábado e domingo. Porque eu acho que é o dia pior, tem mais briga, o pessoal bebe, os pais bebem, aquela coisa toda, então eles vêm mesmo carregados, aí chegam aqui e descarregam, né? Através dos gritos e dos desenhos, tem uns que riscam com aquela vontade todo o papel, bem forte, com aquela vontade mesmo, eu mando eles colocarem o nome e guardarem, às vezes eu deixo eles descarregarem de outra forma, boto eles aqui fora e eles correm, brigam.

Carmem É, isso também tem que ver, não tem espaço pra brincar, só tem esse pedacinho aqui que também fica embaixo da pastoral, não pode fazer muito barulho porque tem gente que trabalha aí em cima, que também reclama da zuada. Então ficam presos na sala, presos direto, por isso que a gente solta cedo, às 4:30hs., sem dar os trinta minutos de recreação, por falta de espaço.

Eliete Às vezes a gente procura um lugar pra sair com eles, vamos pro parque, mas esses meninos são fogo. Estamos querendo levar eles na Biblioteca.

Como é que vocês carregam esse bando de crianças pro parque?

Eliete Nós vamos andando daqui até a Fonte Nova com esses meninos todos, vamos em quatro ou cinco professores, o guarda ajuda a atravessa, vamos todos cantando pela rua né, Carmem?

Carmem Não é mole não. Rebentaram o brinquedo do parque todo, que nada!

Eliete Eu parecendo uma doida saio na frente cantando "eu vou andar, eu vou andar, quem quiser que me acompanhe".

Carmem Tudo isso porque ficam presos, né? Na festa das crianças no SENAC, Ave-Maria, meteram a mão por dentro da roupa do palhaco pra conhecer.

Eliete Eles tem uma curiosidade de saber quem está por trás da má-



cara, eu sei que o pessoal já estava reclamando, mas foi bom. Nós fizemos uma semana de festas para comemorar o dia da criança.

Carmem Também foi bom, cada dia foi super diferente, um dia foi o caruru aqui da escola, o outro foi a apresentação da Eliete com o seu grupo de dança, no outro foi o dia do SENAC, teve um dia pra uma peça de teatro aqui mesmo do Maciel, tem um grupo de meninos e meninas de mais ou menos uns 12 anos que bolaram eles mesmos uma peça de teatro e vieram aqui pedir pra gente pra apresentar e nós, é claro, aceitamos. Estamos até convidando eles pra vir aqui formar um grupo.

Sábado mesmo nós vamos fazer um festival de pipocas; onde vou passando vou convidando todo mundo, aqui todo mundo já conhece a gente, até lá em cima perto do Pelourinho. Já me acostumei que até tô gostando de andar aqui. Quando eu falo que trabalho no Maciel, todo mundo fica espantado, com o olhar cheio de interrogação, "Maciel?" É uma pena, esse lugar é muito discriminado.

Como são divididas as classes aqui?

Valdete Na minha turma tem crianças de 4 a 6 anos, depois tem alfabetização 1 e alfabetização 2. Na minha sala nós trabalhamos muito com o desenvolvimento da coordenação motora, pintura, colagens, recortes, etc... Não temos um método específico é muito conforme a criança está querendo.

O que você aprendeu com as crianças?

Valdete A simplicidade delas, o amor que elas depositam na gente, porque o que elas mais necessitam é de carinho, os pais não tem tempo, por isso eles se apegam tanto na gente, nós devolvemos esse amor pra eles, no cuidado do dia a dia, na hora da merenda cuidamos pra que lavem as mãos, ensinamos como eles devem comer, porque tem muitos que querem comer de mão e então nós ensinamos direitinho, como sentar na mesa, muitas crianças ficam até tarde na rua, os pais não ligam, tudo isso reflete na criança, que chega aqui e quer bagunçar, não tem interesse de aprender, tem preguiça de desenhar. As mães gostam da escola aqui e dizem que eles aprendem mais aqui que nos outros colégios, as crianças também gostam de vir, eles vinham sem a mãe mandar!

As visitas aos pais, nas sextas-feiras, como é?

Valdete A gente solta mais cedo e sai prá visitas, melhorou muito depois das visitas, porque as mães não ligavam se as crianças vinham prá escola, deixavam por conta, eles mesmos que vinham, então faltavam muito, nas visitas nós falamos pra elas e elas agora já tem um pouquinho de responsabilidade de mandar as crianças, se preocupam de mandar limpos, que não vinham. Já melhorou bastante o tratamento com os filhos, que antes apanhavam demais a gente vem batendo sempre nessa tecla com elas, prá elas não baterem nas crianças, porque tudo delas é assim, eu vou bater, eu vou bater...



IOLANDA

Eu cheguei por intermédio de reunião, eu não participava da reunião, mas depois quando começou esse trabalho aí (merenda escolar), eu comecei a participar.

E aí, me chamou atenção assim de que alguma coisa melhor ia acontecer na minha vida. Então daí que veio surgindo os cursos, retiro, encontro, essas coisas todas. E eu me sinto bem, me sinto ótima mesmo!

Quando eu não estou trabalhando na escola com a merenda eu venho pra casa ajeitar as minhas coisas.

Agora mesmo, nas férias, como eu sempre aproveito, resolvi botá uma guia pra mim mesma, só boto a guia (barraca), de ano em ano, não fico com a guia definitivamente porque as vezes tenho precisão do dinheiro e só recebo dia 1º e tenho necessidade, eu tenho minha mãe, de vez em quando eu ajudo ela, e tenho o meu menino de criação, ele estava aqui nesse instante.

Compro uma calça, uma sandália, alguma coisa assim pra tapiar ele. Mas eu tô ótima, tô bem. Eu sei que deu o que fazer mesmo, e foi aquilo que eu sempre pedia a Deus, e deu certo. Quer dizer eu pedia uma melhoria, que eu sempre pensava assim: eu tenho fé em Deus que quando eu chegar a trinta anos eu não quero mais tá nessa de ficar na porta chamando homem. Pois é, porque antes mesmo quando eu trabalhava aí, quer dizer, hoje em dia é difícil eles respeitarem também, principalmente a Polícia Militar, é difícil eles respeitarem, mas depois que eles viram o meu entrosamento com a Pastoral e com as meninas da Pastoral também, aí eles procurou mais respeitar, quer dizer, as vezes acontece se eles estão batendo em alguém, eu sou um pouco curiosa, porque muitas vezes também eu

não tô gostando e dou penada, eles procuram sabê de mim se é meu parente, quê que eu estou fazendo ali, o que é que eu tô olhando, e eu não respondo nada a eles, mas eu acho assim, porque eles de primeiro, uma mulher não podia ficar na porta, que eles vinham, ela só podia sair 8 horas da noite, a Polícia Civil vinha e tirava, dizia que ela estava trotando e não sei o que, diversas coisas dizia.

E também se eles passam e vê a gente, a mim pelo menos eles não me diz nada, tanto faz eu tá aqui, como na escola, como em qualquer lugar que eu esteja, eles não me diz nada, porque eles vê o entrosamento que eu tenho e o trabalho das meninas da Pastoral, que também é um trabalho valorizado, e eles não tem nada que falar. Mas antigamente era uma falta de respeito, era uma coisa assim estúpida mesmo.

Vê como a violência aqui é demais, não só a policial, eu mesma, já aconteceu um lance comigo tá entendendo? Como no ano passado eu morava com um rapaz e uma simples, uma fofoca, porque fofoca a gente nunca diz que é simples, porque fofoca num instante aumenta, uma coisa que não tinha acontecido. Então eu morava em frente ao posto policial, em frente ao posto policial. Então eu dormindo ele pegô, eu acordei com aquele pau de mutiacho, aqui, assim no meu rosto,

então eu lutei com ele, fui forte mesmo, lutei com ele, aí fui forçada também a reagir, porque se eu não reagisse ele me matava, lutei com ele, e sabe aqui no meu rosto estava um buraco enorme, que cabia uma mão, então de repente os policiais tava tudo dormindo, aí de repente alguém se levantô e foi chamá a polícia, quando a polícia chegô ele já tinha se picado. Eu fui pro pronto socorro e fiquei dois dias na sala da UTI, internada sem visita, sem nada, as meninas tudo preocupada comigo, de professora à equipe, todo mundo preocupado comigo.

Fiquei dois dias, com três dias aí que eu desci pra sala de visitas, que eu tinha me operado, tive que botá platina, eu fiquei com defeito aqui na boca, eu tô pensando, tem um tratamento dos meus dentes que eu tô fazendo agora e eu tô pensando que talvez até conserte.

Então aí eu me revoltei e disse, sabe de uma coisa; de hoje eu não quero homem nenhum convivendo comigo, e não convivo com homem nenhum, eu convivo sózinha. Fim de semana eu me mando pra casa de minha cunhada, aquela que tava aqui, chego no domingo, vou pro ensaio do Comanche, eu gosto muito do ensaio, não pra sair, só do ensaio. Volto já naquela preocupação de segunda-feira fazer minha tarefa né?

Então eu sou mulher, livre,

livre, livre, eu ando solta, solta mesmo que uma andorinha voando, que nada querer compromisso não, eu escapei de uma, se eu volto pra ele, ele vai me matar, eu aí com medo pode acontecer eu pensar que ele vai me matar e matar ele, e daí eu não quero perder a minha liberdade. Eu tenho muito apoio, muita liberdade. Antigamente antes de eu ter esse entrosamento eu tinha receio de conversar com as pessoas, pra mim as pessoas queriam me usá, eu tinha receio mesmo, pra mim queriam me usa, chegasse alguém pra querer conversar comigo eu não dava atenção, mas não dava atenção mesmo, eu dizia isso não vai adiantá nada, isso vai é fazer com que a sociedade se escandalize mais ainda com a prostituta. Mas depois com o



tempo eu fui raciocinando e fui percebendo que não era assim, que não era desse jeito, era desse, vendo as coisas. Eu aí, que eu já fui muito devassa também, já briguei, já cortei, já saí cortada, não ouvia indireta de

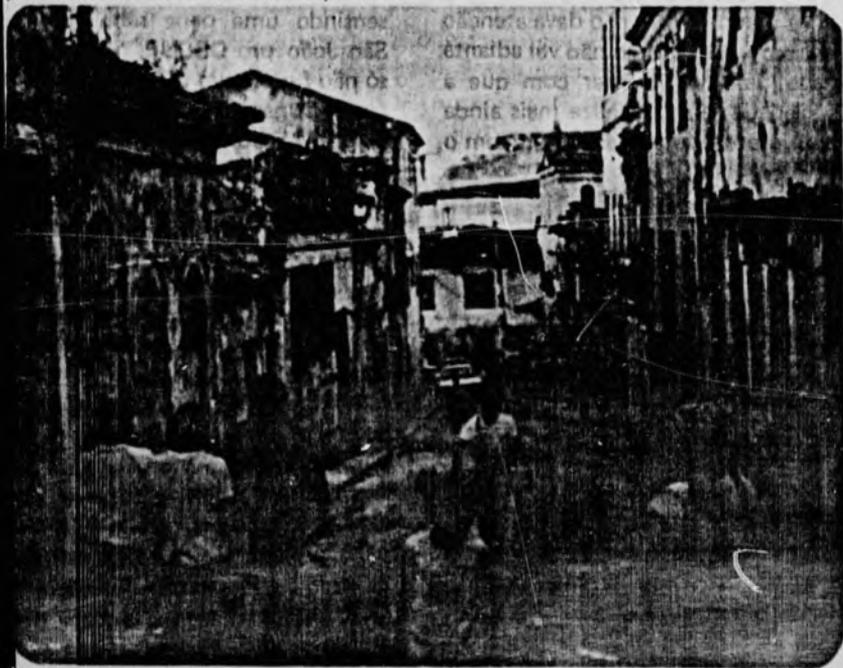
ninguém, até hoje eu não ouço indireta, se eu tiver sentada e alguém vim e dá um tapa no meu rosto, aí se eu tivé de camisa lá, a gente vai briga daquele jeito mesmo né? Mas não havendo motivo.

Esqueci essas coisas todas, cresci, aprendi, desde quando participo dos cursos, das reuniões, encontro nacional e encontro regional e tenho uma coisa assim, Movimento dos Favelados no Calabar, mas eu fui atendida tão bem, tão bem mesmo, que eu tava me sentindo uma pena sabe, no meio de tanta gente bem lá no Calabar, que eu tava me sentindo uma pena sabe? Fui no São João pro CECUP, no forrójão, só não fui pra um negócio aí do teatro de bonecos, eu não pude participar não. E eu tinha receio que, pra mim todo mundo que me visse me conhecia aqui da zona, certo? E outra, todo mundo que me visse, olhasse aqui nessa cicatriz, julgava, essa aí é uma ladrona. Mas eu nem lembro, seu eu passo num lugar e alguém julga eu não tô nem ligando, sei que eu tô andando, aí eu digo assim: eu confio em Deus e acho que minhas costas é larga, então quem quizer falar, pode falar, eu hem! Mas eu tinha receio, não era medo não, eu tinha receio, eu tinha pra mim que as pessoas queriam me usá porque as pessoas já estavam numa boa, e aí tava querendo me usá pra vê se aumentava o seu gru-

po, o seu grau, alguma coisa assim.

Hoje eu entro em qualquer tipo de setor, em banco, em qualquer, sou atendida, e se eu percebo alguém com mau olhar pra mim, eu me corrijo, e eu não tô nem ligando ali, eu tô friu pô. Nesse instante mesmo eu fui ali na Caixa com a minha cunhada, e quando chego lá, o guarda que tem lá, o segurança, me olhou assim e eu no mesmo passo olhei ele também, fiquei assim olhando ele, mas não dei sintoma de raiva, de pavor, de nada, ele me olhou eu olhei também, aí eu fui preencher a ficha lá e a moça tava

conversando comigo, de repente quando eu volto pra entrega a minha carteira de identidade, a moça do caixa aí verifica assim, aí eu disse: "não minha senhora, sou eu mesma", ela olhou pra minha identidade e prá minhas feições, pra ver se tava igual, se era a mesma pessoa, eu digo: "não, sou eu mesmo". Mas se fosse uma pessoa tão revoltada, uma pessoa que fosse suspeita por si mesmo, então já ia procurá. Eu não ligo essas coisas não, quero que as mulheres no Maciel, elas tenha vez e voto e voz.



O QUE PENSAM AS MÃES

Minha filha está 2 anos na escola da igreja, agora tá pronta prá ir prá outra escola. Adorei, adorei. Só as professoras, são uma pessoa muito legal, toda a reunião eu fui. Ela vai saí prontinha agora, como Jeanne também saiu, estudou lá e tá indo legal na outra escola, foi bem preparada. Ontem mesmo eu fui numa reunião lá na igreja, conversei com a "pró", conversei com Domingas e fiquei o tempo todinho só sai depois da reunião. A pró falou comigo que Magda não queria nem sair dali. Magda não estava nem a fim de sair da escolinha, queria ficá, ela falou até com jeito lá prá vê se a menina sai tranquila, porque ela não queria sair da escolinha não. Eu adorei, adorei.

Da Izabel mãe de 2 crianças da escola, sendo que uma já passou para a escola do estado e a outra passa agora.



Da. Angelina avó-mãe
de 4 crianças que estão
na escola da igreja e
de mais 2 que já saíram
para a escola do Estado.



Foram bem preparados, os 2 saíram bem preparado prá ir prá outra escola, e na outra está bem. Não tenho nada prá dizer, eles nunca falaram mal do colégio aí da igreja, sempre fala bem, até esses segundos que estão, fala tudo bem. Na igreja eu ainda tenho 4 lá, Cleide 7 anos, Tatiana 6, Luiz Lázaro 8, Noélia 6. Eu crio, todos são filhos de meus filhos.

Eu estou acompanhando o desenvolvimento da minha filha na escola, sim. Ela entrou com 4 anos e já tem 6, tá com 2 anos aí, prá falar a verdade, eu te digo, ela está bem desenvolvida, sabida.

Nessa visita que as professoras fazem a vocês, mães, elas dão alguma orientação de como tratar a criança?

Dá sim, manda ter mais calma, que os meninos daqui não é mole né, mas tem que ser mais calma, um bocado de coisas que elas falam, se ela sente que a menina tem algum problema, elas falam pra gente sabê, prá gente então procurá um médico e coisa e tal, ontem teve uma reunião prá gente conversar sobre as crianças. As crianças que estuda aí, se vai continuá ou se vai saf.



Da. Jaciara moradora do Maciel, mãe de uma aluna da escola.

O PESSOAL É QUE PEDIU.

A Escolinha é uma coisa que o pessoal pediu. É um instrumento de trabalho comunitário. A partir da Escolinha é que as mães se aproximaram mais, e começou a alfabetização dos adultos, porque as mães pediram para aprender a ler e escrever. O compromisso das professoras com as mães cresceu, é uma troca de experiência para conhecer melhor a realidade da criança. Estes contatos fazem compreender muito mais a situação da vida das crianças. O trabalho de educação é muito importante na relação mãe-filho. Houve caso de mães virem espancar a criança aqui na escola, de esperar na porta com um porrete, simplesmente porque recebeu uma queixa. Então as professoras conversaram com elas e as convenceram a não espancar a criança. Essas pequenas coisas aos poucos vão passando da escola para a casa e ajudam a melhorar o relacionamento.

Na metodologia de trabalho voltada para a realidade, não existe rigidez, elas tentam criar, é um trabalho muito criativo.

A falta de espaço do Centro impede que as crianças se desenvolvam mais na parte recreativa. As professoras tentam fazer um trabalho com sucata: jornal, caixas, pau de picolé, tampinhas, etc.

A estória de ensinar a ler e escrever não basta. É um trabalho muito maior, o da educação para a vida, no sentido de crescer com visão das coisas e de si mesmo. A escola sobrevive de doações e da própria luta da comunidade. Não fazemos propaganda da Escola. Os moradores é que fazem. Um passa para o outro e as mães observam o crescimento das crianças que estão aqui e querem o mesmo para os seus filhos.

Quanto à alfabetização de adultos, fazemos este trabalho desde 1983. As aulas são a noite e há muitas faltas por cansaço das pessoas, a dureza da vida e a realidade da própria comunidade, onde a atuação brutal da polícia impede as pessoas de irem até a escola. A polícia fechava a área quase todos os dias e quem não tem documento tinha medo de sair à rua. De uma turma com 20 a frequência é de 8 e as vezes só 3 ou 4.



Também inicialmente as mães levavam as crianças o que impedia o aproveitamento, discutindo encontraram-se alternativas com apoio de vizinhos que ficam tomando conta. Também há grande variação de idade (entre 11 e 60 anos, sendo a maioria de jovens e mulheres) e de níveis de conhecimento. Nós utilizamos e adaptamos o método Paulo Freire à realidade do Maciel. O Círculo de Cultura por exemplo, não oferece dificuldades, o pessoal está envolvido em todo o trabalho comunitário, participa, usa o espaço para discutir os seus problemas de moradia, saúde, educação, violência policial, etc. Mas falta-nos uma coisa muito importante que é uma maior ligação com outros grupos, outras comunidades que estejam desenvolvendo a alfabetização de adultos, sentimos que o ritmo da alfabetização está muito rotineiro, que há questões que a nossa prática do dia a dia não consegue dar respostas. Sim, necessitamos de mais troca de experiências entre monitores de diferentes comunidades e também de uma nova fase de treinamento aqui com o CECUP. A escola dá uma contribuição muito grande na luta contra a violência, contra a repressão policial. Na luta por melhores condições de saúde, de moradia.

A integração com o Cine-Clube e com o restante do trabalho comunitário faz crescer ainda mais a vida da escola.

MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DA MULHER
Equipe da Pastoral da Mulher Marginalizada

CINE-CLUBE

O Cine-Clube é uma programação muito importante na área, como o teatro, dança, educação, etc. Aqui no Maciel o principal deste trabalho é levar aos moradores, o lazer que quase não existe. O CECUP contribuiu com projeção de filmes e com o projetor em 1983, também um apoio no sentido de dar as dicas onde conseguir os filmes, articulações com outras comunidades e informes de reuniões da Federação de Cine-Clubistas da Bahia. Agora através do Prodasec, na Fundação Cultural do Estado da Bahia, estou conseguindo o projetor.

O Cine-Clube é uma contribuição muito forte, na educação e na mobilização e no sentido geral para a cultura local, principalmente para as crianças. No momento temos dificuldades de manter a programação semanal do Cine-Clube por falta de verbas. Geralmente os filmes que conseguimos são de curta metragens, em alguns consulados e no Clube de Cinema da Bahia. Estes filmes do Clube de Cinema até o ano passado davam para passar de graça e agora são pagos.

Os moradores tanto as crianças como os adultos querem filmes de longa metragem. Por exemplo os filmes de Karatê, os Trapalhões, Charles Chaplin e outros que eles se identifiquem. Com estes filmes



eles disseram que podem colaborar, pagando um ingresso para manter a programação. A realidade porém é que o aluguel destes filmes é muito caro.

Este ano de 85 estamos lutando através de um pedido a uma entidade, pela aquisição de um projetor e de uma verba para conseguir alugar os filmes. Além disso aqui no Maciel pretendemos criar novas atividades como: aulas de dança e de ginástica que as adolescentes pedem e também grupos para a montagem de peças como já houveram antes.

007710/85



CENTRO DE EDUCAÇÃO E CULTURA POPUL

Aceita-se contribuição de outros grupos ou pessoas relatando experiências em Educação Popular.

Rua Barão de Stuart, 06 - Escadinha de Nazaré - Nazaré
Tel.: (071) 242-8982 - 40.000 - Salvador - Bahia

na histórica

o orçamento da Fun
nio para 1978. O g
sua vez, através da
IPHAN, também
uma possibilid
leais e fini

PM violenta moradores do Maciel

Os moradores do Maciel não
entam mais a violência da
civil e dos PMs do 6º Ba

ESPECU
vel, segundo
ração da estrete

Cansados das atitudes
praticadas
contra homeris

anças da área. s
u ontem no T
Pública, o

coronel Bia
onde denuncia
e pedem que, "a

discriminados e m
pela prom
hum
os nossos

urinho de ha — e
se por
ças já
ticam
o sexual
violento

to a histó-
ior con-
nial da
cen-
de
m

As crianças do Pelourinho
tor, descobrem muito cedo os
chamados prazeres da vida. A
partir dos 5 anos de idade, pelo
e Art, que a prática demonstra, tanto
em geral filhos de prostitutas,
AN). Deos meninos como as meninas,
começam a desvendar os se-
em geral filhos de prostitutas. Há
poucos dias, uma mulher en-
Artístico e C, trouxe do bairro, dizendo que
o da Bahia, seu filho, de 5 anos, havia sido
Policia do bairro, dizendo que
estuprado por um outro me-
nino, de 13. Entre choro e ran-
ger de dentes, ela se lastimava de
"fizeram meu filho de

a época até agor
m-se algu
rgo do Pe
nte dito
onde se a
scravos que s am
s, hoje ponto de vi-
brigatória para os
mas, por falta de

Estado não verba para Pelourinho

uve mortos nem feridos, mas
as pessoas que habitavam os
os ficaram sem ter onde mo-

Mulher marginalizada será tema de encontro nacional



escorados: antes de unir

aquisição dos prédios do casarão colô-
nial do Pelourinho pelos governos fede-
ral e estadual, pois "não se justifica que

A conse-
mento da ár
sendo um fulr
peculação im
aumento méd
do Pelourinho
va-se a tendê
deixarem qu
conta do pode
autêntico circ
não reforma
dono não efór
é certa. Até qu
fatalmente ou
Resta esperar
nas materiais.

A valoriza
humano tem
de cinco volu
do Centro Cor
o dia 3 está p
dos Aflitos a S
Comunidade
trabalhos feito

Lixo demais
ANTÔNIO ANDR

F

I

M